

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

LARISSA SOUZA MOREIRA

“Sério, tia, que você é a tia do meu avô?”
Relações avós e netos das camadas populares e processo de alfabetização

MARIANA-MG

2022

LARISSA SOUZA MOREIRA

“Sério, tia, que você é a tia do meu avô?”

Relações avós e netos das camadas populares e processo de alfabetização

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação – Mestrado da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Educação.

Linha de pesquisa n.º 2: Diversidade, inclusão e práticas educativas
Orientação: Profa. Dra. Rosa Maria da Exaltação Coutrim

MARIANA-MG

2022

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

M838s Moreira, Larissa Souza.

“Sério, tia, que você é a tia do meu avô?” [manuscrito]: relações avós e netos das camadas populares e processo de alfabetização. / Larissa Souza Moreira. - 2022.

104 f.

Orientadora: Profa. Dra. Rosa Maria da Exaltação Coutrim.
Dissertação (Mestrado Acadêmico). Universidade Federal de Ouro Preto. Departamento de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação.

Área de Concentração: Educação.

1. Relação avó-neto. 2. Relação intergeracional. 3. Relação família-escola. 4. Educação de Jovens e Adultos. I. Coutrim, Rosa Maria da Exaltação. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 37

Bibliotecário(a) Responsável: Iury de Souza Batista - CRB6/3841



FOLHA DE APROVAÇÃO

Larissa Souza Moreira

***“Sério, tia, que você é a tia do meu avô?”* Relações avós e netos das camadas populares e processo de alfabetização**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação

Aprovada em 28 de abril de 2022

Membros da banca

Profa. Dra. Rosa Maria da Exaltação Coutrim - Orientadora - Universidade Federal de Ouro Preto
Profa. Dra. Fernanda Aparecida O. R. Silva - Membro Interno Titular - Universidade Federal de Ouro Preto
Profa. Dra. Lílian Perdigão Caixêta Reis - Membro Externo Titular - Universidade Federal de Viçosa

A Profa. Dra. Rosa Maria da Exaltação Coutrim, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito no Repositório Institucional da UFOP em 26/10/2022.



Documento assinado eletronicamente por **Rosa Maria da Exaltacao Coutrim, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 27/10/2022, às 18:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0418714** e o código CRC **8162AD0E**.

Aos meus queridos alunos do Recriavida e seus netos,
cujos laços criados nesse tempo de convivência são tão
especiais, toda a minha admiração por cada um de
vocês!

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida.

À minha querida professora e orientadora, Rosa, que me orientou com muito carinho e incentivo. Sou muito grata por todo aprendizado!

Às avaliadoras deste trabalho, Lilian Perdigão e Fernanda A. O. Rodrigues Silva, cujos apontamentos realizados na qualificação me ajudaram a avançar na pesquisa.

À minha família, Papai, Mamãe, Hugo e Lavy, obrigada por todo amor, apoio, motivação e ajuda em mais uma trajetória acadêmica, pois sem vocês não teria sido possível. Essa conquista é nossa!

Aos meus avós, Dalva e Joaquim, por serem fonte de inspiração, sabedoria e amor. Eu aprendo com vocês em cada encontro e conversa que temos.

Ao Samuel, pelo cuidado, compreensão e companhia em todos os momentos.

Aos amigos e às amigas, que me ajudaram, apoiaram, foram ombro e colo nos momentos difíceis e também vibraram com as conquistas.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Educação, da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), com os quais aprendi muito.

À UFOP, pelo ensino de excelência e por abrir novos caminhos.

RESUMO

A aprendizagem ao longo da vida vem sendo reconhecida como um novo pilar do envelhecimento ativo, juntamente com a melhoria das condições de saúde e com a participação em diferentes atividades. Todo esse ganho se deve, entre outros fatores, à importância que se tem dado à informação e ao conhecimento para permanecermos saudáveis e ativos socialmente. Nesse sentido, esta pesquisa está inserida no debate sobre a relação família - escola e as relações intergeracionais, trazendo contribuições relevantes para a Sociologia da Educação e a Sociologia da Família. A partir da discussão oferecida por autores clássicos e contemporâneos da Sociologia da Educação, como Pierre Bourdieu, Bernard Lahire, entre outros e dos que discutem a relação avós e netos como Coutrim e Figueiredo; Cristina Dias; Rosa Azambuja, entre outros, trouxemos como questão central da investigação a seguinte indagação: qual a influência do processo de escolarização tardia dos avós cuidadores nas práticas educativas dos netos em fase de alfabetização ou nas séries iniciais do Ensino Fundamental? O principal objetivo da pesquisa foi analisar a influência do processo de escolarização tardia dos avós cuidadores nas práticas educativas dos netos em fase de alfabetização ou nas séries iniciais do Ensino Fundamental. A investigação foi executada em Mariana, MG, e a metodologia seguiu a abordagem qualitativa. Além da pesquisa bibliográfica, foram realizadas observações orientadas e entrevistas com três idosos (duas mulheres e um homem) que estão cursando a sala de alfabetização da Educação de Jovens e Adultos e que são responsáveis ou corresponsáveis pelos cuidados de netos. Também foram feitas entrevistas com três netos (duas meninas e um menino) que são cuidados por seus avós e que estão em alfabetização ou cursando os primeiros anos do Ensino Fundamental I. Os depoimentos do avô e das avós e de seu/sua neto/a foram transcritos e analisados à luz da bibliografia e das anotações do caderno de campo. Os principais resultados nos mostraram que: a escola e o envolvimento com a educação impactam positivamente nos laços entre avós e netos e cria entre eles uma relação de cumplicidade e aprendizado mútuo; embora tenham baixa escolaridade, os avós transmitem valores e oferecem apoio emocional às crianças sob sua guarda e/ou cuidado, e isso se reflete no desempenho escolar das crianças; as crianças se mostram animadas e prontas para ajudarem os avós nas atividades escolares, caso seja necessário, e há uma troca de conhecimento e de elogios em torno dos cadernos, da escrita, dos desenhos e outras atividades e materiais escolares. Assim sendo, torna-se necessário que sejam criadas e fortalecidas políticas públicas que consolidem condições para que cada vez mais idosos realizem o sonho de voltar a estudar, pois os benefícios da aprendizagem vão muito além da satisfação própria, atravessando gerações e impactando na vida dos netos.

Palavras-chave: relação avós e netos; relações intergeracionais; relação família-escola; Educação de Jovens e Adultos.

ABSTRACT

Lifelong learning has been recognized as a new pillar of active aging, along with improving health conditions and participating in different activities. All this gain is due, among other factors, to the importance given to information and knowledge to remain healthy and socially active. In this sense, this research is part of the debate on the family-school relationship and intergenerational relationships, bringing relevant contributions to the Sociology of Education and the Sociology of the Family. Based on the discussion offered by classic and contemporary authors of the Sociology of Education, such as Pierre Bourdieu, Bernard Lahire, among others, and those who discuss the relationship between grandparents and grandchildren, such as Coutrim and Figueiredo; Cristina Dias; Rosa Azambuja, among others, brought up the following question as the central question of the investigation: what is the influence of the late schooling process of caregiver grandparents on the educational practices of grandchildren in the literacy phase or in the early grades of Elementary School? The main objective of the research was to analyze the influence of the late schooling process of caregiver grandparents in the educational practices of grandchildren in the literacy phase or in the initial grades of Elementary School. The investigation was carried out in Mariana, MG, and the methodology followed a qualitative approach. In addition to the bibliographic research, guided observations and interviews were carried out with three elderly people (two women and one man) who are attending the literacy room of Youth and Adult Education and who are responsible or co-responsible for the care of grandchildren. Interviews were also carried out with three grandchildren (two girls and a boy) who are cared for by their grandparents and who are in literacy or attending the first years of Elementary School I. a were transcribed and analyzed in the light of the bibliography and field notebook notes. The main results showed us that: the school and the involvement with education positively impact the bonds between grandparents and grandchildren and create between them a relationship of complicity and mutual learning; although they have low schooling, grandparents transmit values and offer emotional support to the children in their custody and/or care, and this is reflected in the children's school performance; the children are excited and ready to help their grandparents with school activities, if necessary, and there is an exchange of knowledge and praise around notebooks, writing, drawings and other activities and school materials. Therefore, it is necessary to create and strengthen public policies that consolidate conditions for more and more elderly people to realize their dream of going back to school, as the benefits of learning go far beyond self-satisfaction, crossing generations and impacting the lives of the elderly grandchildren.

Keywords: grandparents and grandchildren relationship; intergenerational relationships; family-school relationship; Youth and Adult Education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Desenho configuracional familiar dos avós entrevistados – avós, filhos e netos (2021) - família - Dona Amanda.....	67
Figura 2 - Desenho configuracional familiar dos avós entrevistados – avós, filhos e netos (2021) - família - Dona Maria.....	67
Figura 3 - Desenho configuracional familiar dos avós entrevistados – avós, filhos e netos (2021) - família - Senhor Joaquim.....	68

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Famílias entrevistadas, dados dos avós e seus netos.....	19
Quadro 2 - Autores, títulos, principais discussões e metodologia das dissertações e teses sobre relação avós e netos na interface com a escolarização publicadas entre 1993 e 2019.....	37
Quadro 3 - Dados Gerais sobre os Avós Entrevistados, 2021.....	61
Quadro 4 - Dados Gerais sobre os Netos Entrevistados, 2021.....	61

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 A FAMÍLIA EM MUDANÇA: DIFERENTES CONFIGURAÇÕES E RELAÇÕES COM AS NOVAS GERAÇÕES.....	22
1.1 Família como espaço de socialização.....	24
1.2 Mudança nas configurações familiares.....	25
1.3 O papel das famílias na escolarização.....	29
1.4 Famílias com avós e a relação com os netos.....	32
1.5 O que trazem as teses e dissertações sobre a relação entre avós, netos e escolarização.....	36
2 O IDOSO NA EJA: EM BUSCA DA REALIZAÇÃO DE UM SONHO ANTIGO.....	50
2.1 O idoso – a educação continuada ao longo da vida como direito.....	50
2.2 O retorno aos estudos: a educação de jovens e adultos como espaço de aprendizagem e sociabilidade para os idosos.....	52
2.3 A permanência do idoso na Educação de Jovens e Adultos.....	56
3 “É LEGAL O VOVÔ ESTUDAR PORQUE ELE APRENDE AS MESMAS COISAS QUE EU JÁ SEI” – QUANDO AVÓS E NETOS ESTÃO NA ESCOLA: COOPERAÇÃO E APRENDIZAGEM INTERGERACIONAL.....	60
3.1 A entrevista com os avós.....	62
3.1.1 O processo de escolarização e a importância da escola.....	62
3.1.2 Práticas educativas na escolarização dos netos.....	70
3.1.3 Situações de apoio, cooperação e conflito com os netos.....	77
3.2 A entrevista com os netos.....	80
3.2.1 Importância da escola (para si e para o avô).....	80
3.2.2 Situações de apoio, cooperações e conflitos com os avós.....	84
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	88
REFERÊNCIAS.....	92
APÊNDICE 1 - ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS AVÓS.....	99
APÊNDICE 2 - ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS NETOS.....	103

INTRODUÇÃO

A partir de 1960, houve em quase todas as principais as regiões brasileiras uma forte redução na taxa de mortalidade (IBGE 2016), o que resultou em grande aumento do número de idosos¹. O envelhecimento populacional traz mudanças muito significativas na pirâmide etária e impacta na vida do indivíduo, nas estruturas familiares e na sociedade. Segundo Araújo, Ribeiro e Paúl (2016), as melhores condições de saúde e de vida, vinculadas aos avanços sociais, políticos, econômicos e culturais, trouxeram uma ampliação da sobrevivência humana e, conseqüentemente, um grande aumento da esperança média de vida.

É importante considerar as oportunidades que um envelhecimento saudável oferece para os idosos, mas, em países com grande desigualdade econômica e social, como é o caso do Brasil e de tantos outros, não se pode ignorar a situação de vulnerabilidade em que vivem muitos idosos. Os modelos de envelhecimento ativo, saudável e bem-sucedido não se aplicam a uma grande parcela de idosos, porém, não se pode negar que, no Brasil, as pessoas estão vivendo mais. A expectativa de vida no país em 1940, segundo o IBGE (2019), era de 41,5 anos. As projeções dessa mesma fonte apontam que a expectativa de vida brasileira ultrapassará os 75 anos ou mais em 2060.

Embora esteja em ritmo acelerado, o aumento da população de pessoas idosas ainda é um fenômeno recente na realidade nacional. Para França, Silva e Barreto (2010), muitas ações, principalmente nos setores da economia, educação, saúde e serviços sociais, precisam ser implementadas para que o envelhecimento seja considerado, de fato, um ganho para a sociedade.

Com o aumento da longevidade também se amplia o tempo para a convivência entre as gerações. Segundo Tomizaki (2010), é importante pensarmos de maneira cuidadosa como essas relações geracionais são assumidas, uma vez que o convívio entre as gerações implica na transmissão de saber tanto para o grupo familiar quanto para a comunidade ao seu redor, além do fato de que, em muitas famílias, a figura dos avós simboliza mais do que a memória do grupo: ela significa proteção, carinho e acolhimento (ROSA, 2018).

¹ Utilizamos aqui o termo idoso para pessoas com 60 anos ou mais, seguindo o estatuto do idoso (lei nº 10.741/03), que é uma Legislação Brasileira e que, apesar de ter sido publicada há quase 20 anos, segue em vigor. Das Disposições Preliminares, Art. 1.º, é instituído o Estatuto do Idoso, destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, assim efetivando o idoso ao direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer e ao trabalho, e oferecendo uma maior qualidade de vida.

Contudo, o convívio familiar não é o único espaço de sociabilidade para os mais velhos. Para essa população, têm sido apresentadas diversas oportunidades de lazer, estudos e atividades físicas. Com mais autonomia, uma renda mínima garantida pela aposentadoria e pensão, bem como maior expectativa de vida, os mais velhos estão buscando cada vez mais atividades que vão além daquelas vinculadas diretamente à família, seja por meio da volta aos estudos, da realização de atividades físicas, de lazer, da participação em grupos religiosos e culturais, entre outros.

Segundo Araújo, Ribeiro e Paúl (2016), a aprendizagem ao longo da vida vem sendo reconhecida como um novo pilar do envelhecimento ativo juntamente com as condições de saúde e a participação em diferentes atividades – tudo isso devido à importância que se tem dado à informação e ao conhecimento para permanecermos saudáveis e ativos socialmente. Ainda segundo os autores, a palavra ‘ativo’ nos dias de hoje ganha um novo significado, ultrapassando as questões da manutenção da força de trabalho e vinculando-se a ações sociais, culturais, religiosas e educativas.

Dados do IBGE (2019) demonstram que o Brasil tem mais de 28 milhões de pessoas na faixa etária de 60 anos ou mais (número representa 13% da população do país) e deste quantitativo, cerca de 6 milhões de idosos não sabem ler ou escrever. A mesma fonte afirma que a maioria dos alunos da terceira idade não puderam estudar porque tinham que trabalhar ainda crianças ou tinham que ajudar em casa, cuidando dos irmãos, por exemplo. Além disso, muitos tinham dificuldades no acesso à escola, principalmente na zona rural. Por estes motivos e tantos outros, o retorno às salas de aula tem sido uma alternativa para muitos idosos brasileiros que desejam se alfabetizar ou continuar seus estudos.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) se constitui como um importante espaço de aprendizado e de socialização para as pessoas que não tiveram oportunidade de estudar quando crianças ou jovens. Hodiernamente, muitos estudantes da EJA, idosos ou não, já são avós e decidem voltar aos estudos tardiamente por diversos fatores. Nesse processo recebem, em muitos casos, incentivos da família, filhos e/ou dos netos para vencerem os obstáculos e se manterem na escola.

Ribeiro (1997) e Vóvio (2008) comprovam os efeitos da escolarização para as pessoas adultas e seus descendentes inseridos no processo de escolarização e os benefícios adquiridos com o ato de ler e escrever, tanto para o adulto quanto para filhos e netos. Os próprios idosos, quando decidem voltar aos estudos, veem esse retorno como um investimento em si mesmos e em sua autonomia, seja para conseguir tomar um ônibus sozinho, fazer uma lista de compras

ou para manusear o caixa eletrônico do banco, por exemplo. As pesquisas também demonstram que existem benefícios adquiridos pelos mais velhos com o ato de ler e escrever na perspectiva do alfabetismo (COURA, 2007; RIBEIRO, 1997). Outrossim, esses idosos reconhecem a importância da escolarização para seus filhos e também netos, seja no momento de tomar o transporte público para levar e buscar as crianças na escola, seja até mesmo para auxiliá-las nas atividades escolares, caso necessitem de ajuda.

Os estudos também demonstram que a volta do adulto à escola proporciona novas experiências, objetivas e subjetivas, aos indivíduos. Segundo Abreu (2001), a apropriação da leitura e da escrita é capaz de extinguir diversos entraves sociais, culturais e econômicos. Acrescentamos ainda que, para o adulto e o idoso que retomam os estudos, o que está em jogo para os próprios indivíduos é a conquista de sua autoestima frente às pessoas do seu grupo social. Dessa maneira, é importante conhecer o impacto do processo de escolarização dos mais velhos nos estudos das duas gerações seguintes, bem como da escolarização dos mais jovens no retorno e na manutenção dos mais velhos na escola.

Contudo, apesar dos ganhos de diversas ordens que a volta dos idosos aos estudos traz, o retorno aos bancos escolares e o processo de escolarização do adulto é complexo, e exige uma análise multidimensional que contemple o âmbito familiar e escolar. Em uma destas dimensões está a relação com os mais novos, como é o caso dos filhos e netos, os quais, por sua vez, também estão em processo de escolarização.

Já é de conhecimento do senso comum que o aprendizado intergeracional acontece a todo momento no âmbito familiar, porém, é importante reconhecer como os agentes atuam intermediados pelo processo de escolarização e como ocorrem as trocas. Tal complexidade despertou nosso interesse no fenômeno e, a partir das discussões propostas pelas pesquisas nas áreas das relações intergeracionais e da educação de adultos, trazemos como questão principal para esta pesquisa a seguinte pergunta: *qual a influência do processo de escolarização tardia dos avós cuidadores nas práticas educativas dos netos em fase de alfabetização ou nas séries iniciais do Ensino Fundamental?*

A partir da pergunta principal da pesquisa, definimos os objetivos, sendo o principal *analisar a influência do processo de escolarização tardia dos avós cuidadores nas práticas educativas dos netos em fase de alfabetização ou nas séries iniciais do Ensino Fundamental*, e os específicos: *analisar situações de apoio, cooperação e conflitos entre avós estudantes da EJA e netos em processo de alfabetização ou Fundamental I; compreender a importância que*

os netos dão à volta dos avós à escola; e investigar a relevância da escola atribuída pelos avós e pelos netos.

A dissertação ora apresentada está situada nos dois campos de estudos, relação família-escola e relações intergeracionais, com foco nas relações entre avós e netos, e resulta das indagações decorrentes de uma pesquisa de Iniciação Científica².

O desejo em estudar a relação entre avós e netos no processo de escolarização dos dois grupos etários surgiu de minhas vivências pessoais, profissionais e acadêmicas. Em 2017, fui monitora da *Oficina de alfabetização e letramento* para a EJA (Educação de Jovens e Adultos) no Programa Recriavida, na cidade de Mariana - MG, em parceria com a Universidade Federal de Ouro Preto. A ação extensionista despertou muitos questionamentos teóricos e metodológicos sobre a importância da educação escolar para os idosos e as gerações seguintes, e, com base nos estudos e na atuação no campo, iniciei meu projeto de iniciação científica sobre o tema. Assim, foi por meio da Oficina de Alfabetização e Letramento que começou a minha interação com esses avós/idosos e, posteriormente, com seus netos.

O Recriavida é um espaço para idosos que abrange um público das camadas populares e médias, buscando contribuir para o processo de envelhecimento ativo, saudável e autônomo, e propiciando vivências e experiências para esses indivíduos. O público da Oficina é de camadas populares: pessoas que não foram alfabetizadas ou que têm poucos anos de escolaridade. Como professora da Oficina, foi possível estreitar laços com os idosos, acompanhar através de relatos como é seu cotidiano e também a relação que eles mantêm com seus netos diariamente.

O título *“Sério, tia, que você é a tia do meu avô?” – Relações avós e netos das camadas populares e processo de alfabetização* foi inspirado em um fato ocorrido durante as relações e os encontros proporcionados a partir da oficina de alfabetização. Em uma dada ocasião, conheci o neto de um dos alunos que frequentam as oficinas; sentamos em um banco para conversar e expliquei-lhe que era professora e que conhecia o seu avô, e a criança fez logo a associação de que eu era a “tia”³ do avô. A partir daí, o neto relatou seu interesse pelas

² Programa de Iniciação Científica PIBIC/CNPq/ UFOP. Desenvolvido junto à Prof.^a Dr.^a Fernanda Aparecida Rodrigues Silva (DEEDU/UFOP), de agosto de 2017 a julho de 2018, tendo como objetivo verificar os efeitos de irradiação, para si e para seus descendentes, dos benefícios adquiridos da volta do adulto aos bancos escolares em cursos de alfabetização.

³Essa visão de “tia” segundo SILVA, ABUD (2014), agrega ao docente um vínculo familiar importante, configurando-se como uma extensão do acolhimento materno em seu novo ambiente. Podendo agregar um aspecto emocional que favorece o processo de aprendizagem da criança. Não é intento problematizar isso nesta pesquisa, mas apenas trazer, a título de complementação e curiosidade.

tarefas do avô, pelo caderno, pelo colorido das atividades, entre outras coisas, e ali surgiu uma relação de efeito reverso. Compreendemos aqui como efeito reverso quando os netos se entusiasmaam com o retorno de seus avós à escola e os incentivam a estudar, compartilhando aprendizagens e descobertas.

Do ponto de vista da pesquisa científica, este estudo se justifica pela sua relevância nas áreas da Educação e dos Estudos Geracionais. O investimento das famílias populares na trajetória escolar de seus filhos tem sido objeto de estudos de pesquisadores da Sociologia da Educação no mundo todo na busca de se investigar a relação entre família-escola (BOURDIEU, 1996; BOURDIEU, 2005; PORTES, 2000). Menos abundantes e ainda com pouca aderência à sociologia da educação, as pesquisas sobre as relações intergeracionais buscam compreender como o apoio afetivo e estrutural que os avós oferecem aos netos contribui para maior segurança nas atividades do cotidiano e se refletem no processo de aprendizagem das crianças (COUTRIM *et al.*, 2018).

A relação entre as gerações dos avós e dos netos vai além do cuidado. Existe uma complexidade nessa rede relacional que tem nas mobilizações formadas o modo para resolver aquilo que é urgente; assim, ser avó ou avô envolve uma tríade geracional constituída por avós, filhos e netos. Tal complexidade tem sido pouco analisada sob o ponto de vista da Educação, pois raros ainda são os estudos específicos nessa área. Os poucos que existem ainda possuem baixa visibilidade na academia (ALVES, 2013).

A educação escolar tem assumido um papel preponderante na vida dos indivíduos nas sociedades industriais, porém, diversos autores como Alves (2013), Coelho (2018) e Coutrim (2007) demonstram que ainda existe uma lacuna de artigos que exploram as relações entre os avós e netos e o contexto escolar, principalmente quando se trata dos avós como principais responsáveis pelos cuidados e pela educação dos netos, bem como a importância que esses dão à volta dos avós aos estudos. Assim, investigações sobre o universo dos idosos cuidadores contribuem para uma compreensão maior desse grupo, que ainda é desconhecido enquanto agregador de valor à família e, principalmente, no acompanhamento escolar das crianças. A escola é muito valorizada pelos avós cuidadores, que percebem na escolarização um caminho para a ascensão social.

Assim, ao trazer para a reflexão um tema que envolve a relação família – escola e as relações intergeracionais –, este trabalho trará contribuições relevantes para o campo da Educação e, mais especificamente, para a Sociologia da Educação, bem como para a Sociologia da Família, pois ao tirar o foco da escola e dos pais como centro do processo

educativo, possibilitará uma melhor compreensão do cotidiano das famílias com diferentes configurações e sua relação com a aprendizagem escolar.

O percurso metodológico da pesquisa

O estudo foi construído sob a perspectiva qualitativa, da qual, dentre uma vasta gama de tendências, podemos destacar três características essenciais segundo Alves-Mazzotti (1998): visão holística (compreensão das inter-relações que emergem em um certo contexto); tendência de abordagem indutiva (as categorias emergem durante o processo de construção e análise dos dados, daí o interesse maior no processo), e investigação naturalista (o contato é direto com o objeto de estudos no ambiente onde ocorre). Bogdan e Biklen (1994) concordam com a autora quanto às categorias trazidas por ela e acrescentam mais dois pontos interessantes: a investigação qualitativa traz forte componente descritivo e o significado é de importância vital para a investigação.

Nesse sentido, as fontes principais desta investigação foram a pesquisa bibliográfica, a pesquisa de observação e as entrevistas realizadas com três pessoas acima dos 60 anos, frequentadoras da Oficina de Alfabetização e Letramento do Recriavida, em Mariana, MG, e seus netos.

Na primeira etapa da pesquisa, realizamos um levantamento bibliográfico sobre o assunto por meio de uma busca de teses e dissertações que tratam do tema a partir dos descritores: *relação avós e netos*, *relações intergeracionais* e *relação família-escola*. A pesquisa foi realizada no Portal da CAPES e em *sites* das Universidades UFOP, UFRJ, UnB, UFJF, UECE, UCSAL, PUC/SP, UNICAP, USP, UFS e UFRGS.

O objetivo foi compreender como o campo de investigação vem se constituindo até o presente ano. Após o levantamento, foi construído um quadro destacando as dissertações e teses encontradas na pesquisa, com correspondentes área e tema, como apresentado no Capítulo 1. Ao todo, encontramos quatorze trabalhos, sendo sete dissertações e sete teses.

As teses e dissertações encontradas estão situadas em diferentes áreas do conhecimento. Rosa (2018), Schmidt (2007) e Ramos (2011) são da área da Educação; Cardoso (2010), Silva (2010), Coelho (2018), Oliveira (1993), Brasil (2015), Azambuja (2016) e Torres (2019) são da área da Psicologia; Alves (2013) traz um trabalho da área da Sociologia; Pedroza (2006), da Gerontologia, Silva (2011), das Ciências Sociais; e Oliveira (2011) do Desenvolvimento Humano e Saúde. Observamos que a Psicologia é a área que vem

tratando da discussão sobre relações intergeracionais com maior frequência. Nesse ínterim, nos chamou a atenção o trabalho de Oliveira (1993), o qual integra essa referida área, publicado ainda na década de 1990, e que aborda especificamente a relação entre avós e netos, e o de Ramos (2011), que em sua tese na área da Educação enfoca as relações intergeracionais na perspectiva das crianças.

Na segunda etapa, fizemos uma pesquisa de observação, mais especificamente a observação participante. Esta pesquisa ocorreu durante a minha atuação como professora na Oficina de Alfabetização e Letramento do Recriavida. Os idosos participantes da pesquisa frequentam a turma de alfabetização e letramento na cidade de Mariana - MG e têm convivência diária com os netos em processo de alfabetização ou que frequentam turmas do Ensino Fundamental I. Com as vivências das aulas foi possível observar os estudantes idosos, investigar os contextos de suas vivências e conhecê-los melhor. De acordo com Correia (2009), a observação participante é uma dinâmica que envolve o investigador e, simultaneamente, os instrumentos para a recolha de dados, bem como a sua interpretação.

Inicialmente, na observação participante, o investigador procura obter uma visão geral dos aspectos sociais e interações do que acontece em seu campo. Em seguida, surgem os momentos para uma observação mais focalizada, e após uma análise dos dados já obtidos é que se pode ter como foco situações e acontecimentos em específico. Ainda segundo o autor supramencionado, é na observação participante que o investigador tem o seu principal instrumento, assim como a possibilidade de colher dados ricos através de uma observação de contextos naturais, no quais se tem acesso às vivências do dia a dia (CORREIA, 2009).

A terceira etapa da pesquisa consistiu em uma entrevista com os participantes. Fica nítido que devido ao recorte de público escolhido a participar das entrevistas, no caso os estudantes do Recriavida, a diversidade dos entrevistados se torna menor. Para além, a chegada da pandemia da COVID-19⁴ fez com que os idosos, enquanto grupo de risco, buscassem afastamento das atividades sociais e dos espaços escolares em prol da saúde, sendo de extrema dificuldade buscar outros idosos em salas de EJA do município de Mariana. Desse modo, os dados foram coletados devido à proximidade que me encontrava dos participantes, visto minha atuação como professora dos mesmos. Além disso, como consequência direta do afastamento tanto dos estudantes quanto de seus avós dos espaços escolares devido a

⁴ Uma doença que ataca o sistema respiratório humano e traz outros desdobramentos à saúde do corpo, descoberta na China no final de 2019, causada por uma nova variação do vírus corona. Desde então, esse vírus vem se espalhando exponencialmente por todo o mundo – e causando milhões de mortes entre os anos de 2020 e 2022.

pandemia, foi possível observar impactos na organização familiar relacionados ao formato de estudo online, como uma maior dificuldade no auxílio dos avós aos netos.

A rotina das aulas, a convivência estabelecida com os alunos e as observações oriundas do meu campo de atuação propiciaram a escolha dos entrevistados. Levando em conta os relatos dos alunos sobre a rotina que vivenciam com seus familiares e seus afazeres, foi possível perceber que muitos deles têm seus netos presentes em seus domicílios, ou mesmo em situação de coabitação. Esses alunos-avós organizam suas tarefas diárias a partir da rotina de seus netos e, em alguns momentos, levaram seus netos para a aula porque não tinham com quem deixá-los em casa. Foi possível observar, tanto pelos relatos desses alunos/avós quanto pela presença de seus netos na sala de aula, a proximidade entre as duas gerações e como essa relação é construída no que se refere ao processo de alfabetização.

Assim, a vivência como professora da Oficina no Recriavida foi essencial para estabelecer um contato próximo aos indivíduos, detectando, desse modo, possíveis entrevistados e também famílias que tinham o perfil exigido pela pesquisa. Ou seja, que fossem provenientes de núcleos familiares ampliados, de camadas populares e com netos sob os cuidados dos avós em, pelo menos, durante parte do dia.

Para as entrevistas, selecionamos três famílias. Inicialmente, iríamos realizá-las com dois homens e uma mulher, avós cuidadores em tempo integral ou parcial – sendo este por, no mínimo, quatro horas diárias. Porém, um dos avós já selecionados, por questões de saúde, não nos concedeu a entrevista. A seleção de um novo avô ou avó e seu neto(a) foi realizada pensando no perfil da família para que o objetivo da pesquisa fosse alcançado. Dessa maneira, as entrevistas foram realizadas com as famílias, conforme quadro indicado abaixo:

Quadro 4 - Famílias entrevistadas, dados dos avós e seus netos⁵

Família I	Avó - 72 anos - Estudante da Oficina de Alfabetização e Letramento no Recriavida	Neta - 10 anos - aluna do 4º ano do Ensino Fundamental I.
Família II	Avó - 70 anos - Estudante da Oficina de Alfabetização e Letramento no Recriavida	Neta - 10 anos - aluna do 5º ano do Ensino Fundamental I.
Família III	Avô - 70 anos - Estudante da Oficina de Alfabetização e Letramento no Recriavida	Neto - 9 anos - aluno do 4º ano do Ensino Fundamental I.

⁵ No Capítulo 3 será apresentado outro quadro com dados detalhados dos entrevistados.

--	--	--

Fonte: Elaboração própria a partir de informações coletadas nas entrevistas.

Esses avós são idosos acima de 60 anos que estão intimamente ligados ao processo de escolarização de seus netos, estejam eles em fase inicial de alfabetização ou no Ensino Fundamental I. Vale lembrar que o contato com esses avós e seus netos se iniciou há alguns anos e, no início desse convívio, os netos entrevistados se encontravam em processo de alfabetização.

As entrevistas foram semidiretivas em profundidade, com os avós e também com os netos. A proposta para o momento que estamos vivenciando devido à COVID-19 foi a realização dessas entrevistas através da plataforma Google Meet, cuja interação virtual permite ver os entrevistados e interagir simultaneamente, permitindo também gravar a entrevista. Para a melhor compreensão das questões, houve adaptação da linguagem, uma vez que foram entrevistados avós e netos e todos os depoimentos foram realizados mediante a assinatura do Termo Consentimento Livre e Esclarecido pelos entrevistados, orientadora e pesquisadora, e de acordo com as normas do CEP/CONEP⁶.

Com base nos objetivos propostos para a pesquisa, desenvolvemos três eixos que nos nortearam na organização do roteiro de entrevista com os avós: Eixo 1: Processo de escolarização e importância da escola (para si e para os netos); Eixo 2: Práticas educativas na escolarização dos netos; Eixo 3: Situações de apoio, cooperação e conflitos com os netos. Para a entrevista com os netos, foram dois eixos selecionados: Eixo 1: Importância da escola (para si e para o avô); Eixo 2: Situações de apoio, cooperação e conflitos com os avós (APÊNDICES A e B).

Após as entrevistas, os depoimentos foram transcritos e analisados a partir da proposta de Szymanski (2004). Segundo a autora, para o entrevistado, a situação da entrevista pode ser interpretada de inúmeras maneiras. É uma oportunidade que o indivíduo tem de falar e ser ouvido. A intervenção do entrevistador define uma direção para a conversa conforme a situação é percebida por ele. Além disso, o objetivo da entrevista deve ser claro, para evitar, assim, o mascaramento de pressupostos e expectativas. Nesse sentido, nossas categorias de análise foram: 1- Relação com a escola; 2- Práticas educativas familiares; 3- Conflito e apoio intergeracional.

⁶ A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFOP e recebeu aprovação com parecer número 4.663.092.

Assim, esta dissertação está dividida em três capítulos. O primeiro, intitulado *A família em mudança: diferentes configurações e relações com as novas gerações*, trata das mudanças significativas que as configurações familiares vêm sofrendo, trazendo novas relações, vivências e experiências para toda a família. Nogueira e Fortes (2007), assim como Bourdieu (1996), Lahire (1997), Salles (2005), Dubar (2005) e Santos (2019), são alguns dos autores que contribuem com o debate.

O segundo capítulo, *O idoso na EJA: em busca de um sonho antigo*, apresenta uma discussão sobre a volta do idoso aos estudos e como esse espaço configura a aprendizagem e sociabilidade para esses indivíduos. Para a elaboração deste capítulo, utilizamos autores como: Serra (2012), Jardimino e Araújo (2014), e Silva (2017), entre outros.

O terceiro capítulo, intitulado “*É legal o vovô estudar porque ele aprende as mesmas coisas que eu já sei*” - *Quando avós e netos estão na escola: cooperação e aprendizagem intergeracional*, apresenta o perfil de três avós e três netos entrevistados e as análises das entrevistas. Nas seções *A entrevista com os avós* e *A entrevista com os netos* objetivamos trazer as análises dos dados obtidos durante as entrevistas, expondo, para tanto, alguns trechos, que foram analisados à luz da bibliografia trazida nos Capítulos 1 e 2.

Por fim, são apresentadas as considerações finais com os principais achados da pesquisa.

1 A FAMÍLIA EM MUDANÇA: DIFERENTES CONFIGURAÇÕES E RELAÇÕES COM AS NOVAS GERAÇÕES

A família é o primeiro grupo com o qual a criança tem contato desde que nasce, e as relações construídas no âmbito familiar influenciam fortemente no seu processo socializador, por meio da transmissão dos valores, práticas, crenças, costumes e hábitos. Por isso, tem sido objeto de estudos e pesquisas no campo da Educação.

É na família que recebemos os primeiros ensinamentos, aprendemos a falar, andar, construímos uma imagem de tudo que nos cerca e também do mundo externo. Pensando nesse contexto, a família é “(...) o filtro através do qual se começa a ver e a significar o mundo. Esse processo que se inicia ao nascer entende-se ao longo de toda vida, a partir dos diferentes lugares que se ocupa na família” (SARTI 1999, p.100). É nesse sentido que podemos pensar no grupo familiar como instância de socialização responsável pela incorporação do *habitus* primário pontuado por Bourdieu (1996):

Entendendo o *habitus* como algo incorporado ao longo da nossa trajetória de vida, por meio da nossa história e dos processos de interação social, compreende-se a importância da família nos estudos sociológicos, uma vez que é por intermédio dos processos de interação familiar que ocorrem os primeiros processos de socialização. Sendo assim, a família é tratada, no âmbito da Sociologia, como uma agência de socialização primária (CAMPOS, 2011, p. 68).

A configuração familiar nuclear formada por pai-mãe-filhos, tão presente no imaginário popular como modelo hegemônico, vem perdendo espaço, e novos perfis vão se configurando nos lares brasileiros. Os últimos 60 anos foram cruciais para essa transformação (IBGE, 2017).

Segundo estudos feitos pelo IBGE (2017), os casos de novas composições/arranjos familiares têm se tornado frequentes ao longo dos anos; essas estatísticas revelam novas tendências nesses arranjos familiares. Nesse âmbito, o clássico padrão de família está perdendo espaço e novos perfis vêm compondo os lares brasileiros, os quais têm levantado discussões sobre o que é família.

Sob o mesmo ponto de vista, Saboia, Cobo e Matos (2012) afirmam que a família, anteriormente considerada como uma das mais antigas instituições sociais, possui, nos dias de hoje, regras de constituição bastante diversificadas. As novas formas de organização são um desafio que impacta a dinâmica familiar, construindo, assim, novas compreensões no que se

refere à vivência de cada indivíduo no grupo. Atualmente, o modelo tradicional constituído por casal heterossexual e filhos não representa a maioria. Já na década de 1980 se percebia tal transformação, uma vez que a expectativa de vida havia aumentado, assim como as relações com todos do núcleo familiar se encontravam mais próximas ou estendidas, com a presença de avós, netos e até mesmo bisnetos (CABRAL, 1998).

Nesse cenário, é importante ressaltar, por fim, que as configurações familiares vêm sofrendo mudanças significativas, e que essas mudanças trazem, além de uma nova organização na família, novas relações, vivências e experiências.

Neste capítulo, vamos trazer para a discussão o papel da família no processo de socialização, dando enfoque às mudanças que a família sofreu ao longo tempo, suas diferentes configurações e as relações com as novas gerações com base em autores como Bourdieu (1996), Salles (2005), Campos (2011) e outros. As seções deste capítulo são: *Família como espaço de socialização*; *Mudança nas configurações familiares*; *O papel da família na escolarização*; *Famílias com avós e a relação com os netos*; e *O que trazem as teses e dissertações sobre a relação entre avós e netos e a escolarização*.

Na seção *Família como espaço de socialização* falamos sobre a influência da família na forma de ser e de se comportar do indivíduo, principalmente durante a infância e adolescência, uma vez que, quanto mais nós aprendemos, mais é possível socializarmos. Em *Mudança nas configurações familiares*, abordamos como a configuração das famílias se modificou ao longo dos tempos e como elas vêm se configurando nos dias atuais, em que pais, mães e avós vêm ressignificando os seus papéis. Já na terceira seção, *O papel da escolarização*, apresentamos a importância da família no processo de escolarização das crianças e jovens, enfatizando que, em muitos casos, os pais não são os responsáveis pelos cuidados e educação dos filhos. Muitas situações que serão tratadas a seguir fazem com que outros agentes assumam a tarefa de cuidar e educar as crianças, como é o caso dos avós. Nesse sentido, na seção seguinte, *Família com avós e a relação com os netos*, discorreremos sobre como a interação entre avós e netos contribui para o desenvolvimento da criança e da percepção positiva dos netos sobre seus avós. E ao final, na última seção intitulada *O que trazem as teses e dissertações sobre a relação entre avós, netos e escolarização*, apresentamos os trabalhos (teses e dissertações) encontradas na pesquisa bibliográfica que discutem a relação avós e netos, uma vez que tal discussão, na interface com a escolarização, ainda é pouco explorada pela área da Educação.

1.1 Família como espaço de socialização

A socialização é o ato ou efeito de socializar, de desenvolver a consciência social e de adaptação de uma criança à vida em um grupo, seja ele a família, a escola ou outros. Amaral (2007) analisa a socialização como o processo interativo fundamental para o desenvolvimento do indivíduo que assimila a cultura do seu grupo social e, ao mesmo tempo, perpetua essa cultura no grupo. Nesse sentido, o grupo familiar é o primeiro meio de socialização das pessoas, espaço no qual os indivíduos diferentes entre si se relacionam de maneira peculiar. Assim, não se pode negar a influência da família na forma de ser, de pensar e de se comportar do indivíduo, principalmente durante a infância e a adolescência. Os valores, tanto morais como os sociais, são transmitidos pela família servindo como uma base no processo de socialização. Pode-se pontuar, então, que o resultado desse processo é que vai dizer como a pessoa se porta (SANTOS *et al.*, 2019).

Segundo Santos *et al.* (2019), é na esfera familiar que as crianças aprendem linguagens, hábitos, culturas, valores. Ou seja, a socialização é fruto do conhecimento humano: quanto mais nós aprendemos, mais torna-se possível socializar. Na mesma direção, Dubar traz uma definição do conceito de socialização: (...) não é apenas transmissão de valores, normas e regras, mas desenvolvimento de determinada representação do mundo. É um processo de identificação, de construção da identidade, ou seja, de pertencimento e de relação (DUBAR, 2005, p. 23).

A partir desse entendimento, podemos constatar que as configurações familiares, os papéis exercidos pelos seus membros, bem como a forma com a qual o grupo administra as dificuldades e a relação interna de poder, sofrem mudanças ao longo da história e se diferem de uma sociedade para outra. Nesse âmbito, “a família é um espaço sociocultural que precisa ser continuamente renovado e construído” (PARREIRAS, 2010, p. 16) e essas mudanças ocorrem devido aos valores em ascensão do ser humano.

De acordo com Berger e Luckmann (2009), o ser humano já nasce propenso a se socializar, tornando-se gradualmente membro da sociedade. Ao longo da infância, o indivíduo interioriza e interpreta os fatos ao seu redor, processando o significado daquilo que o rodeia. Toda essa ação de adquirir sentido ou significado para os acontecimentos no âmbito familiar influencia na personalidade do ser humano e, por isso, a primeira fase da socialização cria condições e traz elementos importantes para o processo de socialização secundária, ou seja, a socialização fora do âmbito familiar.

As modificações em cada indivíduo vão acontecer a partir da relação entre a criança e a família. Após o nascimento, o ser humano precisa de cuidados, os quais fazem com que a socialização aconteça (OLIVEIRA *et al.*, 2019).

Sendo assim, a socialização do indivíduo é um processo contínuo, que vai sendo construído a partir da relação com o outro e com o meio social no qual ele está inserido – primeiramente, com a família e as pessoas mais próximas e, gradualmente, com os vizinhos e amigos, colegas de escola, com os parentes mais distantes, o trabalho, etc. Por isso, é importante ter claro que a família tem extrema importância neste processo e que este espaço sociocultural está sempre em movimento, sendo continuamente renovado e construído.

1.2 Mudança nas configurações familiares

A família de hoje não é mais nem menos perfeita do que aquela de ontem:
ela é outra, porque as circunstâncias são outras (Durkheim, 1975 *apud*
Araújo, 2011, p. 436).

Em conformidade com as ideias de Durkheim (1975), Singly (2007) afirma que cada um dos membros da família é reconhecido como indivíduo e as decisões em seu interior são guiadas pelas urgências psicológicas e individuais. O sociólogo Singly se refere a dois períodos da família moderna. No primeiro período, apreendido do século XIX até os anos 1960, o modelo de família era baseado no casamento e a divisão do trabalho era claramente definida. Ao homem cabia o trabalho remunerado, fora do espaço doméstico, ao passo em que à mulher era destinado o cuidado com a casa e a atenção à criança, saúde e educação. Um segundo período surge a partir de 1960, a partir do qual teve início a crítica ao modelo da “mulher dona de casa”, a fragilização do casamento e o crescimento da coabitação fora do casamento.

Nesse período, as crianças cresciam em famílias compostas por numerosos indivíduos e, dentro desse grupo, elas tinham pouca participação na vida familiar. As crianças ocupavam o espaço que os adultos ofereciam e o tempo para ser criança era muito curto (OLIVEIRA, 2016).

Entretanto, os padrões nos arranjos familiares no Brasil se modificaram bastante posteriormente. Se compararmos o Brasil de hoje ao de meados do século XX, constatamos que as pessoas têm se casado mais tarde, especialmente as mulheres, e também se separado com mais frequência. Em média, o número de filhos também é bem menor do que antes e as

crianças crescem em ambientes domésticos bem distantes do padrão familiar nuclear (BIROLI, 2014).

A entrada da mulher no mercado de trabalho⁷, a queda da taxa de fecundidade, a legalização do divórcio e os recasamentos surtiram mudanças na estrutura do seio da família (IBGE, 2017). Dados da Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) expõem que, desde 2005, o perfil composto por somente pai, mãe e filhos deixou de ser a maioria nas casas dos brasileiros. Nesse âmbito, uma pesquisa realizada em 2015 pelo Pnad constatou que esse arranjo tradicional ocupava 42,3% dos lares pesquisados, ou seja, houve uma queda de 7,8 pontos percentuais em relação a 2005, quando abrangia 50,1% das moradias. Novas tendências ganharam força, já que, em 2015, quase um em cada cinco lares era composto apenas por casais sem filhos, o que representa um total de 19,9%. Já as casas que havia apenas um morador representavam 14,4% do total (IBGE, 2017).

Por conseguinte, a posição das mulheres e dos homens no ambiente doméstico se modificou. Flávia Biroli (2014) salienta que essa mudança ocorreu tanto nas relações sociais em sentido mais amplo quanto na esfera doméstica. Atualmente, mais mulheres são chefes de família, constituindo-se provedoras da casa que criam seus filhos sozinhas. Vemos, então, uma menor dependência das mulheres em relação aos homens, com formação profissional e ocupando cargos de chefia, o que impactou, sem dúvida, no aumento do número de divórcios (BIROLI, 2014). Estas rápidas transformações contribuíram para as mudanças nos tipos de cuidado e no aumento da diversidade nas configurações familiares.

Para a composição dos tipos de família, foram consideradas, em 2010, segundo o IBGE, as famílias únicas e os conviventes principais. Essas famílias foram classificadas como: casal sem filho(s), casal sem filho(s) e com parente(s), casal com filho(s), casal com filho(s) e com parente(s), mulher sem cônjuge com filho(s) (também denominada monoparental feminina), mulher sem cônjuge com filho(s) e com parente(s), homem sem cônjuge com filho(s) (também denominada monoparental masculina), homem sem cônjuge com filho(s) e com parente(s), e outro – quando constituídas de forma distinta das anteriores.

Nesse contexto de transformações sofridas nas famílias citado anteriormente, Cardoso (2011) assegura que as pessoas têm se tornado avós em diversas idades, pois existem avós jovens em consequência da gravidez na adolescência ou no início da fase adulta. Contudo, o aumento da longevidade e nos casos em que a maternidade e a paternidade ocorrem mais tarde permitem que sejam encontrados avós com mais de cem anos.

⁷ Reconhecemos que, há séculos, a mulher está inserida no mercado de trabalho, porém, a partir dos anos 60 houve uma ampliação da participação feminina no trabalho formal (SINGLY, 2007).

A evolução da composição populacional por grupos de idade aponta para a tendência de envelhecimento demográfico, que corresponde ao aumento da participação percentual dos idosos na população e à conseqüente diminuição dos demais grupos etários (IBGE, 2016). Conforme já relatado anteriormente, o IBGE revela que tem crescido o número de pessoas de 60 anos ou mais na população brasileira, destacando também a rapidez com que essa mudança está interferindo no perfil da população brasileira.

Com o rápido envelhecimento populacional, os idosos começam a enfrentar diferentes desafios antes não vivenciados, encontrando-se em um novo cenário e exigindo um olhar para a integração desse grupo etário na sociedade. Contudo, o envelhecimento populacional é apenas um dos fatores que influenciam na organização familiar. De acordo com o IBGE,

Muitos fatores têm efeito sobre a formação das famílias e dos arranjos, tais como: o aumento da esperança de vida, o declínio da fecundidade, a migração para áreas urbanas, o aumento da escolaridade e da inserção das mulheres no mundo do trabalho, a atualização na legislação sobre divórcio, separação, união estável e casamento entre pessoas do mesmo sexo etc. (IBGE, 2015, p. 26).

Estas mudanças na estrutura e função configuram novos arranjos e papéis no grupo ligados ou não a laços de parentesco. Em uma casa onde moram avós, filhos e netos, primeira, segunda e terceira gerações, o dia a dia é regido por estratégias e mobilizações para que a dinâmica das atividades aconteça, seja em relação à organização da casa, da rotina do trabalho ou da escola, e em muitos desses novos arranjos há famílias chefiadas por idosos. Em 2019, de acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADc), os idosos contribuíam com 70,6% da renda dos domicílios compostos por pessoas dessa faixa etária e 62,5% de sua renda vinha de aposentadorias ou pensões. Essa situação mostra que esses sujeitos têm assumido um protagonismo importante nas famílias. De acordo com Camarano (2002), os apoios intergeracionais têm sido crescentemente importantes como estratégias de sobrevivência. Uma das estratégias é a coresidência, onde a renda dos idosos desempenha um papel importante nos domicílios.

Outrossim, pode-se afirmar que a redução do número de filhos nas famílias é uma realidade que atravessa diferentes classes sociais, deixando características específicas em cada uma das famílias. Esta transformação, segundo Camarano e Kanso (2011), não acontece de maneira uniforme em todo Brasil, já que há diferenças entre as regiões. Na região Sudeste, região onde esta dissertação foi realizada, por exemplo, as taxas de fecundidade são muito

baixas. A redução da fecundidade e o aumento da expectativa de vida são fatores que projetam uma transformação na família.

Para Coutrim, Figueiredo e Oliveira Júnior

Com essas transformações estruturais familiares, o papel dos idosos está se modificando. Entre as famílias das camadas baixas é muito comum encontrar situações em que avós e netos moram no mesmo lote, dividindo quintal ou até no mesmo domicílio. E, mesmo que os mais velhos mantenham residência independente de seus filhos, tal fenômeno causa um impacto nas famílias, pois representa novas formas de negociação e apoio intergeracional (COUTRIM; FIGUEIREDO; OLIVEIRA JÚNIOR, 2011, p. 3).

Assim, por necessidade e/ou desejo, muitas famílias têm optado por coabitar ou morar muito próximas de seus idosos – fenômeno este que tem se tornado cada vez mais comum nos casos em que os avós cuidam dos netos quando os pais estão ausentes. Assim, a coabitação, segundo Machado (2009), é uma alternativa de compartilhamento de suportes material, econômico e emocional, organizada na lógica da ajuda familiar com os filhos, netos e demais membros da família. Em sua pesquisa, a autora supramencionada destaca que a maioria das avós eram donas do imóvel compartilhado por todos da família e contribuía com a renda familiar. A participação das avós destaca-se pela relação de afeto e socialização para com os netos, assim como a contribuição financeira que é destinada ao grupo familiar.

Seja em situação de coabitação ou não, nos casos em que os avós convivem com os netos, as atribuições desses sujeitos são diversificadas: há aqueles que são cuidadores em tempo integral, os que veem os netos nos finais de semana; e aqueles que os encontram eventualmente. Na contemporaneidade das relações familiares, alguns pais e mães, diante de responsabilidades com o cuidado dos filhos, vivenciam dificuldades para conciliar os cuidados com as crianças e as atribuições do trabalho. Muitas vezes, são os avós que participam de forma efetiva da criação dos netos para que os pais possam desempenhar suas profissões, ou seja, são tempos em que os avós, já aposentados e estáveis financeiramente, apresentam-se disponíveis para assumir tais tarefas (CARDOSO; BRITO, 2014).

A esse respeito, Zucolotto e Ribeiro (2015) afirmam que tais tarefas compreendem um diferente contexto, uma vez que a disponibilidade de cada membro da família perpassa nas relações entre avós e netos. A casa dos avós é considerada, por grande parte das famílias, como um espaço de passeio, e os netos gostam de frequentá-la para passar as férias. Em alguns casos, os avós acabam assumindo o cuidado dos netos ou até mesmo se tornando

cuidadores em tempo integral ou parcial por diferentes motivos, entre eles, quando os pais trabalham fora, estão desempregados ou se divorciaram e constituíram nova família.

Assim, percebemos que há uma dinamicidade na família que está sempre se recriando e reinventando a partir das necessidades e rotina diária da mesma. Vemos, nos dias atuais, pais, mães, filhos e avós ressignificando os seus papéis em suas famílias. Hoje, tais papéis não são rigidamente atribuídos, e diante da multiplicidade de demandas e tarefas os mais velhos estão tornando-se cada vez mais presentes e ativos, permitindo mais trocas e aprendizados intergeracionais no âmbito familiar e fora dele.

Uma das principais atribuições familiares nas sociedades industriais é o acompanhamento do processo de escolarização dos filhos. Com a crescente valorização do estudo e do diploma no mercado de trabalho, famílias de diferentes classes sociais investem tempo e dinheiro no acompanhamento escolar das crianças e jovens. Contudo, as práticas educativas familiares variam de acordo com as condições concretas de existência e o meio social no qual elas estão inseridas, como nos mostra a discussão a seguir.

1.3 O papel das famílias na escolarização

O investimento das famílias na trajetória escolar de seus filhos tem sido objeto de pesquisas na Sociologia da Educação, que vem demonstrando a existência de diversos fatores e circunstâncias que influenciam no processo de escolarização de crianças e jovens, podendo alcançar as gerações mais distantes.

Perceber as estratégias construídas para que os descendentes obtenham o sucesso durante a trajetória escolar é de suma importância visto que o adulto não é mero executor, mas, sim, agente efetivo diferenciado, e que, por causa dessa diferença, pode influir diretamente no destino escolar das gerações mais jovens (NOGUEIRA; FORTES, 2004). Contudo, em muitos casos, as ações familiares não são conscientemente dirigidas para o sucesso escolar dos filhos:

A família, por intermédio de suas ações materiais e simbólicas, tem um papel importante na vida escolar dos filhos, e este não pode ser desconsiderado. Trata-se de uma influência que resulta de ações muitas vezes sutis, nem sempre conscientes e intencionalmente dirigidas (ZAGO, 2000, p. 20-21).

O excerto da obra de Zago (2000) nos mostra que nem sempre há o planejamento familiar em prol da educação escolar dos filhos, principalmente entre as camadas populares. As sutilezas presentes no processo de escolarização das crianças de diferentes camadas sociais foram alvo de estudos da Sociologia da Educação ao longo da segunda metade do século XX até os dias atuais e contribuíram para a compreensão das questões relativas à relação entre família e escola. Com base em Bourdieu (1998), Nogueira e Nogueira (2002) afirmam que a origem social de cada indivíduo tem um peso sobre o seu destino escolar, o que indica que o desempenho escolar está vinculado ao pertencimento social de cada estudante, seja sua classe, etnia, gênero, local de moradia, e não simplesmente aos seus dons individuais.

Uma das teses centrais da Sociologia da Educação apresentadas por Bourdieu (1998) considera que os estudantes são atores socialmente constituídos, portadores de uma bagagem social e cultural diferenciada, geralmente incorporada ao longo dos anos e que reflete diretamente no destino escolar desses indivíduos (PENA, 2017).

De acordo com Nogueira e Nogueira (2002), os dons pessoais (relacionados à sua constituição biológica ou psicológica particular) não estão vinculados ao sucesso alcançado pelos alunos no decorrer de seus percursos escolares, mas, sim, à sua origem social, que os coloca em condições favoráveis ou não diante do que é exigido no sistema escolar.

A teoria de Bourdieu (1998) demonstra que, nas classes populares, o capital cultural⁸ circula de forma diferente quando comparado às classes médias e às elites, pois exige investimento familiar na educação dos filhos, seja do ponto de vista financeiro, seja do ponto de vista do tempo de dedicação e de organização. Ou seja, a família com maior capital cultural se organiza financeiramente e em termos de dedicação e organização da rotina familiar para manter seus filhos nos melhores colégios e oferecer a eles atividades extraescolares como aulas de língua estrangeira, prática de esportes, contato e prática de artes e de lazer, entre outros, visando à formação integral do indivíduo. É por isso que podemos afirmar que o capital cultural, segundo Bourdieu (1998), é um privilégio social.

O capital cultural se expressa de três formas: no estado incorporado, estado objetivado e no estado institucionalizado. No estado incorporado, o capital cultural é incorporado pelo indivíduo, com o conhecimento de línguas estrangeiras, habilidades nos esportes, habilidades artísticas, alto grau de escolaridade, etc. Ou seja, o indivíduo tem acesso a bens de cultura,

⁸ Segundo Pierre Bourdieu, o ensino não é transmitido da mesma forma para todos os alunos como a escola faz parecer, segundo ele, alunos pertencentes às classes favorecidas trazem de berço uma herança que ele denominou capital cultural. Explica como a cultura em uma sociedade dividida em classes se transforma numa espécie de moeda que as classes dominantes utilizam para acentuar as diferenças.

que demandam tempo e capital econômico. A família possui grande influência nas dinâmicas desse tipo de capital, uma vez que sua apropriação é grandemente influenciada por seus níveis de manifestação no ambiente familiar e a importância atribuída a ele. No estado objetivado, o capital cultural é transmitido na sua materialidade, como, por exemplo, uma obra de arte, que pode ser transmitida através de compra e venda, conduzindo simbolicamente esse capital cultural. Está relacionado à materialidade porque há uma relação estrita entre apropriação, dominação e utilização do capital cultural. No estado institucionalizado, existe uma relação entre capital econômico e o capital cultural, pois a monetarização do capital cultural é convertida em força de trabalho, materializando-se através de especializações e diploma, conferindo ao seu portador um meio de rentabilidade e um valor convencional (BOURDIEU, 1979). Percebemos, com isso, que o capital cultural está desigualmente distribuído na sociedade capitalista, a qual valoriza o conhecimento escolar, os diplomas e premia aqueles que possuem elementos de distinção social, ampliando, dessa forma, as desigualdades sociais.

A partir da perspectiva bourdieusiana, Bernard Lahire (1997) reconhece as distinções de classe e a conseqüente desigualdade no processo de escolarização dos mais pobres, das camadas médias e das elites. Contudo, em sua pesquisa demonstra que há diferenças nas práticas educativas em famílias do mesmo grupo social. Ou seja, para o autor é fundamental investigar a configuração familiar e as práticas socializadoras a que as crianças e jovens estão submetidos, mesmo participando do mesmo meio social e econômico. O sociólogo ainda afirma que “a presença objetiva de um capital cultural familiar só tem sentido se esse capital cultural for colocado em condições que torne possível sua transmissão” (LAHIRE, 1997, p. 338). Logo, para ele, a herança cultural nem sempre encontra situações propícias para que o herdeiro a herde.

A longevidade escolar dos pais ou responsáveis influencia no cotidiano escolar dos filhos, uma vez que a maior familiaridade dos mais velhos com o conteúdo e as práticas educativas escolares interferem positivamente na organização da rotina de estudos e possibilita o desenvolvimento de práticas educativas no espaço extra escolar. Pesquisas em Sociologia da Educação realizadas principalmente nos últimos 30 anos revelam que a escolarização dos pais se reflete na escolarização de suas gerações subsequentes.

É nesse quadro que tem origem, na sociologia da educação, um novo campo de estudos que se ocupa das trajetórias escolares dos indivíduos e das estratégias utilizadas pelas famílias no decorrer desses itinerários escolares. Trata-se de um novo referencial de análise que ambiciona ir além da já clássica sociologia da escolarização — que fizera das desigualdades de

oportunidades uma evidência —, tentando construir uma sociologia dos cotidianos e das experiências escolares (NOGUEIRA, 2005, p. 567).

Nesse âmbito, podemos observar que as pesquisas sobre as experiências escolares de cada indivíduo e a participação da família no processo de escolarização de seus descendentes vêm consolidando um importante campo de estudos. Oliveira (1999, 2004) aponta em seus estudos que a aprendizagem é um processo inato a todo indivíduo, mas que ocorre diferentemente em cada ser humano, pois sofre forte influência do meio cultural no qual ele está inserido e suas variáveis.

Para Lahire (1997), existem elementos importantes no processo de escolarização que se apresentam de forma diferente em cada família, mesmo quando pertencentes ao mesmo grupo social, o que vai influenciar no processo de escolarização de cada indivíduo, bem como na sua relação com o mundo escolar. Os elementos destacados pelo sociólogo são as *práticas cotidianas de escrita*, as *condições e disposições econômicas*, a *ordem moral doméstica*, o *exercício da autoridade familiar*, as *experiências escolares dos pais*, e as *práticas familiares de escolarização*. Tais elementos e ações interferem positiva ou negativamente na adaptação e na realização das atividades escolares e, portanto, devem ser analisados de forma independente, porém, associada às questões morais, culturais e econômicas (LAHIRE, 1997).

Como pode ser visto neste tópico, é inegável a importância da família no processo de escolarização das crianças e jovens. Porém, em muitos casos, os pais não são os responsáveis pelos cuidados e educação dos filhos. Situações como divórcio, a morte do pai e/ou da mãe, a prisão de um ou de ambos os genitores, entre tantas situações, fazem com que outros agentes assumam a tarefa de cuidar e educar as crianças, como é o caso dos irmãos, de tios e dos avós. Nesta pesquisa, tratamos especificamente dos avós.

1.4 Famílias com avós e a relação com os netos

Ramos (2011) afirma em seus estudos que os avós representam um suporte para toda a família. Assim, eles ajudam tanto a geração de filhos como a de netos com cuidados diferenciados para cada membro de sua família.

Embora muitos tenham baixa escolaridade, transmitem valores e experiências adquiridas nos anos já vividos, oferecendo conselhos e também apoio emocional, os quais se refletem no desempenho escolar de seus netos. No caso de coabitação com os netos ou de convivência diária, os mais velhos também auxiliam em atividades práticas cotidianas de

cuidado, como preparar as refeições do dia e o lanche para levar para a escola, a atenção e os cuidados com a saúde e a higiene, como a orientação para escovar os dentes e tomar banho, a vigilância no uso de roupas limpas, além de tarefas como levar o neto à escola, etc. Assim, os avós cuidadores mudam sua rotina para estarem juntos e administrarem cuidados com seus netos, realizando diferentes tarefas e desenvolvendo estratégias para auxiliar na realização das atividades diárias das crianças (MOREIRA; SILVA; JORGE, 2018).

A pesquisa realizada por Mainetti e Wanderbroocke (2013) trouxe o foco do estudo nas avós que cuidam/criam seus netos. As autoras verificaram que a maioria das avós que participaram da pesquisa não possuía uma representação do que era ser avó para aquele neto que ela criava, pois a função materna acabava se sobrepondo ao papel de avó.

Ao assumir um neto para criar, essas mulheres, pertencentes a uma camada mais desfavorecida, tiveram que remanejar sua vida nos aspectos profissional, financeiro e familiar, para darem conta do aumento das despesas e tarefas domésticas. Muitas continuaram desempenhando seu trabalho normalmente contando com a colaboração de outros cuidadores para tomarem conta das crianças durante sua ausência (MAINETTI; WANDERBROOCKE, 2013, p. 96).

As autoras ainda afirmam que a maioria dos estudos apontam efeitos negativos sobre alguns âmbitos na vida de avós quando criam seus netos, dentre eles, a sobrecarga financeira e os conflitos com os filhos devido à divergência na educação das crianças. Além disso, a queda nas boas condições de saúde física e emocional das avós e o cansaço também interferem na vida social e familiar. Assim, assumir a criação do neto requer remanejamentos tanto na vida financeira quanto nas tarefas domésticas (MAINETTI; WANDERBROOCKE, 2013).

A literatura trazida nesta pesquisa demonstra que a experiência de ser avô ou avó é diferente dependendo da fase da vida em que se encontram, da maior ou menor convivência intergeracional na família e das responsabilidades atribuídas aos mais velhos. A idade avançada traz dificuldades para a experiência de cuidar ou mesmo de criar os netos, causando sobrecarga e diversas preocupações aos mais velhos. Nos casos em que os avós são os únicos responsáveis pela criação dos netos, há uma forte incerteza em relação ao futuro deles, que ficariam desamparados caso não conseguissem mais desempenhar suas atividades diárias ou até mesmo diante de seu falecimento.

Esse cenário se intensifica quando há maior convivência entre avós e netos, em que os mais velhos aparecem como personagem central na vida de suas famílias, participando ativamente da educação dos netos e proporcionando apoio afetivo e financeiro aos filhos

(MARAGONI, 2017). Assim, as relações intergeracionais surgem como um processo interativo e coeducativo, em que os mais velhos e os mais novos trocam experiências. Na mesma direção que Alves (2013), Marangoni (2007) também afirma que primeiras, segundas, terceiras e até quartas gerações que interagem em diferentes espaços sociais são marcadas por diferentes vivências socioculturais e histórias. Os avós, principalmente, experimentam mudanças significativas em seu curso de vida, não apenas porque passaram a ocupar um lugar diferente na família, mas também por serem o esteio, a base e o exemplo para as gerações seguintes.

Nesta orientação, Benincá e Gomes (1998) também estudam essas trocas intergeracionais e a importância dos papéis que cada um ocupa, bem como sua hierarquia, afirmando que as trocas entre as gerações acontecem em um processo de descontinuidade e continuidade, garantindo a continuação da cultura familiar. Em nenhum outro espaço social o lugar do indivíduo é determinado como na família e seus vínculos e laços são irreversíveis. Ou seja, as relações intergeracionais ocorrem através dos acontecimentos e transformações diárias em uma dinâmica na qual cada indivíduo é portador de uma história e, por terem vivido por mais tempo, os avós trazem consigo a memória familiar, experiência essa que vai sendo repassada para as gerações seguintes (BOSI, 1994).

Tal relação complexa, dinâmica e cheia de nuances, precisa ser compreendida, mesmo que parcialmente pelo pesquisador, como nos traz Marangoni:

O aumento da expectativa média de vida favorece a vivência do papel de avó/avô por mais tempo, engendrando novas formas de relacionamento no contexto familiar e extrafamiliar. Essa realidade complexa demanda estudos que busquem compreender as transferências intergeracionais e as possibilidades de interações entre jovens e idosos nos diferentes contextos socioculturais (MARAGONI, 2007, p. 13).

Inclusive, tem-se evidenciado casos em que os avós se tornam cuidadores integrais e até legais dos netos. Nesse ínterim, Mainetti e Wanderbroocke (2013) afirmam que, de acordo com as pesquisas, alguns problemas enfrentados pelos pais das crianças motivam os avós a assumirem a criação dos seus netos. Isso pode acontecer em contextos diversos, como na situação em que os pais são muito jovens, estão desempregados, são usuários de drogas, são falecidos precocemente, ou até mesmo pelo abandono ou falta de aceitação das crianças por parte dos pais em uma segunda união.

Conforme já mencionado, a convivência entre gerações proporciona uma troca mútua e maior intimidade entre os mais velhos e os mais novos. Um exemplo de intensa convivência

entre as duas gerações está na situação de muitas famílias em que os avós assumem o cuidado e a educação de seus netos, influenciando na maneira de pensar e agir de cada geração (ALVES, 2013).

No mesmo sentido, Vitale (2005) demonstra que a figura dos avós na contemporaneidade emerge como protagonista nas relações familiares no mundo globalizado e pode ser constatada em diversas situações. Ou seja, a figura da avó sentada na cadeira de balanço, com cabelos brancos e fazendo costura igual à dos livros infantis corresponde muito pouco ao perfil atual dessas mulheres. Assim, ao longo do tempo, o estereótipo do idoso ou da idosa dependente e frágil está sendo desconstruído e vem dando lugar a uma pluralidade de papéis e atuações desempenhadas por esses indivíduos (VITALE, 2005). Se a forma dos avós atuarem na sociedade mudou com o tempo, o carinho pelas gerações mais novas não. Segundo Coutrim (2010) e Cardoso (2011), ao se referirem aos netos em suas falas, os avós deixam transparecer em seus discursos como desejam fazer sempre mais por eles. Como já mencionado anteriormente, os avós assumem a tarefa de cuidar, mas, além disso, atuam no suporte emocional, oportunizando momentos de brincadeira e diversão.

Em seus estudos, Oliveira (1999) define cuidar dos netos como uma tarefa promissora, havendo um reencontro de um sentido para a própria existência. O autor também afirma que avós e netos interagem na vida em comum e se modificam reciprocamente no convívio. Nessa dinâmica, as transformações e relações que estabelecem são inúmeras e os avós veem o futuro do neto como um obstáculo que, aos poucos, vai ganhando outros contornos menos ameaçadores.

Os avós também buscam maneiras para auxiliar seus netos, construindo um laço estreito entre essas duas gerações. Esses laços, segundo Azambuja, Rabinovich e Ramos (2018), se fortalecem no convívio diário. Assim, os avós e os netos possuem uma relação de troca de experiências independente dos anos que os separam, ocorrendo uma coeducação entre as gerações.

Devemos ressaltar que o processo de coeducação, além da transmissão de valores morais e espirituais entre avós e netos, é possível haver a troca de conhecimentos instrumentais entre as gerações como ajuda doméstica; sociabilidade; companheirismo e lazer (AZAMBUJA; RABINOVICH; RAMOS, 2018, p. 369).

Em seus estudos, Azambuja (2016), assim como Coutrim, Figueiredo e Oliveira Jr (2018), constataram que os avós contribuem positivamente no que se refere aos cuidados relacionados à saúde de seus netos. Nas rotinas cotidianas, eles valorizam a educação escolar, percebendo-a como um caminho para a ascensão social. Dessa forma, podemos constatar, a partir das pesquisas aqui trazidas, que a interação entre avós e netos contribui para o desenvolvimento da criança e a percepção positiva dos netos sobre seus avós.

Por meio de seus saberes, elas permitem apreender a percepção a respeito da diáde avós e netos, mostram que o convívio com os avós contribui para a sua própria subjetividade, explicam que o contato intergeracional surge como um processo interativo e coeducativo onde tanto os mais velhos, quanto os mais novos têm a chance de aprender e ensinar e ajudam a perceber que os vínculos que os unem podem ser tão fortes que nem a finitude dos avós é capaz de desfazer esses laços eternos de amor. Enquanto que para os avós a convivência com os netos lhe permite revisitar o passado, por meio do qual é possível rever e refletir o papel que desempenharam como pais e que continuam exercendo como avós, embora vivam tempos diferentes, ocorre a co-educação entre as duas gerações (AZAMBUJA, 2016, p. 189).

Em suma, devemos ressaltar o processo de coeducação que vai além da transmissão de valores morais e espirituais entre avós e netos. Há uma troca de conhecimentos entre as gerações, o que ajuda também na sociabilidade, no companheirismo e no lazer.

1.5 O que trazem as teses e dissertações sobre a relação entre avós, netos e escolarização

Conforme já mencionado anteriormente, a discussão sobre a relação avós e netos na interface com a escolarização ainda é pouco explorada pela área da Educação. Em pesquisa realizada no Portal da CAPES e *sites* das universidades com estudos relacionados à temática, conforme já relatado na metodologia, foram encontrados quatorze trabalhos (tese ou dissertação) sobre a relação entre avós e netos, publicados entre os anos de 1993 e 2019. Contudo, destas, apenas três discutem o processo de escolarização. Nesta seção apresentamos os trabalhos encontrados e nos detemos com maior cuidado nas publicações de Rosa (2018) e Coelho (2018), autoras que discutem especificamente o papel dos avós no processo de escolarização dos netos.

Quadro 5 - Autores, títulos, principais discussões e metodologia das dissertações e teses sobre relação avós e netos na interface com a escolarização publicadas entre 1993 e 2019

Autor(a)	Título	Principal Discussão	Metodologia	Ano/Área	Instituição/ Tipo de publicação
ROSA, Denise Costa	Quando as Obrigações Escolares são Administradas pelos Avós: um estudo sobre as práticas educativas dos avós cuidadores dos netos	Investigar como é construído o processo educativo na relação entre avós cuidadoras em tempo integral e seus netos.	Abordagem metodológica qualitativa. Foram realizadas entrevistas reflexivas com quatro avós de camadas populares, sendo os avós principais responsáveis por seus netos e vivem com eles na mesma residência.	2018/ Educação	UFOP/ Dissertação
CARDOSO, Andrea Ribeiro	Ser avó para estragar ou para educar? Um estudo com grupos de avós que cuidam de netos	Entender as considerações dos avós quando lhes são atribuídas a tarefa de cuidar dos netos cujos pais trabalham fora.	Procedimento metodológico de grupos focais, precedido de levantamento bibliográfico sobre a temática. Foram realizados dois grupos focais com avós que cuidam de netos nas cidades do Rio de Janeiro e de Niterói. Nos quatro encontros realizados, as avós participantes relataram e debateram temas e situações relacionadas às suas vivências com os netos, trocando experiências e impressões. Os dados obtidos foram tratados por meio da análise de conteúdo e apresentados em categorias elaboradas a partir do referencial teórico estudado.	2010/ Psicologia	UERJ/ Tese
OLIVEIRA, Máira Ribeiro de	As relações intergeracionais e a participação dos avós na família dos filhos	Investigar o envolvimento dos avós no núcleo familiar de seus filhos e genros/noras e as relações avós-netos.	Com base no modelo Bioecológico de Bronfenbrenner, esse estudo coletou dados com 12 famílias com nível de escolaridade e renda altos, residentes no Distrito Federal,	2011/ Desenvolvimento Humano e Saúde	UnB/ Tese

			sendo cada uma delas formada por avôs, avós, pais, mães e netos. A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário de caracterização do sistema familiar, um <i>checklist</i> sobre a frequência e os tipos de atividades realizadas por avós e netos e três roteiros de entrevistas aplicados aos participantes, com a finalidade de obter informações sobre as concepções de família, a relação avós-netos e as relações dos avós com a geração intermediária.		
SILVA, Anna Paula Gomes da	Percepções de avós cuidadoras maternas sobre a criação e educação dos netos	Investigar a percepção de avós cuidadoras maternas sobre as práticas educativas e acompanhamento de seus netos em idade escolar e suas concepções sobre o desenvolvimento, educação e relacionamentos intergeracionais.	A pesquisa foi dividida em duas etapas. A primeira, de rastreamento, contou com a participação de 70 mulheres, com idade média de 66,2 anos, avós de crianças de 7 a 10 anos de idade, alunos de uma escola particular na cidade de Juiz de Fora, sendo submetidas à aplicação de um instrumento de sondagem para a identificação das avós cuidadoras. Após análise estatística dos resultados, 10 avós, com idade igual ou superior a 60 anos, foram selecionadas para a participação na segunda etapa da pesquisa, respondendo a uma entrevista semiestruturada cujo roteiro envolveu doze perguntas distribuídas em cinco temáticas.	2010/ Psicologia	UFJF/ Dissertação
ALVES, Samea Moreira	Cuidar ou ser responsável? Uma análise	Ampliar o debate sobre as relações intergeracionais,	Entrevista audio gravada (semiestruturada),	2013/ Sociologia	UECE/ Dissertação

Mesquita	sobre a intergeracionalidade na relação avós e netos	mediante o recorte das velhas avós que cuidam de seus netos. Compreendendo as características que estas assumem na reorganização do contexto familiar.	análise de depoimento, história de vida (destaque para a história oral), observação direta e utilização do diário de campo.		
AZAMBUJ A, Rosa Maria da Motta	O cuidar dos avós visto pelos netos em idade escolar	O cuidar dos avós visto pelos netos em idade escolar tendo como base a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano. Entre os núcleos apresentados na teoria, priorizou-se a análise da pessoa, processo, contexto e tempo observados na interação entre a díade. Com o objetivo de compreender as circunstâncias vinculares e os posicionamentos recíprocos entre avós-netos, focalizando a visão dos netos, a partir do contexto bio-sócio-histórico.	Entrevista com os netos, utilizando instrumentos da perspectiva educacional (roda de conversa e álbum de imagens) e a análise da interação avós-netos a partir de instrumentos da teoria sistêmica (jogo compartilhado) e psicopedagógica (caixa lúdica).	2016/ Teoria Bioecológica e Desenvolvimento Humano.	UCSAL/ Tese
PEDROSA, Aline da Silva	Homens Idosos Avós: Significado dos Netos para o Cotidiano	Apreender como o idoso interpreta a relação avô-neto, o intercâmbio de experiências entre gerações e os sentimentos que se evidenciam no dia-a-dia. Considerando que a “avosidade” é um fenômeno é singular e pessoal.	Método qualitativo. Por meio de entrevistas e depoimentos de homens idosos que vivenciam a experiência da “avosidade”.	2006/ Gerontologia	PUC SP/ Dissertação
COELHO, Maria Teresa Barros Falcão	Relação entre avós, netos e escola: uma abordagem bioecológica	Investigar a relação entre avós guardiões, netos e escola no cenário atual, em que várias mudanças sociais repercutem nos papéis assumidos por avós ao criarem os netos, assim como no relacionamento que estabelecem entre si e com outros contextos de desenvolvimento.	Entrevistas semidirigidas (com um roteiro próprio para cada grupo), diário de campo e questionário sociodemográfico.	2018/ Psicologia Clínica	UNICAP- Pernambuco / Tese

BRASIL, Tatiana Lima	Avós de uma comunidade de baixa renda: percepções e vivências sobre a criação dos netos	As avós que assumem a criação de netos constituem um fenômeno cada vez mais frequente nas famílias da atualidade. O presente trabalho teve por objetivo investigar as percepções e vivências das avós guardiãs, frente à criação de seus netos em uma comunidade de baixa renda da cidade de Recife/PE.	Participaram do estudo 10 avós que cuidavam dos netos em tempo integral; Foi utilizado um roteiro de entrevista, analisado de acordo com a técnica da Análise de Conteúdo Temática.	2015/ Ciências Humanas e Psicologia	UNICAP - Pernambuco / Dissertação
OLIVEIRA, Paulo de Salles; BOSI, Ecléa.	Vidas compartilhadas: o universo cultural nas relações entre avós e netos.	Realizar um estudo do universo cultural na vida cotidiana de avós e netos, produzida e reproduzida a partir de relações sociais em que as crianças são cuidadas pelos avós.	Entrevista e observação analisando as mudanças recíprocas vividas por velhos e crianças e o significado cultural de práticas e pensamentos partilhados em comum.	1993/ Psicologia Social	USP/ Tese
SILVA, Candido de Jesus	Nas malhas das redes de solidariedade familiar: um estudo sobre avós que cuidam ou criam netos em um bairro da zona norte de Aracaju	Responder a uma questão básica: qual a representação que os avós atribuem ao fato de criarem seus netos? Como eles se veem neste papel?; Estas perguntas relacionadas a um segmento específico da população, formado por avós que criam ou cuidam dos netos, coabitando de maneira permanente ou temporária uma mesma unidade residencial.	Entrevista e observação: dez avós-criadores, sendo oito entrevistas com mulheres-avós e duas com homens-avós.	2012/ Ciências Sociais	UFS/ Dissertação
SCHMIDT, Cristiane	As relações entre avós e netos: possibilidades co-educativas?	Visa compreender como se constitui a relação entre adolescentes, na condição de netos e seus respectivos avós no âmbito familiar. Considerando o convívio entre avós e netos como benéfico, estudam-se quais são as transmissões de uma geração a outra e de que modo ocorrem tais contribuições.	Analisa o contato entre gerações enquanto uma possibilidade de coeducação através de um estudo qualitativo; coleta de dados sucedeu-se através de um questionário e do registro de diários dos jovens, bem como por intermédio de entrevistas dos idosos acerca de sua relação com o outro. Os dados foram analisados	2007/ Educação	UFRGS/ Dissertação

			através da construção de categorias analíticas sob o enfoque do método hermenêutico ou interpretativo.		
RAMOS, Anne Carolina	Meus avós e eu: as relações intergeracionais entre avós e netos na perspectiva das crianças	Trata das relações intergeracionais entre avós e netos a partir da perspectiva das crianças.	Entrevistas ao longo de encontros, meninos e meninas narram momentos de cuidado, de descobertas, de aventura e de brincadeira, nos quais a casa dos avós aparece com toda a sua relevância e singularidade.	2011/ Educação	UFRGS/ Tese
TORRES, Karine de Andrade	A relação entre avós idosos(as) e netos(as) por meio das tecnologias de informação e comunicação	Investigar a relação que o idoso tem estabelecido com as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's); de que forma as TIC's repercutem no envelhecimento; como avós e netos percebem e avaliam a relação estabelecida entre eles através do mundo virtual, bem como os sentidos atribuídos ao que é ser avô/avó e neto/neta nesse contexto tecnológico.	De natureza qualitativa, os dados coletados resultaram de entrevistas semidirigidas realizadas com 12 avós idosos e 12 netos adultos, de ambos os sexos. As entrevistas foram gravadas, transcritas e, em seguida, analisadas de acordo com a técnica de análise de conteúdo proposta por Minayo.	2019/ Ciências Humanas e Psicologia	UNICAP- Pernambuco / Tese

Fonte: pesquisa realizada pela autora no Portal da CAPES e sites das universidades com estudos relacionados à temática.

A dissertação de Rosa (2018), intitulada “Quando as obrigações escolares são administradas pelos avós: um estudo sobre as práticas educativas dos avós cuidadores dos netos”, teve como intuito conhecer um pouco mais do universo da relação avós e netos, essa relação intergeracional, e o processo educativo. A pesquisa, da área da educação, teve como objetivo principal investigar como é construído o processo educativo na relação entre avós cuidadoras em tempo integral e seus netos, foi realizada na cidade de Viçosa (MG) e a abordagem metodológica utilizada foi a qualitativa. Foram realizadas entrevistas com quatro avós de camadas populares que, por diversas circunstâncias (familiares e pessoais), se tornaram as principais responsáveis por seus netos e vivem com eles na mesma residência.

Neste estudo, a autora propôs, nas suas entrevistas, conhecer a vivência e a rotina dessas avós no cuidado cotidiano de seus netos, investigando quais são as práticas educativas

desenvolvidas para que os netos tenham um bom desempenho escolar. Os resultados da pesquisa demonstraram que essa relação intergeracional é construída repleta de afeto, cuidado, cumplicidade e também há precaução, cansaço e tensões. Ademais, revelam que essas avós mantêm uma relação estreita com as escolas dos netos e as práticas educativas familiares não contam somente com a boa vontade desses responsáveis, mas também com a solidariedade dos familiares e amigos que ajudam, quando solicitados, mediante dificuldades com as questões ligadas à aprendizagem escolar das crianças.

Outra pesquisa também da área da educação é a tese de doutorado de Ramos (2011), tendo como título: “Meus avós e eu: as relações intergeracionais entre avós e netos na perspectiva das crianças”. A autora trata das relações intergeracionais entre avós e netos a partir da perspectiva das crianças. Seu objetivo foi conhecer melhor essas relações e, para isso, foram entrevistadas 36 crianças (meninos e meninas) com idade entre sete e dez anos. As entrevistas aconteceram através de encontros durante o período escolar. As crianças pertencem à classe média e média alta da cidade de Porto Alegre (RS) e fazem parte de grupos familiares diversificados (nucleares, monoparentais, reconstituídas e conviventes com avós). Durante a pesquisa, as crianças falaram sobre o modo como vivem nessas diferentes famílias e sobre como o contato com seus avós acontece nos diferentes contextos.

A narrativa das crianças durante as entrevistas mostrou diversos momentos de cuidado, descobertas, aventuras e brincadeiras na casa dos avós. Ramos (2011) relata na sua pesquisa como isso é importante. É nesse espaço que as crianças vivenciam na casa dos avós que elas mostram como esse convívio contribui para a sua própria constituição do eu infantil. A autora afirma que o contato intergeracional surge como um processo interativo e coeducativo, em que tanto os mais velhos quanto os novos têm chance de aprender e ensinar e que, para as crianças, os vínculos entre eles e seus avós são fortes e nada é capaz de desfazer esses laços.

Assim como as autoras acima citadas, que têm seus trabalhos na área da Educação, Schmidt (2007), também nesta área, apresenta em sua dissertação como se estabelece a relação entre adolescentes, na condição de netos, e seus respectivos avós no âmbito familiar. Este estudo buscou entender como se constitui a identidade e como se relacionam os dois grupos etários: a adolescência e a velhice. A pesquisa, com o título “As relações entre avó e netos: possibilidades co-educativas?”, foi realizada junto a alunos adolescentes de uma escola pública do município de São Leopoldo (RS) e junto aos seus avós, residentes na mesma localidade. A construção dos dados sucedeu-se através de um questionário e do registro de

diários dos jovens, bem como por intermédio de entrevistas dos idosos acerca de sua relação com o outro. Trata-se de oito jovens com idades entre 15 e 18 anos e de 12 idosos dos 62 aos 78 anos. Os dados foram analisados através da construção de categorias analíticas sob o enfoque do método hermenêutico ou interpretativo. A partir dos resultados, a autora constatou que o convívio intergeracional mediado pelas relações familiares possibilita uma coeducação, visto que existe uma troca de conhecimentos, de afetividade, de valores, de cuidados, evidenciando a reciprocidade entre as gerações.

A tese de Coelho (2018), por sua vez, investigou a relação entre avós guardiões, seus netos e as várias mudanças sociais que repercutem nos papéis assumidos por avós ao criarem os netos, assim como no relacionamento que estabelecem entre si e com outros contextos de desenvolvimento. Tendo como título “Relação entre avós, netos e escola: uma abordagem bioecológica”, a pesquisa da área da Psicologia que teve como participantes seis avós e oito netos, selecionados de forma intencional, de uma escola de ensino fundamental da rede pública estadual, na cidade Recife (PE). A pesquisadora utilizou entrevistas semidirigidas (com um roteiro próprio para cada grupo), diário de campo e questionário sociodemográfico.

Os resultados obtidos demonstram que, embora os estudos sobre o relacionamento entre avós e netos tenham aumentado nas últimas décadas, as pesquisas sobre os avós guardiões são recentes e ainda escassas, sobretudo quando se investiga a relação desses avós com outros contextos de desenvolvimento, como a escola dos netos. Como resultado, apresenta a parentalização dos avós como um processo relacional, que ocorre ao longo do tempo e envolve dimensões individuais e contextuais, confirmando, portanto a importância crescente dos avós para a família, a escola e a sociedade ao assumirem o papel de guardiões dos seus netos.

Já Cardoso (2010), em seu estudo intitulado “Ser avó para estragar ou para educar? Um estudo com grupos de avós que cuidam de netos”, teve como objetivo principal entender as considerações dos avós quando lhes são atribuídas a tarefa de cuidar dos netos cujos pais trabalham fora. Para a investigação, a autora utilizou o procedimento metodológico de grupos focais, precedido de levantamento bibliográfico sobre a temática. Realizou dois grupos focais com avós que cuidam de netos nas cidades do Rio de Janeiro e de Niterói (RJ). Segundo Cardoso (2010), as avós participantes relataram e debateram temas e situações relacionadas às suas vivências com os netos, trocando experiências e impressões. Os resultados alcançados nesta pesquisa, que é da área da Psicologia, sugerem as dificuldades das avós em lidar com a atribuição de cuidar dos netos. As próprias participantes chegaram à conclusão de que cada

uma deve encontrar a melhor forma de ser avó na contemporaneidade, conciliando desenvolvimento pessoal e bom relacionamento familiar.

Ao final, a pesquisadora indica em seu estudo que há necessidade de se oferecer às avós políticas públicas e ações sociais que criem condições concretas para que elas consigam interagir da melhor maneira com as crianças.

Assim como Coelho (2018) e Cardoso (2010), já citadas anteriormente, Silva (2010) também realizou sua pesquisa na área da Psicologia. O título da sua dissertação é “Percepções de avós cuidadoras maternas sobre a criação e educação dos netos” e seu estudo objetivou investigar a percepção de avós cuidadoras maternas sobre as práticas educativas e acompanhamento de seus netos em idade escolar e suas concepções sobre o desenvolvimento, educação e relacionamentos intergeracionais. O trabalho contou com a participação inicial de 70 mulheres, avós de crianças de sete a 10 anos de idade, os quais são alunos de uma escola particular na cidade de Juiz de Fora (MG), que foram submetidas à aplicação de um instrumento de sondagem para a identificação das avós cuidadoras. Após análise estatística dos resultados, 10 avós, com idade igual ou superior a 60 anos, foram selecionadas para a participação da pesquisa, respondendo a uma entrevista semiestruturada.

A análise das entrevistas evidenciou que o trabalho e a separação dos filhos são as principais razões que motivam o cuidado dos netos pelas avós. Em relação à concepção sobre a educação e criação dos netos, as avós concebem esse papel de uma forma restritiva e diferenciada dos filhos, desempenhando-o de forma secundária. Em relação ao desenvolvimento infantil dos netos, as avós evidenciaram dificuldades relacionadas à nutrição, constituição familiar e carência dos mesmos, declarando ainda que os cuidados prestados aos netos conferem a elas mais benefícios que prejuízos. Os resultados permitiram concluir que as avós cuidadoras representam suporte prático para os filhos e afetivo para os netos, embora desempenhem um papel secundário na educação deles.

Ainda no campo da Psicologia, destacamos o trabalho “Avós de uma comunidade de baixa renda: percepções e vivências sobre a criação dos netos”, de Brasil (2015), em que a autora investigou as percepções e vivências das avós guardiãs frente à criação de seus netos em uma comunidade de baixa renda da cidade de Recife (PE). A pesquisa analisou os motivos que acarretam esta situação, bem como as relações estabelecidas entre as partes, além de caracterizar os sentimentos experimentados pelas avós no papel de guardiãs, e suas expectativas para o futuro. Participaram do estudo 10 avós que cuidavam dos netos em tempo integral, todas residentes na comunidade do Coque, no referido município. Elas estavam na

faixa etária entre 48 e 81 anos e possuíam escolaridade e renda baixas. Os dados obtidos no estudo mostram que os principais motivos que levaram as avós a assumirem a criação dos netos estiveram relacionados à gravidez na adolescência, separação dos pais, dependência química e violência. Apesar de relatarem cansaço, doenças e dificuldades financeiras, as avós nutrem, em sua grande maioria, sentimentos de bem querer, de amor e dedicação especial pelos netos que criam a ponto de não aceitarem que eles as deixem. As maiores dificuldades citadas foram as financeiras, como a escolaridade e o estabelecimento de limites, bem como o receio de que os netos se envolvam em comportamentos de risco. As expectativas que as avós têm é de ter sossego e descansar, enquanto que, para os netos, é de que estudem, trabalhem e sejam pessoas de bem.

A autora Torres (2019), cuja tese é da área das Ciências Humanas e Psicologia, com o título “A relação entre avós idosos (as) e netos (as) por meio das tecnologias de informação e comunicação”, investigou como as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) afetam o relacionamento entre avós e netos. Além disso, a autora supramencionada pesquisou também a relação que o idoso tem estabelecido com as TIC; de que forma essas Tecnologias repercutem no envelhecimento; como avós e netos percebem e avaliam a relação estabelecida entre eles através do mundo virtual, bem como os sentidos atribuídos ao que é ser avô/avó e neto/neta nesse contexto tecnológico. As entrevistas semidirigidas foram realizadas com 12 avós idosos e 12 netos adultos, de ambos os sexos. Os dados analisados evidenciaram que grande parte dos avós teve o contato inicial com as TIC por meio de netos e/ou familiares, e que as dificuldades dos idosos frente ao uso das ferramentas tecnológicas se relacionam com a escrita/digitação, assim como o entendimento da funcionalidade dos aplicativos.

Por sua vez, a maioria dos netos entrevistados revelou que o uso da tecnologia direcionava-se para a praticidade da comunicação; que muitos deles ensinaram os avós a lidarem com as tecnologias; e que sentem prazer em estar conectados e se relacionando com os seus avós. Torres (2019) concluiu que as tecnologias de comunicação assumiram um espaço importante nessa relação. Elas não são utilizadas apenas para encurtar distâncias: são também promotoras de saúde e bem estar, possibilitando o fortalecimento de vínculos afetivos e as relações de cuidado entre as gerações.

A pesquisa de Oliveira (1993), o primeiro trabalho encontrado sobre o tema no Brasil, intitulado “Vidas compartilhadas: o universo cultural nas relações entre avós e netos” e da área da Psicologia Social, enfatiza o universo cultural na vida cotidiana de avós e netos, produzida e reproduzida a partir de relações sociais em que as crianças são cuidadas pelos

avós. Para a tese, foram entrevistados cinco avós, sendo um homem e quatro mulheres, e 11 netos, moradores da cidade de Marília (SP), por meio dos quais se buscou analisar as mudanças recíprocas vividas pelos idosos e as crianças e o significado cultural de práticas e pensamentos partilhados em comum. Vinculando as manifestações culturais à vida cotidiana dos avós, o estudo destacou a dimensão lúdica presente nos brinquedos e brincadeiras, cantos, histórias e nas relações com os animais e a natureza. Enfocou, também, na perspectiva de formação dos mesmos, preservando a oralidade e cultivando formas de aprendizagem que não dissociam o saber do fazer. O cotidiano desses indivíduos se revelou muito rico, e a pesquisa mostra a vida de gente envolvida num trabalho que pode ser de criação ou recriação de práticas e representações.

Por seu turno, Oliveira (2011), nas suas pesquisas, também trouxe as relações intergeracionais. Seu estudo na área do Desenvolvimento Humano e Saúde, com o título “As relações intergeracionais e a participação dos avós na família dos filhos”, investigou o envolvimento dos avós no núcleo familiar de seus filhos, genros/noras e as relações avós-netos. A autora baseou-se no modelo Bioecológico de Bronfenbrenner, e coletou dados com 12 famílias com nível de escolaridade e renda altos, residentes em Brasília (DF), sendo cada uma delas formada por avôs, avós, pais, mães e netos. A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário de caracterização do sistema familiar.

Os resultados indicaram que os avós sempre foram figuras de destaque na família e, ao longo das gerações, eles vêm se tornando emocionalmente mais próximos de seus netos. As duas gerações se apoiam mutuamente, constituindo a principal fonte de suporte uma da outra. Enquanto os avós contribuem com o apoio nas tarefas domésticas e nos cuidados com os netos, os pais contribuem sendo afetuosos e presentes na vida dos avós. Os valores transmitidos pelos avós aos seus filhos são repassados pelos filhos aos seus próprios filhos, em especial os valores morais e de união da família. Os resultados também reforçaram a importância das relações intergeracionais para o desenvolvimento do indivíduo e da família, seja fornecendo apoio ou transmitindo valores, ambos essenciais para a manutenção do equilíbrio familiar.

Assim como a tese citada acima, o estudo de Azambuja (2016) também abrange a área do Desenvolvimento Humano (teoria Bioecológica). É intitulado “O cuidar dos avós visto pelos netos em idade escolar” e tem como enfoque o cuidar dos avós visto pelos netos em idade escolar. Com o objetivo de compreender as circunstâncias vinculares e os posicionamentos recíprocos entre avós-netos, focalizou a visão dos netos a partir do contexto

bio-sócio-histórico. Assim, a autora realizou estudos em uma escola particular de classe média na cidade do Salvador (BA) e que oferece sistema de bolsa para alunos filhos dos funcionários de baixa renda. Participaram do estudo seis crianças, três estudantes do sexo feminino e três do sexo masculino, na faixa etária de 6 a 9 anos de idade, de classe média e três de classe baixa de ambos os sexos do Ensino Fundamental, juntamente com suas avós. Segundo uma tipologia (baseada no tempo de cuidado) utilizada na pesquisa, os principais resultados apontaram que o significado dos avós segundo o olhar das crianças varia de acordo com o tipo de convivência: para os netos de “tempo integral”, os avós são vistos como cuidadores, para os do “tipo sistemático”, como companheiros; e para os “esporádicos”, brincalhões.

No campo da Sociologia, a pesquisa de Alves (2013), “Cuidar ou ser responsável? Uma análise sobre a intergeracionalidade na relação avós e netos”, teve como foco as avós que cuidam de seus netos, compreendendo as características que estas assumem na reorganização do contexto familiar. A autora analisou as condições atuais de vida, bem como de quais benefícios e programas sociais esses indivíduos são usuários e/ou possíveis beneficiários. O estudo foi realizado no Residencial Vitória, moradia verticalizada, localizada no Município de Maracanaú (CE), Região Metropolitana de Fortaleza. A pesquisa foi de natureza qualitativa e do tipo bibliográfica, documental e de campo e, para a construção dos dados, considerou os seguintes instrumentos metodológicos: entrevista audiogravada (semiestruturada), análise de depoimento, história de vida (destaque para a história oral), observação direta e utilização do diário de campo.

Segundo Alves (2013), foi possível observar que as relações compreendidas pela “avosidade”, no âmbito familiar moderno, ultrapassam a imagem que outrora ocupava o imaginário coletivo (avós como meras transmissoras de legados geracionais). As avós assumem um papel de protagonistas na vida dos netos, inclusive, no tocante ao seu sustento, independentemente da presença ou ausência dos genitores dessas crianças e/ou adolescentes, tomando para si obrigações com filhos adultos e netos. Os avós passam a assumir a significação de pais substitutos para os netos.

A dissertação de Silva (2012), também da área das Ciências Sociais, cujo título é “Nas malhas das redes de solidariedade familiar: um estudo sobre avós que cuidam ou criam netos em um bairro da zona norte de Aracaju, está relacionada a um segmento específico da população formado por avós que criam ou cuidam dos netos coabitando de maneira permanente ou temporária uma mesma unidade residencial. Essas pessoas moravam numa

área da cidade denominada de Conjunto e Invasão do Almirante Tamandaré, localizada no Bairro Santos Dumont, na Zona Norte de Aracaju (SE). Foram entrevistados dez avós-criadores, sendo oito entrevistas com mulheres e duas com homens, as quais buscaram compreender a dinâmica e as condições de vida dos indivíduos envolvidos nessas relações e as razões que levam à formação deste tipo de arranjo familiar, no universo das relações familiares contemporâneas.

O que mais se evidenciou nessas relações foi a presença da avó coabitando com filhos e netos em condições de precariedade material, levadas pela necessidade de prestar apoio aos membros mais jovens da família, em situação de crise financeira ou instabilidade emocional. As mulheres que vivem a condição de avós-criadoras geralmente assumem o sustento e a manutenção da família, acarretando para elas maior responsabilidade ao mesmo tempo que amplia a sua autoestima e assegura o respeito e a consideração dos membros da família. A autora também analisou as trajetórias de vida dos agentes enfocados refletindo sobre suas ideias de mundo e sobre questões relacionadas ao envelhecimento, aos ciclos de vida, às relações de parentesco e à solidariedade familiar.

Diferentemente dos trabalhos apresentados acima, durante a nossa pesquisa encontramos apenas um trabalho voltado especificamente para o envelhecimento masculino e sua “avosidade”: Pedrosa (2016) afirma em sua dissertação, da área da Gerontologia – segundo ela uma área pouco explorada – que a presença dos avôs no processo educativo e formativo dos netos é um fato e nos remete a uma reorganização dos núcleos familiares. O objetivo da autora nesse trabalho é aprender como o idoso interpreta a relação avô-neto, o intercâmbio de experiências entre gerações e os sentimentos que se evidenciam no dia a dia. A pesquisa revelou que a “avosidade” está associada a um forte sentimento de paternidade e que os avôs demonstram uma enorme satisfação com os netos.

É possível notar, dentre os trabalhos apresentados, que a área da Psicologia se destaca quando se trata da relação avós e netos, e que muitas pesquisas abordam essa temática (totalizando sete entre as teses e dissertações encontradas por nós). Nas áreas Desenvolvimento Humano e Saúde, Ciências Sociais, Gerontologia e Sociologia, temos somente um trabalho em cada uma das áreas citadas, sendo tese ou dissertação. Na Educação, destacamos três pesquisas que tratam sobre a relação avós e netos. Logo, são poucos os trabalhos que abordam a temática, o que nos mostra a importância de novos estudos sobre o tema, em especial no âmbito da Educação.

Após a breve síntese de cada uma das teses e dissertações que têm como tema central a relação avós e netos localizadas durante a pesquisa, no capítulo seguinte trazemos uma discussão a respeito do Idoso na Educação de Jovens e Adultos e de como esse espaço oportuniza aprendizagem e socialização para esses indivíduos que estão em busca de um sonho antigo.

2 O IDOSO NA EJA: EM BUSCA DA REALIZAÇÃO DE UM SONHO ANTIGO

De acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2015), houve uma queda na taxa de analfabetismo nos últimos dez anos. Ou seja, a proporção de pessoas que não sabem ler nem escrever em relação ao montante da população brasileira caiu significativamente de 11,1% para 8,0% no ano de 2015 (IBGE, 2015). Segundo o referido Instituto, a queda das taxas de analfabetismo foi uma realidade em todas as faixas etárias. Contudo, a população com maior índice de analfabetismo, como já se esperava, continua sendo da população com idade acima dos 65 anos, ou seja, os idosos. Esses resultados são um retrato da dívida educacional brasileira com indivíduos de diferentes classes sociais e sua vivência do acesso à educação de forma discrepante.

Dessa forma, este capítulo tem a proposta de promover uma discussão sobre a volta do idoso aos estudos, espaço esse de aprendizagem e sociabilidade para esses sujeitos, trazendo também algumas das mudanças pelas quais tal espaço perpassou durante os tempos.

2.1 O idoso – a educação continuada ao longo da vida como direito

Ao tratar do aspecto social e seu desenvolvimento, Kachar (2003) defende que os desenvolvimentos social, econômico, cultural e tecnológico ocorridos durante os séculos XX e XXI contribuíram para o aumento da longevidade e da qualidade de vida do idoso. No Brasil, um dos maiores avanços no campo dos direitos da pessoa idosa foi a publicação do Estatuto do Idoso, sancionado na forma de Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, pelo governo de Luiz Inácio Lula da Silva e que previu a inserção do idoso no mercado de trabalho, o acesso à cultura, ao esporte e, principalmente, à educação, além de que assegurou a promoção e a recuperação da sua saúde.

O Estatuto do Idoso visa a garantir os direitos às pessoas idosas (com idade igual ou superior a 60 anos). Para isso, aborda questões familiares, de saúde e também discrimina a violência contra o idoso, buscando assim os direitos fundamentais à vida humana. A legislação institui também o dever da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público para garantir esses direitos ao idoso. Conforme o art. 3º da Lei, é então uma prioridade social que o idoso tenha direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária.

O Estatuto do Idoso (Lei nº. 10.741, de 01/10/2003), capítulo V, determina em seu artigo 21 que o poder público designará oportunidade de acesso ao idoso à educação, adaptando currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais destinados aos idosos. É inegável que na sociedade contemporânea acentua-se a necessidade da educação voltada para os idosos – sociedade essa que está em constante mudança e evolução nos aspectos sociais (SERRA, 2012).

A persistência e resistência dos idosos em seu percurso de vida é algo perceptível ao longo da história. Seja pelos filhos ou pelos netos, os idosos renunciam a si próprios para oportunizarem aos seus descendentes melhores condições de estudo e, conseqüentemente, de vida. Em pleno século XX, enquanto a educação escolar foi sendo considerada primordial para a conquista de bons empregos e melhores condições de vida, milhares de brasileiros trabalhadores rurais e urbanos das camadas populares ficaram à margem do saber e do desenvolvimento social e, atualmente, existem milhões de analfabetos, dentre os quais, a maioria é idosa.

Como se não bastassem as condições sociais a que se submeteram ao longo da vida, os idosos por não terem tido acesso ao saber, foram aos poucos se acomodando e se adaptando à realidade, resignados pela sorte ou pela visão fatalista em atribuir todas as suas mazelas sociais à querência divina (...) ou seja, nas pessoas que no passado foram crianças, adolescentes, jovens e adultos que não tiveram oportunidade de estudar, lideram no ranking do analfabetismo, fortalecendo os preconceitos com os idosos, não só pela idade, mas também por ser pobre e analfabeto (SERRA, 2012, p. 38).

Ao nos depararmos com o atual momento social brasileiro, constatamos que os idosos, em sua grande maioria, enfrentam problemas em todos os setores e, ainda assim, podemos dizer que eles estão presentes e ajudando suas famílias em diversos momentos. Alguns desses indivíduos mantêm suas esperanças e sonhos nos filhos, netos e outros familiares, lutando e defendendo seus espaços para, assim, conquistarem melhores condições de vida (SERRA, 2012).

A partir da década de 80, o idoso tornou-se um ator político cada vez mais claro na sociedade, ocupando espaço na mídia e ganhando atenção da indústria do consumo do lazer e do turismo (NERI; DEBERT, 1999). Por outro lado,

(...) os idosos sofrem desvalorização, imagine aqueles que não possuem condições dignas de sobrevivência. Nessa reflexão, cabe ressaltar a garantia dos direitos em função da sedimentação de uma educação,

cultura para os velhos com interesses, trabalhos, responsabilidades que tornem sua sobrevivência digna, o que nos remete a outras reflexões tendo como referência as políticas de Educação de Jovens, Adultos e Idosos no Brasil (SERRA, 2012, p. 45).

Ao nos lembrarmos de Paulo Freire (2001), pensamos em uma sociedade que tenha uma educação corajosa, curiosa, despertadora de saberes, uma educação que preserva a criança que um dia fomos sem deixar que a nossa maturidade desapareça. Freire descreve uma educação com enfoque na maturidade sem deixar de preservar a juventude interior, existindo possibilidade de inovar, dentro do espaço que temos.

O direito à educação é uma forma de inserção social e exercício da cidadania dos idosos (SERRA, 2012) e, neste contexto, a Educação de Jovens, Adultos e Idosos representa “(...) uma dívida social não reparada para os que não tiveram acesso e nem domínio da leitura e escrita como bens sociais, dentro e fora da escola” (BRASIL, 2000, p. 5), implicando, assim, no compromisso de todos, governo e sociedade, pela garantia dos direitos à educação ao longo de toda a vida.

De fato, como assim disse Freire (1987, p. 38), “[a] alfabetização, como a educação em geral, não é a força motriz da mudança histórica. Ela não é apenas meio de libertação, mas instrumento essencial para todas as mudanças sociais”. Logo, a educação é um direito que dá inserção social aos idosos, sendo a alfabetização de suma importância para a sobrevivência e o exercício de cidadania de cada indivíduo (SERRA, 2012).

Diante dos dados trazidos pelas pesquisas e do alto número de analfabetos idosos, fica clara a necessidade urgente uma política educacional que considere a educação dos idosos e tenha definido nas diretrizes conteúdos que incluam essa categoria, investindo na formação de profissionais que atuam ou possam atuar em espaços formais e não formais com idosos.

Pensando nisso e no que já foi dito também anteriormente, é obrigação tanto da sociedade quanto do Estado e da família, de modo geral, garantir a efetivação dos direitos dos idosos, como assegura o Estatuto do Idoso, e principalmente a educação ao longo da vida, que daremos destaque a seguir.

2.2 O retorno aos estudos: a educação de jovens e adultos como espaço de aprendizagem e sociabilidade para os idosos

É no convívio social que o idoso consegue trocar conhecimentos, reformular ideias e aprender. Segundo Lanzarini (2016), o idoso que decide retomar os estudos e sua ocupação no

mercado de trabalho demonstra a necessidade de sentir-se útil e envolvido com algo que o torne produtivo, e isso contribui diretamente com a sua qualidade de vida.

Historicamente, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) foi considerada como campo de estudos e desenvolvimento de organizações voltadas à conquista de escolarização de idosos, e até meados da década de 1940 pouco se priorizava as práticas pedagógicas e/ou políticas públicas voltadas para a EJA (JARDILINO; ARAÚJO, 2014).

A história das políticas de EJA contempla o idoso, mas Serra (2012) destaca que é preciso incluir na política educacional e na sigla que a representa o termo idoso pelo fato de esse sujeito pertencer a uma etapa de vida que tem suas particularidades e exige uma atenção; assim ficaria Educação de Jovens, Adultos e Idosos – EJAI. Todavia, as Diretrizes Curriculares da EJA esclarecem que essa educação já é destinada a jovens, adultos e idosos que não tiveram oportunidade de estudar no período tido como obrigatório pela LDB – Lei de Diretrizes e Base da Educação.

Antes da Constituição Federal de 1988, a EJA ocupava um espaço não formal de ensino, uma vez que os indivíduos faziam as aulas em diferentes locais, como, por exemplo, nas igrejas, que também ofereciam aulas para o público adulto. Após a educação para todos ser citada na Constituição de 1988, em seu artigo 205, o sistema de ensino passou a visar ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Assim, a educação para jovens e adultos foi implementada como política pública na LDB 9.394/1996 (BRASIL, 1996). Quando ofertada em uma instituição escolar, caracteriza-se como uma modalidade da Educação Básica, passando assim a ocupar um espaço formal e, conseqüentemente, a ser assegurada como um direito nas instituições escolares. Porém, em algumas instituições, a EJA ainda ocupa um espaço não formal de ensino em função do seu local de oferta, como, por exemplo, a Oficina de Alfabetização e Letramento do Recriavida – que se constitui o espaço de investigação desta pesquisa –, a qual é realizada como parte das atividades de um programa de lazer e educação para idosos.

O público da EJA é fruto de uma sociedade excludente, na qual a Educação Básica ainda está fora do alcance de muitas pessoas. Ele é constituído por jovens e adultos que não puderam concluir seus estudos ao longo da infância e adolescência por diversos motivos, e que depois de anos sem estudar encontram na EJA a oportunidade para a aquisição do diploma. Assim, os estudantes, em sua maioria provenientes de camadas populares, quando retornam aos estudos, demandam diferentes estratégias, tanto por parte do professor quanto por parte dos estudantes para que compreendam o que está sendo ensinado.

Os processos de aprendizagem do público da EJA estão vinculados ao resgate da imagem mental como suporte ao objeto a ser aprendido. Desse modo, cabe ao professor elaborar metodologias que priorizem o estímulo da evocação simbólica e currículos de EJA pensados na repetição, de forma que beneficiem o entendimento do conteúdo pelo indivíduo (CIRIACO, 2020).

Para o indivíduo da EJA, sua vida e ocupação, suas histórias vivenciadas, lembranças, bem como sua maneira de estar e agir no mundo refletem na sua retomada, ou até mesmo no seu processo educativo. Por isso, voltar a estudar depois de adulto ou idoso torna-se uma tarefa que requer um movimento de reflexão interna, no qual muitos fatores entram em jogo (CIRIACO, 2020). Contudo, a volta do idoso aos bancos escolares em busca do diploma está vinculada a diversos fatores que vão para além da reflexão interna. O primeiro deles é a vontade de realizar sozinho as atividades do cotidiano. Isso significa a independência dos filhos e netos para escrever uma lista de compras, ir ao supermercado, andar de ônibus ou manusear um caixa eletrônico no banco. Hoje, com o avanço da tecnologia, o uso de *smartphones* se popularizou e os idosos também desejam enviar e ler mensagens recebidas no celular.

Estes idosos, quando jovens, foram obrigados a deixar a escola muito cedo e a buscar atividades de trabalho remuneradas. Logo, a volta deles aos estudos é uma realização pessoal. O apoio da família, as adequações na rotina e também a compreensão do jogo escolar estão ligados à participação do estudante idoso à EJA. Neste sentido, Arroyo (2006) traz uma contribuição aos estudos de Lahire (1997), Bourdieu (1996) e Nogueira (2005), trazidos no capítulo anterior, ao constatar que os indivíduos carregam marcas sociais, históricas e culturais, e a sua permanência ou não no sistema escolar é fruto de uma complexidade de diferentes fatores.

Essa volta tardia e a continuidade dos estudos possibilitam aos idosos a construção de novas escolhas e trocas, bem como um novo sentimento de pertencimento a um grupo que antes eles não conheciam, uma vez que as relações estabelecidas entre aluno/professor e entre aluno/aluno proporcionam diferentes vivências. Além disso, as relações que estabelecem entre os colegas de classe, compartilhando situações vivenciadas e experiências de vida, criam laços de grande importância.

A escola é uma alternativa de inserção social, de atividade e de oportunidade de aprendizagens para estes idosos, deixando de lado os aspectos negativos do envelhecimento. Os mesmos estariam vencendo limites e percebendo-se

como sujeitos capazes em aprender, independentemente da idade (MENDES, 2016, p. 18).

Assim como Mendes (2016), Doll (2014) defende que a educação pode ser desfrutada posteriormente à adolescência e à juventude, promovendo ao sujeito conhecimentos para que possa lidar facilmente com o mundo atual. A autora ressalta que a educação beneficia os idosos, auxiliando no processo de envelhecimento saudável. Outrossim, não podemos deixar de mencionar que os idosos que voltam aos estudos apresentam motivações e interesses no que diz respeito à aprendizagem, sendo que cada um demonstra curiosidade sobre um conteúdo a ser estudado, uma vez que cada indivíduo tem sua história de vida.

Dessa maneira, é fundamental buscarmos “equilibrar os declínios inerentes ao envelhecimento e os benefícios proporcionados por essas atividades” (SCORALICK-LEMPKE; BARBOSA, 2012, p. 650). A volta para as atividades educacionais na EJA possibilita ao indivíduo a inserção no mundo do conhecimento, permitindo que se sinta valorizado e capaz de se apropriar de um espaço educativo e adquirindo conquistas tanto no âmbito social como também no familiar.

Contudo, depois de vencer as dificuldades que os impedia de retornar aos estudos, os idosos encontram outros obstáculos. Montoya (2005) e Oliveira (2004) nos revelam que as formas de aprendizagem dos idosos se diferenciam dos mais jovens. Aprender é um processo que acompanha a vida de cada um, pois, seja no âmbito escolar ou fora da escola, precisamos ser capazes de desenvolver percepções sobre quais são os nossos desejos, motivações e necessidades. Tudo isso influenciará nosso modo de aprender algo, seja dentro ou fora da sala de aula. O desenvolvimento do pensamento dos indivíduos idosos possui um processo de assimilação do conhecimento que acontece mais lentamente quando comparado com o das crianças e dos jovens em aprendizado. Por isso, o processo de construção desse aprendizado para o idoso requer um esforço maior e a mediação do exercício da repetição, conforme Oliveira (2004). Por isso, o aprendizado tardio dos idosos necessita de um maior empenho por parte dos estudantes e dos professores, implicando, portanto, em maiores desafios.

Para vencer os obstáculos inerentes ao retorno à escola na maturidade, os idosos necessitam de apoio dentro e fora da escola. Em muitos casos, os familiares tornam-se grandes incentivadores para que permaneçam estudando, assim como para que encontrem novos grupos de sociabilidade e desenvolvam outros aprendizados. Contudo, há famílias que

não reconhecem o esforço do idoso e consideram o seu desejo e a necessidade do retorno aos estudos como um capricho ou uma frivolidade.

Por conseguinte, em diversos casos, os idosos são os responsáveis ou corresponsáveis pela educação dos netos, e a necessidade de acompanhar o desenvolvimento escolar das crianças desperta ou reacende, em alguns, o forte desejo de retomar os estudos.

2.3 A permanência do idoso na Educação de Jovens e Adultos

Pesquisar a permanência dos idosos na EJA é buscar por indicativos que podem ser replicados em outras realidades semelhantes, adequando cada vez mais as salas da EJA com o que faz o idoso continuar estudando (SILVA, 2017, p. 68).

A partir de seus estudos, Tinto (1988) concluiu que a permanência escolar é resultado de um processo em que vários fatores determinarão a continuidade e a conclusão dos estudos. A mesma autora comprova em sua pesquisa que os vínculos criados com a instituição e os professores podem ser determinantes na permanência do estudante até a conclusão de seus estudos. Daí a importância dos pesquisadores estarem atentos para as ações cotidianas intra e extraescolares que interferem positiva ou negativamente na trajetória escolar dos estudantes, sejam eles crianças, jovens, adultos ou idosos. A esse respeito assim coloca Silva: “Os estudos sobre permanência na educação têm como objetivo romper com os paradoxos entre os estudos de evasão e permanência escolar e, sobretudo, refletir e escrever sobre o direito à qualidade na educação” (SILVA, 2017, p. 71).

De acordo com Fávero (2014), quando se fala sobre pertencer e permanecer na EJA, em relação aos idosos, é possível dizer que eles “têm uma força específica para estar lá, não é a certificação não, e não é só o grupo também, eles voltam à escola porque a escola fez falta na vida deles. É outro tipo de pertencimento na EJA” (FÁVERO, 2014 *apud* CARMO; SILVA, 2016, p. 61). No mesmo sentido, Silva (2017) afirma que o idoso não vai em busca apenas de um certificado: há muitos outros motivos que o fazem retornar para a escola, em especial a tentativa de preencher uma lacuna existente em sua história de vida. Por isso, proporcionar o sentimento de “fazer parte” da escola é essencial como garantia de permanência para esses indivíduos que representam, atualmente, parte significativa da população.

Para o idoso, conforme Sarreta (2011), depois de tanto tempo tendo sua vida restrita ao convívio familiar, estar na escola em contato com outras pessoas é sinônimo de alegria e prazer.

Esse movimento de sair de casa e voltar a estudar aos 60 anos é repleto de significados. Para muitas é vontade de ler e escrever; para outras é a fuga da solidão; para outras é a convivência. Sob esse aspecto, a escola torna-se para essas alunas um lugar tanto para a aprendizagem quanto para o encontro com pessoas da mesma idade, com as mesmas histórias de vida e, com os jovens. Nesse contexto, essas alunas desfrutam e partilham as mesmas salas de aula, corredores, pátio, tornando, dessa maneira, a escola num lugar de construção de uma qualidade melhor de vida (SARRETA, 2011, p. 322).

A autora supracitada assegura que os idosos buscam vivenciar tudo aquilo que foram privados na infância e ao longo da juventude escolar. Sem a cobrança social e até pessoal para a obtenção de um certificado que permita encontrar um emprego ou ingressar em outro nível de ensino, o espaço escolar do idoso se caracteriza como um ambiente leve, parecido com um ambiente de lazer. Para muitos idosos, o prazer de estar estudando é tão grande que se torna uma realização.

Dando continuidade ao que já foi explicitado, podemos dizer que estar inserido no espaço escolar tem um sentido para o idoso que se difere do jovem. Enquanto puderem e as condições lhes permitirem, esses indivíduos irão frequentar o espaço escolar e assim permanecer nele. Não importa por quantos anos, mas, sim, pelos benefícios adquiridos e as alegrias vividas ali. A longa permanência ocorre pela convivência com outras pessoas, por conseguir aprender a ler, a escrever, a fazer contas, e por conversar sobre diversos assuntos (SILVA, 2017).

Os estudantes com mais de 60 anos construíram suas memórias intercaladas com as memórias do trabalho ao longo de suas vidas. Esse indivíduo, na primeira fase da vida, precisou amadurecer cedo, construindo uma memória através de pedaços da experiência escolar, uma vez que participou muito pouco dela (PEREIRA, 2012). A autora Jacqueline Pereira (2012) constatou em seus estudos que muitos idosos que não completaram a Educação Básica tiveram uma breve passagem pela escola ao longo de suas vidas, e que, nas experiências desses alunos da EJA, é possível perceber que estudar e permanecer estudando é considerado como privilégio nessa etapa da vida.

Ferraço (2007), em consonância com a autora acima citada, assegura que esses idosos não estudaram anteriormente porque acreditavam que a escola não era o seu lugar. Sua noção

de escola é muito diferente do que a escola é para os mais jovens, que estão inseridos nesse espaço desde cedo. Sua memória de escola remete a uma instituição que muito já se modificou desde a infância desses sujeitos. Nesse âmbito, os idosos revelam que os motivos para não frequentarem a escola ou para não permanecerem nela por um longo tempo estão relacionados ao trabalho ainda na infância, para ajudar à família, o que não lhes dava oportunidade de estudo.

Esses trabalhos anteriormente mencionados pelos idosos que retornam aos estudos exigiam pouca ou nenhuma escolaridade e, muitas vezes, foram aprendidos na prática. Assim, temos um cenário em que observamos uma vida empregue por extensas jornadas de trabalho e, muitas vezes, sem reconhecimento legal e social. Entretanto, sustentar suas famílias, mesmo tendo que deixar de estudar para isso, é algo de que se orgulham, pois, para os trabalhadores das camadas populares, é através do trabalho que se sentem integrados à sociedade. O trabalho marca a trajetória dos idosos como algo significativo, trazendo reconhecimento diante dos familiares bem como a sensação de ser útil (PEREIRA, 2012). E, por isso, ao pensarmos no idoso como aluno, inserido no sistema escolar, nos deparamos com

(...) sujeitos da experiência, suas vidas são pontuadas por situações-limite em que souberam parar, pensar, sentir, ponderar e agir. Ao ir/voltar para a escola, querem viver essa experiência escolar como as outras já vividas ao longo de suas existências (PEREIRA, 2012, p 24).

Para perfazermos este capítulo, é importante pensarmos no nosso papel educativo e lembrarmos a imagem que temos do idoso. Esse indivíduo e sua imagem na sociedade são resultado daquilo que vamos “estabelecendo com nossas percepções, sendo, muitas destas, baseadas em valores sem correspondência com a realidade, o que vai permitir aos que estão no processo de envelhecimento que sejam destituídos de seus papéis sociais, sonhos, desejos” (SANTANA, 2015, p. 10-11) nesse momento de suas vidas. Os idosos, assim como qualquer outro grupo geracional, nutrem a vontade de viver, de se relacionar e de se manterem ativos, em movimento. Quando esses indivíduos desejam retomar os estudos, esse desejo está diretamente associado à vida, àquilo que irá preenchê-los com uma atividade que almejam fazer, gerando planos e satisfação por realizarem um sonho antigo.

Assim sendo, o próximo capítulo apresenta as análises e a discussão das entrevistas realizadas com avós e seus respectivos netos, ambos em processo de escolarização. Analisamos a influência da volta tardia aos estudos dos avós cuidadores nas práticas educativas dos netos, as situações de apoio, a cooperação e os conflitos entre esses avós

estudantes da EJA e os netos no Fundamental I, na busca por compreender a importância que os netos dão à volta dos avós para a escola e a relevância dela para as duas gerações.

3 “É LEGAL O VOVÔ ESTUDAR PORQUE ELE APRENDE AS MESMAS COISAS QUE EU JÁ SEI” – QUANDO AVÓS E NETOS ESTÃO NA ESCOLA: COOPERAÇÃO E APRENDIZAGEM INTERGERACIONAL

Conforme a análise teórica trazida no Capítulo 1, a experiência de ser avô ou avó é diferente, dependendo, principalmente, da fase da vida em que se encontram; da maior ou menor convivência intergeracional na família; e das responsabilidades atribuídas aos mais velhos. Autores como Maragoni (2017) e Alves (2013), entre tantos outros trazidos nesta pesquisa, afirmam que é na convivência e na interação experienciada por avós e por netos que acontecem as trocas de experiências. Essas trocas intergeracionais são possibilitadas e intensificadas nos últimos anos pelo aumento da expectativa média de vida, assim permitindo o surgimento de novas formas de relacionamento dos avós com seus netos, já que, em muitos casos, os avós se tornam cuidadores integrais dos netos.

A convivência entre gerações proporciona uma troca de conhecimentos, valores e informações entre os mais velhos e os mais novos, principalmente quando os avós e os netos estão adquirindo novos saberes e convivendo com seus pares em diferentes espaços. A escola é um lugar, por excelência, de novas aprendizagens. Por isso, compreender como é a relação entre avós e netos quando ambos se encontram em processo de escolarização é um desafio a ser pesquisado.

No terceiro e último capítulo desta dissertação trouxemos os depoimentos de seis entrevistados: três avós e seus respectivos netos. As entrevistas foram realizadas virtualmente, pelo Google Meet e nos trouxeram informações muito importantes sobre seus cotidianos e, principalmente, a respeito da relação que ambos têm com a escola e com a aprendizagem escolar.

Conforme já mencionado na metodologia, as entrevistas foram orientadas por eixos que foram criados a partir dos objetivos. Estes eixos guiaram a organização do roteiro de entrevista com os avós e ofereceram a base para que surgissem outras categorias de análises para além das que já foram definidas inicialmente como: relação com a escola; práticas educativas familiares; e conflito e apoio intergeracional.

Dessa forma, na entrevista com os avós, temos: Eixo 1: Processo de escolarização e importância da escola (para si e para os netos); Eixo 2: Práticas educativas na escolarização dos netos; Eixo 3: Situações de apoio, cooperação e conflitos com os netos.

Para a entrevista com os netos, os eixos selecionados foram: Eixo 1: Importância da escola (para si e para o avô); Eixo 2: Situações de apoio, cooperação e conflitos com os avós.

Na apresentação e análise das entrevistas seguimos a ordem proposta dos eixos. Ressaltamos que os avós e as crianças escolheram nomes fictícios e que mantivemos esses nomes como forma de preservar a identidade de ambos.

Quadro 6 - Dados Gerais sobre os Avós Entrevistados, 2021

Nome do/a avô/avó entrevistado/a	Idade	Com quem mora	Escolaridade	Ocupação	Número de netos sob seus cuidados / idade	Tempo de cuidado diário do (s) neto (s).
Amanda	72 anos	esposo, três filhos e quatro netos.	4ª série do EF. (atual 5º ano)	aposentada	4 netos/ 19 anos 18 anos 10 anos 1 ano	mais de 4 horas diárias
Maria	70 anos	filho, a nora e uma neta.	analfabeta	aposentada	1 neto/ 10 anos	mais de 4 horas diárias
Joaquim	70 anos	dois filhos e um neto.	analfabeto	aposentado	1 neto/ 9 anos	integral

Fonte: Elaboração própria das autoras com base nos dados fornecidos nas entrevistas.

Quadro 4 - Dados Gerais sobre os Netos Entrevistados, 2021

Nome do/a neto/a entrevistado/a e idade	Escolaridade do/a neto/a
Eduarda - 10 anos	4º ano - EF
Alice - 10 anos	5º ano - EF
André - 9 anos	4º ano - EF

Fonte: Elaboração própria das autoras com base nos dados fornecidos nas entrevistas.

Dona Amanda reside em Mariana. A avó morou na zona rural durante toda a sua infância e não conseguiu prosseguir nos estudos devido ao seu trabalho diário com as atividades que realizava na lavoura. Quando jovem, se mudou para Belo Horizonte e trabalhou fazendo faxina em casas de família. Casou-se aos 25 anos e voltou a morar na cidade de Mariana, assumindo, então, os afazeres da casa e o cuidado com os filhos, assim

deixando de trabalhar fora. Hoje, aposentada, tem casa própria e em sua rotina diária vai à igreja, cuida da casa e também de quatro netos para que seus filhos consigam trabalhar e estudar.

Dona Maria, por sua vez, atualmente reside no subdistrito de Furquim, Margarida-Viana. Morou durante toda a sua infância neste subdistrito. Sua mãe faleceu logo após seu nascimento e, assim, Dona Maria foi criada pela avó, que dividia a responsabilidade de criar a neta com as demais pessoas da família. Trabalhou durante toda a sua infância na zona rural e frequentou muito pouco a escola, uma vez que ficava muito longe de onde morava, além de ter a obrigação de ajudar nos trabalhos da roça. Casou-se aos 18 anos e, depois de alguns anos de casada, seu esposo ficou doente e por isso foi necessário mudar para a cidade de Mariana. Residiu na mesma cidade até 2019 e voltou a morar em Margarida-Viana em 2020. Hoje aposentada, tem casa própria, adora pescar, estar com os filhos e netos e ajudar sempre que necessário na dinâmica do dia a dia.

O Senhor Joaquim, quando jovem, se mudou de Tarumirim - MG para Mariana e constituiu família, residindo na mesma cidade até então. Sem conseguir estudar, sempre trabalhou na lavoura e também como ajudante de pedreiro. Viúvo e atualmente aposentado, no seu dia a dia realiza atividades domésticas como lavar, passar e cozinhar. Gosta também de trabalhar na roça. É responsável em tempo integral pelo filho deficiente e também por um dos netos. Ambos moram em sua residência. Quando precisa ir ao supermercado, ao banco etc., pede ajuda às suas filhas, que moram próximas à sua residência para auxiliarem nos cuidados do filho e do neto.

Nos eixos abaixo, compreendemos como foi o processo de escolarização de cada um dos entrevistados, a importância que cada um participante dá a escola, como acontecem as práticas educativas em ambas as gerações e se existem situações de conflitos, apoio e cooperação entre ambos.

3.1 A entrevista com os avós

3.1.1 O processo de escolarização e a importância da escola

A nossa primeira entrevistada foi Dona Amanda é moradora da cidade de Mariana (MG), possui 72 anos, morena⁹, casada há 47 anos e dona de casa. Dona Amanda estudou até a quarta série do Ensino Fundamental, hoje quinto ano dessa etapa escolar. Em sua casa moram o esposo, três filhos e quatro netos, uma de 19, um de 18, uma de 10 anos (Eduarda, nossa entrevistada) e um pequeno de um ano.

No momento da realização da nossa entrevista, estavam ao lado de Dona Amanda a sua filha mais velha e a neta de 10 anos (também participante desta pesquisa). A filha ajudou a posicionar o celular sobre a mesa para não precisar ficar segurando-o no decorrer da entrevista e se sentou ao lado de D. Amanda durante todo o tempo, relatando que a mãe adora jogar bingo. Quando perguntamos sobre a escolaridade de cada um dos filhos, houve a ajuda da filha mais velha para que a nossa entrevistada conseguisse responder com precisão.

A neta Eduarda estava em pé, ao lado da avó, desde o início da entrevista. Por algumas vezes, aumentou o áudio do celular. Enquanto a avó estava sendo entrevistada, às vezes corria na área de serviço – espaço em que as entrevistadas estavam durante o momento da nossa conversa. Quando foi a sua vez de ser entrevistada, sentou no colo da avó.

Dona Amanda, durante a nossa conversa, nos contou um pouco da sua história de vida e também sobre seus momentos vivenciados nos estudos.

Quando eu tava em Belo Horizonte, eu comecei a estudar lá, mas depois parei porque é muito difícil estudar à noite. Depois, em Mariana, estudei à noite junto com uma filha minha... A gente ia juntas pra escola. Mas é muito difícil, não chegou a nem um ano (D. Amanda, 72 anos, avó de Eduarda).

A entrevistada retomou os estudos algum tempo depois no Recriavida, que é um Projeto de Alfabetização e Letramento oferecido pela Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP, ao qual ela frequenta há mais de cinco anos.

Ao falar da sua infância, se emocionou, relatando que foi um período muito duro, em que trabalhava o tempo todo: cortava cana pra fazer rapadura e cachaça, colhia café e plantava arroz. Ela morava com sua mãe, seu pai e seus irmãos e tinha 7 irmãos. Ao falar sobre os estudos contou:

⁹ Os entrevistados se autodeclararam no que se refere à sua cor/raça. Durante a entrevista não foram dadas as opções de autodeclaração da cor/raça; cada depoente se autoclassificou de acordo com o que pensam e não de acordo com a classificação do IBGE.

A gente não estudava nada... A gente ia na escola uma semana e na outra faltava pra trabalhar. A gente não estudava não... Era difícil a gente ir pra escola... nem tinha muito dever. Era bom ir pra escola porque a gente saía de casa e não precisava trabalhar. Não tinha tempo pra mais nada não. Dava pra descansar da enxada. Era legal pra conversar com as colegas, brincar, brincar de roda, de pique. Eu parei de estudar por conta do trabalho na roça (...) A gente não tinha escola direito (D. Amanda, 72 anos, avó de Eduarda).

O esposo de Amanda é marceneiro, aposentado. As filhas que moram em sua casa trabalham fora. Ao falar dos netos durante a entrevista, ela disse: “(...) acho que eu tenho 15 netos, acho que eu fiz essa conta um dia lá na escola com você. Tenho até uma bisneta” (D. Amanda, 72 anos, avó de Eduarda).

Por sua vez, Dona Maria, 70 anos, se autodeclara como morena, viúva há 26 anos, analfabeta, trabalhava como doméstica e hoje está aposentada. Nascida e criada em Margarida-Viana, subdistrito de Furquim, mudou-se para Mariana para cuidar da saúde do esposo. Após o surgimento da pandemia de COVID 19, decidiu retornar com a família para Margarida-Viana; e em sua casa moram o filho, sua nora e neta, Alice de 10 anos, também nossa entrevistada.

Dona Maria realizou a entrevista sentada em um sofá. Parecia que nossa entrevistada estava se sentindo muito confortável durante todo o momento em que conversamos. Alice inicialmente, permaneceu ao lado da avó no sofá, ajudando-a com o uso do celular. A participante, animada com o momento, disse que estava com saudades de mim, mostrou como seus cabelos estão branquinhos e relatou que está se sentindo muito bonita. Em um momento específico da nossa conversa, escutamos um latido – era um cachorro que chegou ao ambiente em que ela estava. Rapidamente, Dona Maria virou o celular e me mostrou seu animal de estimação, dizendo que ele se chama Hulk e que ele lhe faz companhia. Alice, que estava por perto, riu bastante nesse momento da entrevista.

Comovida ao recordar sua trajetória de vida, relatou:

Margarida-Viana fica perto de Furquim, mais ou menos 8 quilômetros, é 'pertim'. Eu fui criada na roça, eu não estudei por isso. Nunca estudei! Comecei a ir pra escola e depois eu parei de ir pra trabalhar na roça. Éramos quatro irmãos, eu não conheci minha mãe, nós fomos criados com tios. Cada hora um tio ficava com a gente, mas a gente tinha que trabalhar na roça. Eu casei nova porque era muito ruim ficar na casa dos outros trabalhando (D. Maria, 70 anos, avó de Alice).

Ao falar dos netos, nos relatou que os tem de todas as idades. São ao todo 18 netos, sendo que o mais velho tem 27 anos e o mais novo, um ano. Há também um casal de bisnetos com seis e quatro meses, respectivamente. Disse que a coisa que mais gosta de fazer com os netos é brincar e “bater uma petequinha”.

O terceiro avô entrevistado é o Senhor Joaquim, 70 anos, branco, analfabeto, atualmente aposentado. Para que fosse possível realizarmos a entrevista com ele, foi preciso entrar em contato com uma de suas filhas, pois o nosso entrevistado não possui celular. Combinamos, então, o dia e horário com a filha do nosso entrevistado para que a conversa tanto com o Senhor Joaquim e o neto pudessem acontecer.

A entrevista foi realizada na casa dessa filha que, inclusive é vizinha de seu pai, o que nos ajudou muito. Na cozinha, avô e neto estavam prontos para a entrevista. A filha colocou o celular apoiado sobre uma mesa, no ambiente em que o avô encontrava-se sentado em uma cadeira enquanto que o neto, em uma cadeira ao lado. Em alguns momentos da entrevista, a filha esteve presente na cozinha e repetia sempre: – “Pai, se você precisar de ajuda, me chama!”, se referindo ao celular. Em outros momentos, passava pela cozinha e fazia intervenções na fala do pai e também do sobrinho, o que será mais detalhado no decorrer da nossa análise.

O Senhor Joaquim nos contou sobre a sua trajetória de vida: trabalhou na roça, mas sua principal atividade era ajudante de pedreiro. Casou-se aos 21 anos e ficou viúvo há pouco mais de cinco anos. Nascido em Tarumirim (MG), veio morar em Mariana quando jovem, constituindo família. Mora com o filho deficiente, a filha caçula e o neto André de 9 anos, que também é nosso entrevistado. A filha caçula é a mãe do André; e durante a entrevista o Senhor Joaquim se mostrou muito preocupado com ela, pois, de acordo com o participante, “nunca teve juízo” e voltou a morar em sua casa durante a pandemia. O neto sempre ficou sob sua responsabilidade e quem o ajuda na rotina de cuidado são as filhas que moram próximas.

O Senhor Joaquim voltou a estudar no Recriavida algum tempo depois da morte da esposa. Os filhos foram os grandes incentivadores desse sonho antigo.

Eu dei bobeira. Poderia ter estudado mais. Mas não quis estudar... Tinha que trabalhar, casar. Quando eu casei me ensinaram a escrever o meu nome, eu fiquei lá escrevendo, escrevendo. Você sabe, né? Treinando pra não errar (Sr. Joaquim, 70 anos, avô de André).

O participante relatou, ainda, que sempre fala com os netos e também com os filhos sobre a importância do estudo, e que, durante a sua vida, “perdeu muito trabalho bom” porque

não sabia ler nem escrever. Nesse âmbito, as discussões que trouxemos no Capítulo 1 com autores como Lahire (1997) e Nogueira e Nogueira (2002) mostram que as famílias de camadas populares valorizam muito a escola e a educação dos filhos, contudo, nem sempre os esforços familiares são suficientes para que os inúmeros obstáculos à escolarização sejam vencidos. É por isso que a origem social de cada indivíduo tem um peso sobre o seu destino escolar, o que indica que o desempenho escolar está vinculado ao pertencimento social de cada estudante, e não simplesmente aos seus dons individuais.

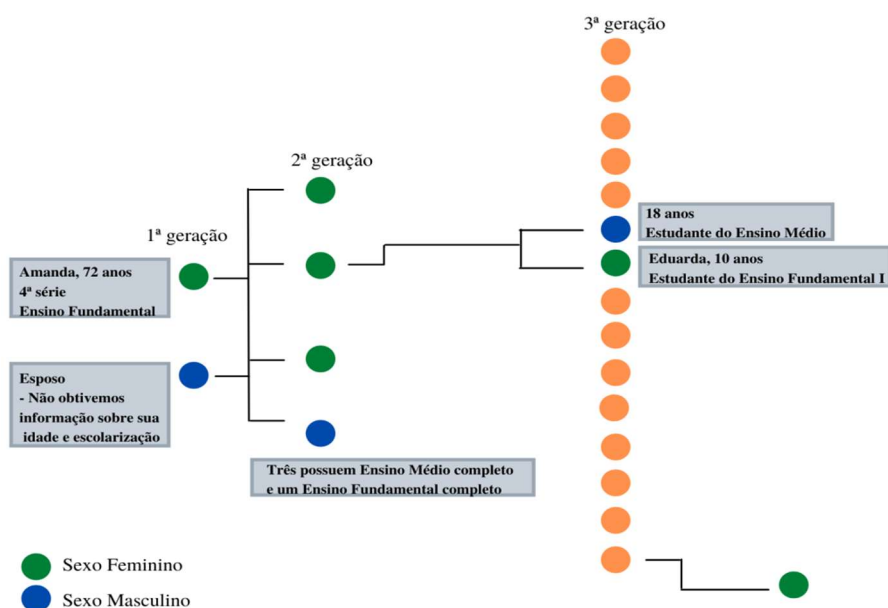
Em face disso, destacamos que o Senhor Joaquim, com muita alegria, disse que os sete filhos estudaram e têm boa leitura, e que a filha que menos estudou é a mãe do André. Atualmente, ele tem 18 netos e três bisnetos e todos os seus filhos moram próximos à sua casa: “Eles são meus vizinhos. Só uma das minhas filhas que mora em outro bairro aqui em Mariana. Se eu precisar de ajuda com o André, elas me ajudam. Todo mundo ajuda, quando eu não posso fazer as coisas” (Sr. Joaquim, 70 anos, avô de André).

Como já foi mencionado anteriormente, no Capítulo 1, muitas famílias têm optado pela coabitação, algumas vezes por necessidade, algumas por desejo. A coabitação, segundo Machado (2009), é uma alternativa de compartilhamento de suportes material, econômico e emocional, organizada na lógica da ajuda familiar com filhos, netos e demais membros da família e tem se tornado cada vez mais comum nas camadas populares, facilitando (e intensificando) o trabalho no caso dos avós que cuidam dos netos quando os pais estão ausentes.

As pesquisas também mostram que os novos arranjos familiares estão inseridos em um processo de *flexibilização* do modelo tradicional e idealizado de família e, além disso, o aumento da expectativa de vida possibilitou a convivência maior entre pais, filhos, netos e, em muitos casos, bisnetos (CABRAL, 1998).

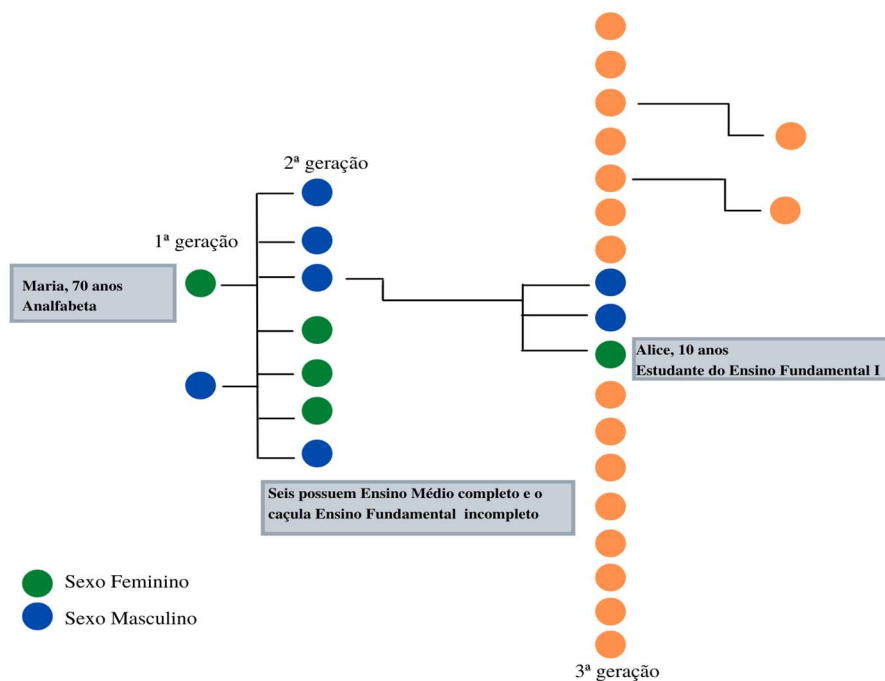
Segundo Elias (1994), as redes de relações constituem o centro da análise sociológica. Nas entrevistas foi possível perceber que a convivência, as trocas e ajudas familiares na escolarização dos descendentes se mostram potenciais ao encontro dos benefícios alcançados com a alfabetização para as gerações. Durante as entrevistas, tanto dos avós quanto dos netos, conseguimos obter informações sobre a configuração de cada família. Abaixo está o desenho configuracional familiar de cada uma delas, elaborado a partir das entrevistas concedidas (Figuras 1, 2 e 3).

Figura 4 - Desenho configuracional familiar dos avós entrevistados – avós, filhos e netos (2021) - família - Dona Amanda



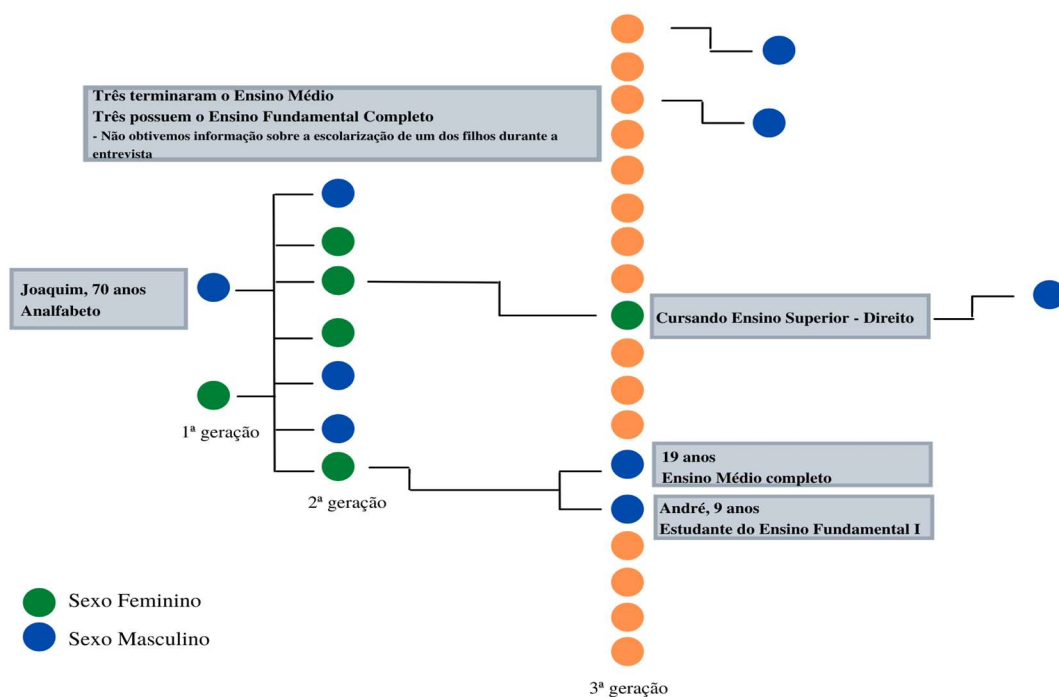
Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados coletados na entrevista.

Figura 5 - Desenho configuracional familiar dos avós entrevistados – avós, filhos e netos (2021) - família - Dona Maria



Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados coletados na entrevista.

Figura 6 - Desenho configuracional familiar dos avós entrevistados – avós, filhos e netos (2021) - família - Senhor Joaquim



Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados coletados na entrevista.

Embora não tenha sido objetivo da pesquisa conhecer toda a trajetória de escolarização familiar, os dados trazidos pela pesquisa tornaram possível compreender que na família de Dona Amanda, por exemplo, apesar de ela não ter terminado o Ensino Fundamental I, seus filhos tiveram uma ascensão nos estudos se comparados com a participante. Três deles terminaram o Ensino Médio e um deles tem o Ensino Fundamental completo. Atualmente, um dos filhos faz curso profissionalizante de solda durante a noite, ascensão esta que continuou com os netos. A neta Eduarda, que nos concedeu a entrevista, continua seus estudos e está no 4º ano do Ensino Fundamental I, enquanto que seu irmão está terminando o Ensino Médio, aos 18 anos.

Analfabeta, Dona Maria, nunca deixou de se preocupar com a educação. Afirmou durante a entrevista:

Eu gostaria de ter estudado mais! Eu queria que meus filhos tivessem estudado mais. Pelo menos eles estudaram mais do que eu. (...) Quem dera se eu tivesse terminado ao menos o Ensino Fundamental.... (D. Maria, 70 anos, avó de Alice).

E reitera a importância dos netos também estudarem, uma vez que, sem o estudo, “hoje em dia até pra trabalhar é difícil! Tudo tem que ter curso e aprendizado” (D. Maria, 70 anos, avó de Alice). Dos sete filhos, seis estudaram até o Ensino Médio, sendo que o mais novo parou os estudos no Ensino Fundamental I para trabalhar com fotografia na cidade de Mariana, fez cursos profissionalizantes e hoje continua trabalhando na área. Todos os netos em idade escolar estão estudando. A neta Alice cursa o Ensino Fundamental e demonstrou durante a entrevista que gosta de ir para a escola e, principalmente, dos professores que tem.

Já o Senhor Joaquim não destoa das avós entrevistadas: é possível observar no desenho configuracional que há ascensão escolar dos seus descendentes quando comparados a ele. Os filhos tiveram a oportunidade de ir além nos estudos – alguns concluindo o Ensino Fundamental e outros o Ensino Médio. Todos os netos que estão em idade escolar estudam. André, neto entrevistado, se mostrou muito empolgado com a escola e com as atividades que realiza nela durante a entrevista.

Ao longo da entrevista, o Senhor Joaquim nos contou que uma de suas netas estudou no IFMG (Instituto Federal de Minas Gerais), em Ouro Preto. E que outros netos já terminaram o Ensino Médio e trabalham. André, que escutava a entrevista do avô disse: “ – Tenho uma prima que faz Direito. Ela faz faculdade! O avô completa: – Ah sim! Ela está estudando para ser advogada”.

Para Thin (2006), quando buscamos compreender as relações entre as famílias populares e a escola, é necessário levar em conta que essas relações colocam em jogo “maneiras de estar com as crianças, maneiras de examinar as aprendizagens, maneiras de comunicar, ou, ainda, maneiras de regular os comportamentos infantis ou juvenis” (THIN, 2006, p. 212).

Pensando nos três avós entrevistados e seus descendentes, é importante afirmarmos que todos reconhecem a ascensão dos descendentes aos estudos em face da sua própria trajetória escolar. Mas afirmam que gostariam que eles tivessem estudado mais, uma vez que, segundo suas falas, “os estudos é que dão oportunidades na vida”.

Quando questionados sobre os motivos que os levaram de volta à escola, ficou nítida a falta de oportunidade para estudar quando jovens, a vontade de estudar que prevaleceu ao longo da vida, e o prazer que tiveram ao retomar os estudos, mesmo que tardiamente.

Sempre, toda vida, eu sempre fui doida pra estudar, aprender, mas nunca que dava pra ir. Quando a gente começa a estudar, a pandemia chega e atrapalha a gente nos estudos. Atrapalhou demais, é muito ruim... (D. Amanda, 72 anos, avó de Eduarda).

Nem eu sei direito até qual série estudei! Aqui na roça era muito avacalhado. Quando fui estudar lá no Recriavida recordei umas coisas que eu já tinha estudado antes. Eu achei bem melhor as aulas que você dava do que quando eu estudava. Na minha época a escola era muito ruim. Alguém no recria falou pra mim que estava tendo aulas e eu falei pra pessoa: é meu sonho! (D. Maria, 70 anos, avó de Alice).

Antes de começar a aula no Recria não tinha tentado voltar a estudar. A escola ajuda a mente da gente, faz muito bem! Eu gosto de escrever no caderno, pegar um livro pra ver... a gente vai andando na rua pra pegar o ônibus e lê melhor o que tá escrito no ônibus pra ver onde ele tá indo (Sr. Joaquim, 70 anos, avô de André).

Analisando as falas dos nossos avós entrevistados, é necessário lembrarmos que esses idosos, quando jovens, foram obrigados a deixar a escola muito cedo para se dedicarem ao trabalho remunerado. Logo, a volta deles aos estudos é uma realização pessoal.

Nesse âmbito, no segundo capítulo desta dissertação nós trouxemos um pouco das questões que estão vinculadas à volta do idoso aos estudos e, sobre isso, Arroyo (2006) afirma que esses indivíduos carregam marcas sociais, históricas e culturais, e a sua permanência ou não no sistema escolar é fruto de uma complexidade de diferentes fatores. Sendo assim, é de extrema importância reforçarmos que essa volta tardia aos estudos possibilita aos idosos a construção de novas escolhas e também de um novo sentimento de pertencimento a um grupo totalmente novo para eles.

3.1.2 Práticas educativas na escolarização dos netos

Como já sabemos, Bernard Lahire (1997) e Daniel Thin (2006) reconhecem as distinções de classe e a consequente desigualdade no processo de escolarização dos mais pobres, das camadas médias e das elites. Segundo os autores, existem elementos importantes no processo de escolarização que se apresentam de forma diferente em cada família, o que influencia no processo de escolarização de cada indivíduo, bem como na sua relação com o mundo escolar.

Ao pensarmos nas relações avós e netos e no processo de escolarização, retomamos as ideias de Coutrim *et al.* (2007), quando afirmam que, quando falam sobre os netos, os avós deixam transparecer em seus discursos como desejam fazer sempre mais por eles. Os avós assumem a tarefa de cuidar, mas, além disso, atuam no suporte emocional e também nas práticas educativas.

Dona Amanda se considera a principal responsável pelos seus netos, pois troca a fralda de sua neta de um ano que está sob sua responsabilidade, dá comida na hora certa, mamadeira, etc. Quando está sozinha, faz tudo: leva os netos para o terraço e fica com eles. Eduarda e o irmão de 18 anos moram com a avó desde o nascimento. Sobre as inúmeras tarefas do cuidar, ela afirma: “a gente cria tudo a mesma coisa, do jeito que eu cuidei dos meus filhos eu cuidei deles também” (D. Amanda, 72 anos, avó de Eduarda).

Assim como Dona Amanda, o Senhor Joaquim também se considera o principal responsável pelo seu neto, André. Ele declara:

Eu cuidei dele desde quando ele nasceu e tô cuidando dele até hoje e minhas filhas me ajudam quando podem. Quando é final de semana André vai pra casa das tias brincar com os primos e já me ajuda pra eu fazer o serviço de casa. Minha idade já tá avançada, então eu preciso de ajuda (Sr. Joaquim, avô de André).

Já Dona Maria nos disse durante a entrevista concedida não se considerar a única responsável pela criação da neta, Alice, que mora em sua residência. Em seu relato, afirmou que ajuda na criação, ficando com a neta para que os pais possam trabalhar, dando assistência e cuidado.

Independente de se considerarem totalmente responsáveis pela criação dos netos, esse tipo de relacionamento se baseia em atitudes de proteção, desenvolvimento e comunicação, preservando a história da família, e sempre há companheirismo e organização para com os filhos e os netos (RAMOS, 2012).

As gerações mais velhas continuam tendo uma importante função no desenvolvimento, na socialização e na educação dos mais novos, sempre favorecendo o diálogo e a aproximação entre as gerações. Isso pode ser percebido no relato dos três avós entrevistados:

A escola, na vida dos meus filhos e dos meus netos, é muito importante. É muito importante estudar pra ler, escrever. Ficar sem estudar e não saber nada é ruim demais. Você vai num lugar e não sabe fazer uma conta. Até que eu sou esperta nisso... mas... (D. Amanda, 72 anos, avó de Eduarda).

Eu falo com meus netos: ‘Primeiro lugar, a religião. Sem Deus ninguém tem ânimo pra estudar, trabalhar, pra nada. É difícil chegar essa gente nova no lugar! (D. Maria, 70 anos, avó de Alice).

Eu fico atento a tudo que ele faz - se referindo ao André. Pra não falarem assim: “Ah! O avô dele não estudou e não ajuda ele”. Eu falo com o André todo dia pra fazer as tarefas e prestar atenção na professora (Sr. Joaquim, 70 anos, avô de André).

Sabe-se que há um ensinamento mútuo entre avós, filhos e netos. Uma coeducação rica em contato social (MINUZZI, 2007). A filha mais velha que estava perto de Dona Amanda durante a entrevista contou que joga bingo com a mãe durante a pandemia, seja na casa da mãe ou em sua casa, e que elas jogam bingo com frequência, inclusive, apostando dinheiro. Dona Maria, nas aulas de alfabetização, aprendeu a fazer caça-palavras e às vezes faz caça-palavras dos jornais junto com a neta, Alice, de 10 anos. O Senhor Joaquim, durante a entrevista, nos relatou que vai pra roça diariamente tratar das criações, pintinho, porco e, sempre que possível, leva André, pois é uma atividade que ambos gostam de fazer juntos.

Quando realizávamos a entrevista com Dona Amanda, um dos filhos, chegou com a neta de 2 anos para ficar na casa da avó. Dona Amanda o chamou para me conhecer e disse:

É uma bagunça isso daqui! É gente chegando e saindo toda hora. Esse meu filho é atleta, ele corre maratona. Agora ele tá fazendo um curso de solda à noite, e a esposa dele ainda não chegou do trabalho, então ela (se referindo à neta de dois anos que chegou junto com o filho) fica aqui até a mãe chegar do trabalho (D. Amanda, 72 anos, avó de Eduarda).

Esse cenário presenciado por nós vai ao encontro do que Ramos (2012) evidenciou: nos relacionamentos entre primeiras, segundas e terceiras gerações, há companheirismo, organização e proteção.

Quando pensamos no cotidiano dos avós e na organização familiar, vale ressaltarmos que, mesmo quando os pais estão presentes no domicílio, na grande maioria dos casos, não são os mais velhos que vão morar na casa dos filhos, e sim o inverso (CAMARANO, 2002).

A minha filha sai cinco e pouca da manhã pro serviço e só chega sete e pouca da noite. E essa outra neta que chegou aqui agora, ela também ficava aqui em casa pro pai e pra mãe trabalhar. Ela chegava aqui bem cedo e só ia embora depois das sete da noite. Agora que meu filho arrumou uma menina pra cuidar dela. E aí ela só vem quando não tem ninguém pra olhar. Aí quando meu filho vai fazer curso de solda, ela sempre fica aqui e, depois, a mãe busca (D. Amanda, 72 anos, avó de Eduarda).

Essa neta que tava aqui, Alice... Os irmãos dela são meus primeiros netos. Tem um deles que até já casou. Meu filho, pai da Alice casou muito novo e depois separou. Um tempo depois ele se casou com a mãe

da Alice, precisou de um novo lugar pra morar com a esposa, por isso moramos todos juntos (D. Maria, 70 anos, avó de Alice).

A mãe do André nunca cuidou dele. Ela é minha filha mais nova e não tem juízo nenhum! Eu sou padrinho de batismo do André. Quando essa minha filha aparece aqui em casa, eu recebo. Como que eu não vou receber? Ela é minha filha, mãe do meu neto. Mas ela nunca fica muito tempo morando com a gente... (Sr. Joaquim, 70 anos, avô de André).

Uma rede de solidariedade vai sendo tecida entre os membros das famílias que enfrentam juntos as dificuldades causadas por problemas familiares, seja, o desemprego, a separação, ou outro motivo. Esses fatores impossibilitam ao idoso a escolha de viver como e com quem quiser, contudo, é possível perceber que a coabitação e/ou o apoio das gerações mais velhas aos mais jovens representam não apenas uma forma de poupança ou estratégia de sobrevivência das gerações mais novas: significa uma troca intergeracional que só fica mais visível à medida que os seres humanos começam a viver mais. Nessa relação, existem apoios mútuos e o convívio mais ou menos harmônico entre as gerações, que oferecem uns aos outros, segurança e amparo nos diferentes momentos (COUTRIM *et al.*, 2007).

Segundo Coutrim *et al.* (2007), quando a mãe e/ou o pai não estão presentes no domicílio, os avós têm importância e autoridade semelhante à dos pais. Esse fato foi constatado nas três entrevistas realizadas com os avós que falam da importância de ajudar na criação de netos, sendo firmes nos conselhos e orientações.

As mães precisam trabalhar, né? A gente que é avó tem que ficar sempre alerta, ajudando, dando um apoio pra eles terem tempo de trabalhar, estudar também... É complicado. Se você não dar uma mão e ajudar, como que os filhos ficam? ... Tem que ajudar todo mundo, ajuda filho, ajuda neto, é tudo num pacote só (D. Amanda, 72 anos, avó de Eduarda).

Quando estou com meus netos, eles me respeitam. Se eu xingo, eles não falam nada. Quando meus netos levantam de manhã e nem pede a benção, eu acho falta de respeito, tem que ser educado. Eu chamo atenção dos meus netos perto dos meus filhos. Vó é mãe duas vezes. Tem que falar toda hora (D. Maria, 70 anos, avó de Alice).

Quando o André não está na escola ele gosta de jogar bola, brincar de birrosca. Ele tem os amigos dele aqui na rua. Então, como é gente de confiança, eu deixo ele brincar com esses amigos. Eu marco um horário com ele pra ele voltar pra casa (Sr. Joaquim, 70 anos, avô de André).

Os avós, por meio de conversas, orações, histórias de vida e brincadeiras, apresentam lições para seus netos, alertando-os para os perigos do mundo, como as drogas, a falta de uma profissão e a marginalidade. Benincá e Gomes (1998) denominaram essas lições de vida de

legados de ordem, solidariedade e de fé. Dona Amanda, Dona Maria e Senhor Joaquim, nesse sentido, disseram que ajudam os netos, conversam muito com eles, apontando-lhes que devem sempre “andar direito”, “não andar em coisa errada”, e “ir à igreja, independente de religião, porque Deus é importante para conseguir tudo na vida”.

Os avós, embora tenham baixa escolaridade, transmitem valores, dão apoio emocional e tudo isso reflete na vida escolar (e para além dela) dos netos. Nesse âmbito, observamos que a educação escolar é bastante valorizada pelos mais velhos, que percebem nesse processo uma maneira para a ascensão social, embora, às vezes, não consigam acompanhar os deveres escolares dos netos. Todavia, quando chegam a este ponto, muitos deles desenvolvem estratégias para que os netos consigam ter um bom desempenho escolar (COUTRIM *et al.*, 2007).

Dona Amanda, ainda em processo de alfabetização, nos relatou durante a entrevista que conversa muito com os netos para eles não “entrarem em coisa errada”, estudarem muito, sempre obedecerem a mãe e aprenderem as coisas direito. Afirma que tudo isso é muito importante e que os netos escutam quando ela fala com eles. Ela espera que eles sejam boas pessoas e respeitem as demais. Dona Maria, assim como Dona Amanda, é uma avó preocupada com os netos, sempre conversando com eles e os aconselhando. Inclusive, nos relatou, durante a entrevista, que os netos a obedecem mais do que aos pais, pois, quando ela chama atenção, aconselha, eles sempre escutam e nunca reclamam. Por seu turno, o Senhor Joaquim, nosso avô entrevistado, aconselha seu neto a “andar com boas companhias e não mexer com coisa errada” e pede ajuda às suas filhas, tias do André, para também conversarem sempre com ele e dar bons conselhos.

É importante ressaltar que os mais velhos valorizam a ascensão social dos filhos e netos. No relato de Portes (2003), as ações realizadas pelo patriarca ou pela matriarca para as demais gerações (segundas ou terceiras) acontecem com o fim de garantir sua entrada ou permanência no âmbito escolar e compreendem estratégias, investimentos e mobilizações. Todos os avós entrevistados falam sobre o incentivo que dão aos seus netos aos estudos e, principalmente, como a volta deles aos estudos também se tornou importante para todos da família, conforme debatido no Capítulo 2, mas principalmente para suas relações cotidianas com os netos.

Eu estudar é um incentivo pra eles. Eles devem pensar: “Vó tá velha, tá idosa. E ela tá indo pra escola. Por que que a gente não pode estudar?” Isso que eles devem pensar... Eu não entendo muito agora as coisas que Eduarda tá estudando. Agora, ela tá estudando no telefone. Aí, a mãe dela

tá pagando uma aula particular pra ela e a mãe dela leva e busca nessa aula toda segunda-feira (D. Amanda, 72 anos, avó de Eduarda).

Quando eu voltei a estudar no Recria, meus filhos falaram: todo mundo tem direito a estudar. Estudo num é só pra novo não! Eu estudar e meus netos também significa que nós estamos na mesma rotina, no mesmo barco, temos que estudar e levar a sério. Eu falo muito com meus netos que tem que estudar, passar de ano, eu incentivo e puxo a orelha! Porque sem estudo hoje em dia ninguém vai pra frente não. Alice não me conta das notas dela, outros netos me contam. Mas eu tô sempre dando incentivo ‘pra’ estudar e pergunto como ‘tá’ na escola (D. Maria, 70 anos, avó de Alice).

É possível notar nos dois relatos trazidos acima que as avós, após voltarem aos estudos, mesmo que tardiamente, acreditam que por isso os seus netos também se sintam motivados a estudar. Nesse âmbito, notamos que Dona Amanda e Dona Maria incentivam os netos aos estudos mesmo que não consigam ensinar as tarefas de casa, e que, por isso, desenvolvem estratégias, como perguntar como estão na escola ou até mesmo buscar artifícios com os pais/responsáveis para que os estudos sigam tranquilamente. O Senhor Joaquim não destoa das avós entrevistadas: durante o seu relato, afirma que voltar aos estudos foi fundamental para que ele consiga conversar com as professoras do André.

Todo mundo já sabe que eu voltei a estudar. Mostrava o caderno, mostrava as atividades pra eu melhorar sempre nas aulas. Quando eu mostro pros meus netos eles falam: “tá muito bom o que o senhor tá fazendo, vô”. (...) Eu acho que enquanto a gente tiver conversando e andando tem que estudar! Não pode pendurar a chuteira! Tem que tocar o barco pra frente! Tudo faz parte da vida! Eu decidi voltar a estudar porque tudo que a gente vai fazer precisa do estudo. Pra gente conversar bem até com os filhos, os netos... a escola ensina tudo isso. Quando eu voltei a estudar, ajudou muito quando eu vou conversar com as professoras do André pra eu conseguir entender elas... Enquanto eu puder fazer as aulas eu vou fazer (Sr. Joaquim, 70 anos, avô de André).

Quando avaliamos as entrevistas no que se refere ao relacionamento dos avós com a escola, com os professores e com as atividades relacionadas aos estudos do neto, foi possível notarmos que os avós se mostraram sempre atentos a toda dinâmica escolar de seus netos. Lahire (1997) e Thin (2006) falam da relação que a família estabelece com o mundo escolar das crianças, com o contato com os professores e com a participação em reuniões, sendo a escola um mundo de regularidade temporal, marcada por sucessões de atividades pedagógicas.

Mesmo que às vezes não estejam tão presentes na escola do neto, conversando com os professores, por exemplo, esses avós encontram diferentes maneiras de se mostrarem presentes, seja levando até a creche/escola, recebendo as crianças após horário da aula, seja por estarem preocupados se os netos estão aprendendo os conteúdos ensinados na escola, como é o caso de Dona Amanda e Dona Maria:

(...) Eu não conheço muito as professoras dos meus netos, já vi, assim, na escola, mas nunca conversava muito com elas não. Eles iam muito de van pra escola. As mães mesmo colocavam os meninos na van, e a van deixava eles aqui na porta quando eles voltavam da escola. Quando as mães não estavam, eu recebia eles aqui. Quando não tinha van, eu fiquei mais de um ano levando Eduarda, buscando e levando na creche (D. Amanda, 72 anos, avó de Eduarda).

Dona Maria acha a escola da neta Alice um pouco longe e aponta que isso dificulta a conversa com as professoras, uma vez que não tem saído muito de casa por considerar que está numa idade já avançada.

Quando Alice começou os estudos *online*, ela reclamou que não estava aprendendo nada. Quando voltou pra escola de novo, ficou pouco tempo e já deu férias, passou todo mundo de ano. Deus permita que as professoras na escola ajudem na matéria pra Alice aprender as coisas direito na escola (D. Maria, 70 anos, avó de Alice).

Sendo assim, os pais da neta ficam “por conta”, de acordo com Dona Maria, para estarem sempre presentes nas reuniões escolares da Alice.

O Senhor Joaquim, diferentemente das avós acima, que relataram não conhecer as professoras dos netos, afirmou durante a entrevista:

Quando as aulas começam, eu vou na escola ver qual é a professora e conversar com ela pra saber como o André está e ver o que tá acontecendo... Eu sempre pergunto na escola pra ver o que está acontecendo (Sr. Joaquim, 70 anos, avô de André).

Por ser o cuidador em tempo integral do neto, o Sr. Joaquim está sempre presente no que se refere às atividades realizadas por ele.

De modo geral, essa doação de tempo para com os netos manifesta-se pela importância dos papéis familiares, por meio dos quais, segundo Rabinovich, Moreira e Franco (2012), existe uma interdependência emocional dos avós para com as crianças, o que beneficia a convivência para ambos.

3.1.3 Situações de apoio, cooperação e conflito com os netos

Iniciamos esse eixo de análise das entrevistas atentas ao fato de que os conflitos podem ser da ordem do tempo em que cada um (a) vivência a escolarização: os valores, a ideia de escola, a mudança nos conteúdos e nas formas de ensinar e aprender quando pensamos na relação avós e netos e que ambos se encontram em processo de escolarização. Assim, buscaremos compreender melhor esse contexto a seguir.

Os netos dos avós entrevistados reconhecem a importância de seus avós também estudarem. Isso torna-se evidente na fala dos próprios avós. Dona Amanda, por exemplo, se sente incentivada nos estudos quando eles falam: “Olha, vó! Eu acho bonito a senhora estudando. Continua estudando”. A esse respeito, a entrevistada demonstra que gosta bastante de pensar que está estudando na mesma época que os netos – todos estudando e indo pra escola. Os netos, por sua vez, acham “bonito” o empenho da avó ao estudar.

Eles falam assim: “Olha, vó! Eu acho bonito a senhora estudando. Continua estudando”. Eu chego aqui, mostro os cadernos. Eles falam: “Que bonito, vó! Continua estudando! Nó, vó, a senhora é inteligente! Você faz os negócios bonitinho...” (D. Amanda, 72 anos, avó de Eduarda).

Assim como Dona Amanda, Dona Maria e Senhor Joaquim sentem-se incentivados com a volta aos estudos. Na fala de Dona Maria ficou nítida a importância que os netos dão a sua retomada escolar: “Meus netos falam que é bom eu ter alguma coisa pra fazer. Estudar! Ocupar a cabeça” (D. Maria, 70 anos, avó de Alice). Os netos do Senhor Joaquim nos trazem falas como “Tá muito bom o que o senhor tá fazendo, vô!”, quando olham o caderno de atividades do avô. Acham que o avô é “caprichoso” ao realizar as atividades. André gosta muito do caderno, principalmente do colorido que o avô realiza em algumas atividades.

Como já foi mencionado no Capítulo 2, o idoso que decide retomar os estudos demonstra a necessidade de se sentir útil e envolvido com algo que o torne produtivo, e isso contribui diretamente com a sua qualidade de vida. Foi possível notar nas entrevistas que esse sentimento de retomar os estudos e essa admiração que os netos têm pelos avós traz incentivo para esses idosos.

Retomando também no aporte teórico descrito no Capítulo 1, podemos afirmar que os netos ocupam um lugar importante na vida dos avós que têm contato intenso com estes, e o desejo maior dos mais velhos é ajudar os pequenos (COUTRIM, 2004). Azambuja (2018)

evidencia em seus estudos que a convivência entre as gerações permite revisitar o passado por meio do qual é possível que os avós revejam o papel que desempenharam como pais e que hoje exercem como os avós.

Segundo autora supracitada, esse convívio entre avós e netos é uma relação recíproca, em que os avós trocam experiências de vida com os netos, embora tenham vivido em tempos diferentes. Dona Amanda nos relatou que a relação com a neta era diferente quando ela não estudava, e que, depois que começou a frequentar as aulas no Recria, pode ajudar mais os netos.

Era diferente quando eu não estudava. A gente não sabia nada, né? Eles ficavam aqui, e a mãe trabalhando... Às vezes, eles chegavam aqui e falavam: “Olha, vó, isso aqui pra mim!”. E eu falava: “Oh, meu filho, isso daí eu não sei...”. Olhava, olhava e não conseguia fazer nada pra ajudar eles... Depois que eu comecei as aulas no Recria, consegui ajudar melhor. Mas com esses estudos deles de agora, tá ficando mais difícil, e eu não consigo ajudar mais... (D. Amanda, 72 anos, avó de Eduarda).

Sobre os conteúdos escolares da neta, Dona Amanda mencionou que, agora, não entende muito as coisas que Eduarda está estudando. Com a chegada da Pandemia da COVID-19 e a suspensão das aulas presenciais, a neta está com aulas *online*, pelo telefone celular, e a mãe está pagando aula particular para que Eduarda consiga progredir nos estudos.

Quando ela tá com dificuldade na escola, essa moça da aula particular ajuda ela. Quem olha os cadernos dela é a mãe e a professora da aula particular. Quando eles tiram nota ruim, eu falo muito com eles que estudar é muito bom, tirar nota boa é bom. Ficar sem estudar é muito ruim. Falo pra eles pra, quando chegar na escola, pedir o Divino Espírito Santo pra iluminar eles pra ter uma palavra boa na escola. Sempre converso com eles (D. Amanda, 72 anos, avó de Eduarda).

Em concordância com Dona Amanda, o Senhor Joaquim acredita que, ao frequentar o Recriavida, conseguiu ajudar mais seu neto nas tarefas de casa, pois antes disso, ele precisava pensar nas pessoas que poderiam ajudar o neto a realizar as tarefas. Na maioria das vezes, buscava ajuda com as filhas que moram próximas e até mesmo com as netas mais velhas. Além disso, sempre lembra o neto da importância em fazer todas as tarefas que a professora passa e também da necessidade de ficar atento na correção que acontece na sala de aula.

Falo pra ele (se referindo ao neto André): faz a tarefa, porque vai ser bom pra você! Não é pra mim, não...Você lembra como a professora ensinou

a fazer isso? Então faz igual ela ensinou pra quando for corrigir você olhar aí se fez igual o dela (Sr. Joaquim, 70 anos, avô de André).

O participante ressaltava também que, assim como D. Amanda, está com dificuldade de ajudar o neto nos estudos, principalmente agora que ele escreve somente com letra cursiva. Todavia, sempre está tecendo elogios ao menino com relação a esse fato durante a entrevista: “É muito bacana ver ele escrevendo com letra cursiva. Ele faz muito rápido” (Sr. Joaquim, 70 anos, avô de André).

Dona Maria, diferentemente dos avós acima, nos relatou que ainda não consegue ajudar muito a neta Alice nas tarefas de casa mandadas pela escola. Ela prefere que a nora ajude. Apesar de ter retomado os estudos, ainda não se sente segura para ajudar a neta e afirma ter medo de ensinar algo errado. Porém, relata que: “Fico de olho quando Alice está fazendo as coisas da escola. Esses meninos de hoje sabem olhar tudo na internet. Ela tem um celular por causa das aulas na pandemia. E não pode procurar resposta na internet. Eu fico de olho...” (D. Maria, 70 anos, avó de Alice).

É importante mencionar que, apesar de não conseguir ajudar a neta na realização das atividades escolares, Dona Maria se preocupa com Alice. Quando a menina realiza as tarefas de casa, a avó observa, não deixando que procure as respostas das questões na internet. Ou seja, o desejo maior dos mais velhos é ajudar os pequenos, independentemente de como ou quando, criando diferentes formas para que isso aconteça. O estudo online durante a pandemia tornou-se um processo solitário isolado para os avós e os netos. Os avós, que deixaram de estudar assim que a pandemia iniciou, uma vez que as aulas no Recriavida foram suspensas, se reinventaram para que pudessem continuar ajudando significativamente seus netos nas atividades escolares.

Como já mencionado anteriormente, Mainetti e Wanderbroocke (2013) citam o sentimento de renovação pessoal dos avós e a oportunidade que eles têm em estar na companhia e seus netos, sentindo-se gratos por promoverem uma nova geração com cuidados e ensinamentos. Os avós que criam seus netos não medem esforços e os querem em sua companhia, pois trazem para eles alegria, amor e um objetivo para viver.

Em seus estudos sobre os avós guardiões, Coelho e Dias (2015) afirmam que a coresidência fez com que várias gerações residissem juntas, e com que os avós participassem mais da vida dos netos ou mesmo fossem os responsáveis parciais e até integrais por eles. Essa condição pode receber diferentes nomenclaturas, como “pais substitutos”, “avós em

tempo integral”, “avós com custódia” (quando detêm a guarda dos netos judicialmente), “avós cuidadores” e também “avós guardiões”.

Sobre isso, foi possível observar nas entrevistas realizadas que são diferentes as situações que motivam e levam os avós a participarem mais ativamente da vida de seus netos. O Senhor Joaquim se considera um avô em tempo integral, mas não possui a custódia do neto, embora assuma toda a responsabilidade por André desde o seu nascimento. Ao fazermos uma interpretação das entrevistas de Dona Amanda e Dona Maria, observamos avós cuidadoras que dispõem de várias horas diárias para cuidar dos netas e netos, e sucessivamente para ajudar os filhos quando estão se divorciando e/ou para que consigam realizar atividades de retorno financeiro.

Contudo, quando se trata do apoio à vida escolar dos netos, segundo as autoras Coelho e Dias,

Os avós, por sua vez também podem ter dificuldades para oferecer apoio à vida escolar dos netos por várias razões, entre elas, idade avançada, saúde debilitada e falta de habilidade e de conhecimentos para orientar as tarefas de casa dos netos (COELHO, DIAS, 2015, p. 05).

Ainda assim, as autoras afirmam que nem sempre isso acontece, pois esses fatores variam para cada avó e neto. Dessa forma, nos relatos dos avós entrevistados fica claro que a importância do estudo, mesmo que tardiamente torna-se um incentivo maior para seus netos também prossigam nos estudos e consigam uma maior ascensão que eles. O fato de cuidar dos netos incentivou a volta à escola e continua incentivando também a permanência.

Contudo, o COVID-19 interferiu muito no contexto dos sujeitos desta pesquisa. Todos os avós entrevistados disseram que a pandemia atrapalhou seus estudos no Projeto Recriavida porque suas aulas foram suspensas e isso foi muito ruim para eles. Nas palavras dos entrevistados: “Não vejo a hora das aulas no Recria voltarem”, disse Dona Amanda; “Eu guardei meu caderno, ainda tem muitas folhas pra fazer atividades. As aulas vão voltar né?”, disse o Senhor Joaquim; e, “Você ainda vai ser nossa professora, né? Eu preciso ver como vou fazer com a aula agora que estou na roça!”, afirmou Dona Maria.

Concluimos a análise das entrevistas com os avós afirmando que os participantes da pesquisa procuram assegurar que tudo esteja em ordem na vida familiar e escolar dos netos e, mesmo com baixa escolaridade e enfrentando diferentes percalços para auxiliar diretamente nas tarefas escolares, eles estimulam seus netos a estudar e providenciam ajuda ou estratégias para eles prossigam em sua escolarização.

3.2 A entrevista com os netos

3.2.1 Importância da escola (para si e para o avô)

Neste eixo da pesquisa apresentamos, primeiramente, os netos entrevistados, como foi o primeiro contato com cada um deles e a participação durante a nossa conversa. Uma das netas entrevistadas, Eduarda, de 10 anos, que mora com a Dona Amanda, já esteve presente por duas vezes nas aulas do Projeto Recriavida junto com sua avó. Nas duas vezes, sentou ao lado dela, observou a atividade que a avó realizava naquele momento e pediu uma folha sem pauta para desenhar e escrever. Utilizou os materiais da avó (lápiz de cor, lápis de escrever, borracha e tesoura) e mostrou-se muito animada em estar frequentando o mesmo ambiente escolar que a avó e em mostrar que sabia fazer desenhos, colorir e escrever seu nome completo com letra cursiva.

Eduarda nos concedeu a entrevista de maneira desinibida. Ficou ao lado da avó durante todo o tempo, segurou o celular várias vezes para a avó, aumentou o volume do celular algumas vezes para melhor compreender o que era dito, e em alguns momentos interferiu na entrevista da avó para mostrar alguns brinquedos e chamar o primo para nos conhecer. Disse que gosta dos deveres de casa que a avó leva pra fazer:

Quando a vovó traz tarefa de casa, eu ajudo a minha vó. Eu gostei dos deveres de casa dela. Eu gosto de ajudar nas atividades de Português. A vovó tenta me ajudar nas minhas, mas não consegue muito... (Eduarda, 10 anos, neta de D. Amanda).

André, de 9 anos, mora com o avô, Senhor Joaquim. Assim como Eduarda, André já me conhecia. Nos conhecemos após o consentimento do avô. Fiz uma visita ao André na creche que ele frequentava, sentamos em um banquinho e conversamos bastante. André foi muito receptivo, e logo fez a associação de que eu era a professora do seu avô e me chamou de tia. Em outro momento, a creche me fez um convite para ir a uma excursão juntamente com a turma de André para o Zoológico. O convite da creche se deu pelo fato do André gostar muito de mim e pelo fato de ele ser considerado pela creche uma criança travessa. Logo, pensaram em alguém para fazer companhia para o menino.

No dia da nossa entrevista, André se mostrou desinibido e logo que demos início à conversa, ele me reconheceu, lembrou-se de que eu sou professora do seu avô e, me chamando de tia, foi dizendo que tinha uma novidade pra me contar: “Eu vou começar o

quarto ano e eu já sei ler mais ou menos. Mas minha letra cursiva tá muito boa. Vou escrever aqui pra você meu nome todo com letra cursiva” (André, 9 anos, neto do Sr. Joaquim).

Então, pegou uma folha de caderno e um lápis. Com calma, escreveu seu nome completo e mostrou-me como ficou. Logo em seguida, disse que iria fazer “um desenho bem legal” na mesma folha que escreveu o nome. Pegou rapidamente lápis de cor e começou a desenhar. Desenhou dois bonecos de anime: “Você sabe o que é anime? Vou te explicar! São bonecos de um desenho que eu assisto na TV. Eles são bonecos japoneses” (André, 9 anos, neto do Sr. Joaquim).

Durante a entrevista, o menino recordou-se que ajudava o avô fazer as atividades que o idoso levava para fazer em casa, as quais, muitas vezes, tratavam-se de escrever as letras do alfabeto: “Todas as letras, o alfabeto inteirinho”, contou André, dizendo, logo em seguida: “É legal o vovô estudar! É muito importante! Ele vai aprender um monte de coisas... ler, escrever, fazer continha”. O neto entrevistado acha o avô “craque” em matemática, quando das suas próprias tarefas de casa, porque o Senhor Joaquim ajuda o neto com facilidade nesta matéria.

Por sua vez, Alice, de 10 anos, mora na mesma casa que a avó Maria, e o nosso primeiro contato foi no dia da entrevista. Quando ligamos para Dona Maria com o intuito de agendarmos as entrevistas, a avó mencionou que a neta é muito tímida e que teria que verificar com a mãe de Alice se ela poderia participar da entrevista. No dia seguinte, Maria entrou em contato dizendo que ela e a neta iriam participar da entrevista.

No decorrer da entrevista Alice foi se soltando e, apesar da timidez, conversou bastante. Pareceu se divertir com o momento da conversa. A avó ficou surpresa com a abertura que a neta nos deu durante toda a entrevista. No entanto, ao terminamos a entrevista com Alice, a mesma não continuou por muito tempo no mesmo ambiente que a avó.

Alice nos disse que sabe onde a avó estuda, que conhece o local do Recriavida, mas que nunca esteve presente nas aulas da avó. Comentou que já fez aulas de dança no Cria, que é um espaço de atividades recreativas e educativas para crianças e jovens da cidade e que fica do outro lado da rua onde está localizado o Recriavida. Nos relata que “acha muito bom” a avó estar estudando. Apesar de se mostrar tímida durante a entrevista, sentou-se ao lado da avó e ajudou-a a posicionar o celular para que as duas pudessem ser vistas na câmera. Empolgada, relatou que, caso a avó a convide para ir ao Recriavida, ela irá.

Eu acho muito bom minha avó estudar. Ter alguma coisa pra fazer. Eu já cheguei a ir no Recriavida. Não com a minha avó. Mas eu já fui lá sim.

Eu também já fui lá no Cria, fazer aula de dança. Se minha avó me chamar pra ir com ela no Recria, eu vou. Pra ver minha avó estudando, fazer as atividades junto com ela (Alice, 10 anos, Neta de D. Maria).

Ao falar sobre os estudos da avó, Alice nos disse: “Ela contou pra todo mundo da família quando começou estudar”. A avó que estava ao lado da neta interveio: “Eu estava igual uma menininha fazendo as atividades da escola, fazendo desenhos, caça-palavras”. Segundo Dona Maria, ela e a neta “adoram” fazer caça-palavras juntas.

Dona Maria se autocalifica como uma “avó ativa” e que gosta de mexer no celular, mas, às vezes, precisa de ajuda. Quem sempre está disponível para ajudar é Alice, que nas palavras da avó “socorre” sempre que necessário. Os avós são aqueles que mais precisam de auxílio para compreender as novas tecnologias. Seus netos manuseiam melhor e têm mais habilidade com as tecnologias, uma vez que as relações com os aparelhos eletrônicos começam muito cedo. Na relação intergeracional pode acontecer uma troca de conhecimentos do neto para o avô. Além do uso do celular, outras tecnologias de informação estão presentes no cotidiano dos avós e de seus netos, gerando assim uma nova forma de relacionar e interagir na atualidade (TORRES, 2019).

Segundo Torres (2019), podemos dizer que o interesse dos idosos pelo uso das tecnologias, como o celular e a utilização da internet, por exemplo, parece ser principalmente de caráter familiar e também social. Da mesma forma que os avós transmitem conhecimento para os mais jovens, existe também a transmissão de conhecimento dos mais novos para os mais velhos (FERRIGNO, 2006).

Assim como Alice e a avó gostam de realizar atividades, jogos que envolvem a escrita e a leitura, Eduarda também o faz com sua avó: “(...) é legal morar junto com a vovó. Eu gosto de ler junto com a vovó, jogar joguinho de palavras. Eu não lembro que livro a gente lê juntas, mas a gente lê qualquer livro” (Eduarda, 10 anos, neta de D. Amanda).

Eduarda vê a avó estudando, já foi na escola dela e os materiais escolares da avó são de seu grande interesse. “A vovó tem apontador, tesoura, cola, lápis e borracha. São legais – se referindo aos materiais da avó. Eu uso todos esses materiais, igual à vovó”. Alice e André ainda não estiveram presentes no Recriavida junto com seus avós durante as aulas, mas no decorrer da nossa conversa, além de demonstrarem interesse pelos materiais que os avós usam para estudar, afirmaram, animados, que querem muito assistir uma aula junto com os seus avós.

O mais legal que minha avó usa na escola é o caderno. Tudo tá no caderno. As atividades e as coisas que ela faz. O caderno é muito importante! (Alice, 10 anos, neta de D. Maria).

Meu vô vai pra escola e leva lápis de colorir e de escrever, caderno. O lápis de cor é a coisa mais legal que ele tem! Dá pra colorir, desenhar e escrever com os lápis (André, 9 anos, neto do Sr. Joaquim).

Embora não tenhamos perguntado nada especificamente sobre isso, foi possível perceber que os netos têm muita curiosidade pelo material escolar dos avós. Isso é muito interessante, uma vez que o caderno é um símbolo da educação escolar e que, segundo observamos, é o instrumento que liga os universos escolares dos avós para com seus netos. As crianças reconhecem esses símbolos por estarem vivenciando o ambiente escolar e há uma forte interação através deles. As duas gerações, tão distantes, se unem em torno de uma prática que os dois reconhecem e gostam. Os avós ficam orgulhosos por isso, ao passo que os netos sentem os avós mais próximos.

Nesse sentido, o tempo de convivência entre avós e netos acontece num contexto em que não apenas os avós têm interesse nas atividades e cuidados com os netos, mas, também, o contrário ocorre. Esse acontecimento fortalece a proximidade e a intimidade entre avós e netos (SOUZA, 2006).

3.2.2 Situações de apoio, cooperações e conflitos com os avós

Eduarda fala com carinho da avó e dos estudos. Ela acha legal a avó estudar e gosta de ir no Recriavida com ela pra a ver estudando e cuidar dela. De acordo com a neta, a avó “estuda para aprender e ser inteligente”. A menina considera os estudos muito importantes para aprender e ter uma profissão quando crescer e nos conta que quer ser veterinária.

Ao falar das pessoas que convivem consigo, Eduarda nos relatou que em sua casa moram sete pessoas. A avó, que estava do lado da neta, disse: “Conta no dedo que você sabe”. Eduarda contou nos dedos em silêncio e disse: “oito pessoas”. Eduarda é estudante do Ensino Fundamental I, e nos contou que gosta muito de ir à escola: “(...) A vovó pergunta como foi meu dia na escola. Eu gosto da escola que eu estudo. Gosto de brincar, merendar...”.

Escutando o discurso da neta, a avó completou com “Estudar...”, chamando a atenção da neta para o que ela julga como a atividade mais importante a ser feita na escola e que a neta não mencionou. Eduarda deseja voltar ao Recriavida quando as aulas da avó retornarem.

André, assim como Eduarda, contou nos dedos para nos dizer quantas pessoas moram na mesma casa que ele. Porém, não precisou de intervenção do avô. Decidiu logo contar nos dedos apontando o nome de cada pessoa na medida em que ia contando. Atualmente, são quatro pessoas morando na mesma casa: “O vovô, meu tio, minha mãe e eu”.

André nos concedeu a entrevista primeiro que o avô. No instante que nos disse que sua mãe morava junto com ele e o avô, o Senhor Joaquim interrompeu o neto, se mostrando muito preocupado com esse retorno da mãe que, segundo ele, nunca esteve presente na criação do André e “apareceu” no início da pandemia para morar definitivamente com eles. Nas palavras do Senhor Joaquim, “essa é a filha que tem menos juízo”. Ele fica preocupado com o neto e como ele irá reagir “quando a mãe for embora”, já prevendo que sua filha novamente sairá de casa para viver em outro lugar.

Ao falar da escola, André nos explicou que vai para a creche pela manhã e para a escola durante a tarde. O avô leva e busca para ambos os lugares, e que, quando é necessário, alguma vizinha o faz, ajudando na dinâmica do dia.

Ao falar da importância dos estudos, André nos disse: “É legal o vovô estudar porque ele aprende as mesmas coisas que eu já sei”. Logo em seguida, completou: “Eu ainda não fui na Recriavida com meu avô, mas quando as aulas dele voltarem eu quero ir. Estudar é muito importante! Se a gente não estudar, a gente não vai ser nada na vida. Eu ainda não decidi o que eu vou ser quando eu crescer... se é jogador de futebol ou desenhista”.

A entrevista foi realizada durante o período de férias da escola de André que, assim como outras crianças entrevistadas, estava com aulas *online* por causa da Pandemia da COVID-19. Ao lembrar da escola, o garoto afirmou gostar muito do recreio, quando ele consegue lanchar e brincar com os colegas. E que gosta de fazer atividades de matemática porque ele “é muito bom em fazer contas, igual ao seu avô”.

Nossa terceira neta entrevistada, Alice, relatou que com ela moram sua mãe, seu pai e sua avó. Relatou também que tem dois irmãos que não moram na casa porque eles são filhos só do seu pai. Mostrou-se muito contente ao falar que mora com sua avó e contou que o momento “mais legal” é quando os primos estão todos juntos.

Ao falar da escola em que estuda, nos revelou: “Eu estudo lá em Furquim. Tem carro pra ir pra aula. Com a pandemia a gente tinha apostila pra estudar, fazer as atividades. Mas é muito melhor as aulas na escola”. Alice acha que a escola “estava muito difícil e que não é legal” estudar em casa porque ela precisava de ajuda e não tinha ninguém pra ajudar. A avó

que estava ao lado interveio: “A gente fica preocupada, né? O tempo todo. Mas não tem como fazer muita coisa...” (D. Maria, avó de Alice).

Como já foi dito anteriormente, Dona Maria não consegue ajudar efetivamente na explicação das tarefas de casa da neta, porém, se mostra preocupada, a todo momento, com a escolarização da menina, e fica sempre atenta nos momentos em que a neta realiza as tarefas da escola, não deixando que Alice copie nada da internet.

Existem diversos graus de intensidade nessas atividades que se caracterizam em um aprendizado mútuo. Segundo Mainetti e Wanderbroocke (2013), esse processo produz benefícios para todos os participantes – benefícios esses que traduzem conhecimento e afeto mútuos. Tudo isso resulta em uma visão realista sobre as demais gerações, fatos estes decisivos para a relação com as crianças e os idosos.

Ao investigar o peso do apoio intergeracional da avó para a escolarização dos netos, bem como a importância dos netos no processo de escolarização da avó, a pesquisa nos possibilitou compreender um pouco da interação entre as duas gerações.

Dessa forma, pudemos constatar, a partir da literatura analisada e das entrevistas, que os avós concederam que, embora tenham baixa escolaridade, transmitem valores e oferecem apoio emocional às crianças sob sua guarda e/ou cuidado, e que isso se reflete no desempenho escolar das crianças. A pesquisa também nos mostrou a importância que as crianças dão a volta de seus avós aos estudos. Tais trocas e comportamentos se refletem no incentivo que dão a permanência desses avós nos estudos.

Outro achado importante desta pesquisa refere-se à importância que os avós dão ao retorno aos estudos para ajudar os netos. Mesmo que não consigam ajudar efetivamente, explicando as tarefas de casa, eles se acham mais capacitados do que antes porque voltaram a estudar.

Foi possível, também, perceber que os netos têm muita curiosidade pelo material escolar dos avós. Isso é muito interessante porque o caderno é um símbolo da educação escolar que os conecta ainda mais. As crianças reconhecem esses símbolos, uma vez que já estão inseridos no espaço escolar e há uma forte interação através deles. É como se duas gerações tão distantes se unissem em torno de uma prática que os dois reconhecem e gostam. Os avós ficam orgulhosos por isso e os netos sentem os avós mais próximos.

Em síntese, este capítulo trouxe uma discussão a respeito do que foi possível observar durante as entrevistas, mesmo que elas tenham acontecido de forma remota. A proximidade já existente com os avós e a maioria dos netos entrevistados possibilitou uma interação maior,

pois todos pareciam estar à vontade durante o momento da conversa. A seguir, nas considerações finais, colocamos em evidência um dos achados da pesquisa, que é a admiração mútua entre avós e netos quando ambos se encontram em processo de escolarização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já mencionado no início desta dissertação, a partir de 1960, houve no Brasil uma forte redução na taxa de mortalidade, o que resultou em grande aumento do número de idosos. Logo, o envelhecimento populacional vem trazendo mudanças muito significativas, impactando na vida dos indivíduos, nas estruturas familiares e na sociedade. Com mais saúde e uma renda mínima garantida por meio da Previdência Social, muitos deles estão auxiliando seus filhos e netos, ou mesmo buscando a realização de antigos sonhos, como voltar a estudar, por exemplo.

O retorno dos idosos aos estudos é complexo e envolve muitas coisas que vão além do antigo desejo de estudar, como as condições de saúde e financeiras e o apoio da família. Os dados trazidos nesta pesquisa nos mostram que ainda há muitos idosos analfabetos ou com escolaridade muito baixa, e sabemos que, infelizmente, a modalidade da Educação de Jovens e Adultos não tem alcançado a todos os que desejam estudar. Faltam, ainda, políticas de apoio e de expansão das salas de EJA para que os idosos tenham mais oportunidades para a volta às aulas. Trata-se de um direito básico que não está garantido para todos em pleno século XXI.

Para além dos benefícios diretos para os próprios idosos, a volta à escola também traz mudanças nas relações familiares. Esta pesquisa nos revelou que as relações entre avós e netos possibilitam novos aprendizados para ambas as gerações, mas que, especificamente quando avós e netos estão em processo de escolarização, nesse processo acontecem diferentes trocas. Trata-se de temática ainda pouco estudada no campo da educação e que despertou o nosso interesse no fenômeno. Assim, a partir das discussões propostas pelas pesquisas nas áreas das relações intergeracionais e da educação de adultos, trouxemos como questão principal para esta pesquisa a pergunta: *qual a influência do processo de escolarização tardia dos avós cuidadores nas práticas educativas dos netos em fase de alfabetização ou nas séries iniciais do Ensino Fundamental?*

Para responder a tal indagação, elaboramos como objetivo principal analisar a influência do processo de escolarização tardia dos avós cuidadores nas práticas educativas dos netos em fase de alfabetização ou nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Para nos auxiliar a atingir esse propósito, elaboramos os objetivos específicos: analisar situações de apoio, cooperação e conflitos entre avós estudantes da EJA e netos em processo de alfabetização ou Fundamental I; compreender a importância que os netos dão à volta dos avós à escola e investigar a relevância da escola atribuída pelos avós e pelos netos.

Na busca de respostas para nossos questionamentos, discutimos inicialmente as mudanças significativas que as configurações familiares vêm sofrendo, trazendo novas relações, vivências e experiências para toda a família. Em seguida, apresentamos uma discussão sobre a volta do idoso aos estudos e como a escola se configura em aprendizagem e sociabilidade para esses indivíduos. Por último apresentamos o perfil de três avós entrevistados e de seus netos e as análises das entrevistas. Para oferecer embasamento teórico sobre os temas abordados, utilizamos autores como: Nogueira e Fortes (2007), Bourdieu (1996), Lahire (1997), Salles (2005), Serra (2012), Jardimino; Araújo (2014), Silva (2017), Torres (2019), Azambuja (2016) entre outros.

As entrevistas foram realizadas com três pessoas acima dos 60 anos, frequentadoras da Oficina de Alfabetização e Letramento do Recriavida, em Mariana, MG, e seus netos. Fui extensionista na Oficina de Alfabetização, momento que despertou muitos questionamentos sobre a importância da educação escolar para os idosos e as gerações seguintes. Foi assim que começou a minha interação com esses avós/idosos e, posteriormente, com seus netos, fazendo com que fosse possível fazer a seleção dos indivíduos que se enquadravam nos objetivos desta pesquisa.

Em decorrência da pandemia da COVID-19, e nos adaptando às novas regras de distanciamento social, em especial porque os entrevistados pertencem ao grupo de risco, fizemos as entrevistas *online* pelo programa Google Meet e conseguimos informações importantes e valiosas sobre a trajetória escolar de nossos entrevistados e sobre como são estabelecidas as relações entre eles.

Julgamos que o fato de não ser possível a interação física com nossos entrevistados foi um fator limitante da pesquisa, uma vez que ficamos impossibilitados de fazer outras observações no local da entrevista e de interagir pessoalmente com os avós e as crianças. Porém, por meio da gravação, foi possível ver as expressões dos entrevistados e como eles estavam se sentindo durante a nossa conversa. Nas entrevistas, buscamos conhecer melhor a trajetória de vida e também de escolarização de cada um dos avós estudantes da Oficina de Alfabetização, bem como procuramos saber sobre seus netos, as relações estabelecidas entre ambos, os cuidados que os avós têm com cada um e, principalmente, o que os netos acham sobre seus avós também estarem estudando.

Foi possível compreender um pouco como ocorre essa interação entre avós e netos e constatar que ambos demonstram interesse no processo de escolarização em que o outro se encontra. Percebemos que os conflitos entre esses avós e seus netos, onde ambos estão em

processo de escolarização, podem ser da ordem do tempo em que cada um está vivenciando esse processo escolar. Os valores, a ideia de escola, a mudança nos conteúdos aprendidos durante as aulas e as formas de ensinar e aprender, quando comparadas nas duas gerações, são bem diferentes. Ainda assim, os avós conseguem apoiar seus netos, mesmo que não consigam ajudar significativamente, explicando as tarefas de casa, por exemplo. Ficou nítido durante os relatos nas entrevistas que esses avós se acham mais capacitados agora do que antes porque voltaram a estudar. Esse é um achado importante desta pesquisa, pois os avós dão importância ao próprio retorno aos estudos para ajudar os netos.

Também consideramos importantes outros achados da pesquisa. Confirmando o que traz a literatura, embora tenham baixa escolaridade, os avós transmitem valores e oferecem apoio emocional às crianças sob seus cuidados, e isso se reflete no desempenho escolar das crianças. Ademais, os netos se mostraram animados e prontos para ajudarem os avós nas atividades escolares caso seja necessário, demonstrando a importância que as crianças dão a volta de seus avós aos estudos. Nesse sentido, as duas gerações, tão distantes, se unem em torno de uma prática que ambas reconhecem e gostam: a educação escolar. Os avós ficam orgulhosos dos avanços na aprendizagem de seus netos e os netos sentem os avós mais próximos e interessados.

Quando os idosos voltam para a escola, eles adquirem novos conhecimentos e, com isso, sentem-se valorizados e capazes de se apropriarem de um espaço que, até então, não lhes pertencia. Com isso, obtêm conquistas tanto no âmbito social como no familiar, pois são admirados por seus netos.

O título dessa dissertação traz a pergunta de um neto quando soube que a pesquisadora era a professora de seu avô: *“Sério, tia, que você é a tia do meu avô?”*. A partir dela, procuramos nesta dissertação refletir sobre a vivência desse avô, um cidadão com direito à escolarização voltada para o público adulto/idoso, e como ele pode exercer esse direito, seja por meio do ensino não formal ou da EJA.

Foi possível perceber também, ao longo da pesquisa, que os netos têm muita curiosidade pelo material escolar dos avós. O caderno e os lápis de cor, símbolos da educação escolar, são objetos de admiração e mostram as novas aprendizagens. Assim, através das conversas sobre o conteúdo dos cadernos, da letra e dos deveres, os laços entre avós e netos se fortalecem.

Com tais constatações, podemos afirmar que nossos objetivos foram alcançados e que a pesquisa trouxe reflexões importantes sobre a relação avós e netos quando ambos estão em processo de escolarização.

A pesquisa pretendeu conferir mais visibilidade à discussão sobre avós e netos, uma vez que existem poucos estudos na área da Educação que abordam essa temática. Revelou, dessa forma, novas possibilidades de investigações futuras e um dos temas que merece ser discutido por futuras pesquisas é o impacto do gênero dos avós cuidadores, uma vez que é possível observar que as avós são as principais cuidadoras dos netos se compararmos aos avôs. A investigação também trouxe novas inquietações a respeito do impacto do processo de escolarização dos mais velhos na relação com os netos e na própria organização familiar. Tema que também merece ser identificado e avaliado em futuras pesquisas são as estratégias elaboradas pelas avós e avôs para conseguirem acompanhar seus netos na escola.

Finalizando, com esta dissertação demonstramos como a escola e o envolvimento com a educação impacta positivamente nos laços entre avós e netos e cria entre eles uma relação de cumplicidade e aprendizado mútuo. Por isso, reafirmamos aqui nosso compromisso e desejo de que sejam criadas e fortalecidas as políticas públicas que criem e consolidem condições concretas para que cada vez mais idosos realizem seu antigo sonho de voltar a estudar, pois os benefícios da aprendizagem vão muito além da satisfação própria atravessando gerações.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Pioneira, 1998.

ALVES, Samea. **Cuidar ou ser responsável?** Uma análise sobre a intergeracionalidade na relação avós e netos. 2013. 190f. (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2013.

ARAÚJO L., RIBEIRO O., PAÚL C. Envelhecimento bem sucedido e longevidade avançada. **Actas de Gerontologia**, Portugal, v. 2, n. 1, p. 1- 11, 2016.

ARROYO, Miguel. Formar educadoras e educadores de jovens e adultos. *In*: SOARES, Leôncio. (Org). **Formação de educadores de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica. SECAD-MEC/UNESCO, 2006, p. 17-32.

AZAMBUJA, Rosa M. da Motta. **O cuidar dos avós visto pelos netos em idade escolar**. 2016. 245f. (Tese de Doutorado). Universidade Católica de Salvador - UCSAL, Doutorado em Família na Sociedade Contemporânea, Salvador 2016.

AZAMBUJA, Rosa M da Mota; RABINOVICH, Elaine P.; RAMOS, Natália. **Avós e interculturalidade: “o que ensina e aprende com os netos”?** Comunicação e Interculturalidade Educação, Novas Tecnologias e Linguagens. Recife: Editora UFPE, 2018.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A Construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. 30. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

BENINCÁ, Ciomara Ribeiro Silva, GOMES, William B. Relatos de mães sobre transformações familiares em três gerações. **Estudos de Psicologia**, Rio Grande do Sul, v. 3, n. 2, p. 177 – 205, 1998.

BIROLI, Flávia. **Família: Novos Conceitos**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2014. (Coleção O Que Saber).

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação**. Porto, Portugal: Porto Editora, 1994.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade – Lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. *La distinction*. Paris: Minuit, 1979.

BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus, 1996

BOURDIEU, Pierre. *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes, 1998a.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases**. Lei no 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1996/lei-9394-20-dezembro-1996-362578-publicacaooriginal-1-pl.html> . Acesso em: 20 mar. 2021.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos:** Parecer CNE/CEB No 11/2000. Relator Conselheiro Carlos Roberto Jamil Cury. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2000. Seção 1, p. 1.

CABRAL, Benedita E. S. Família e Idosos no Nordeste Brasileiro. **Caderno CRH: gênero e família**, Salvador, n. 29, p.49-67, 1998.

CAMARANO, Ana Amélia. **Envelhecimento da população brasileira: uma contribuição demográfica**. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), 2002.

CAMARANO, Ana Amélia; KANSO, Solange. Perspectivas de Crescimento para a População Brasileira e Implicações para a Previdência Social. livro debates 2.indb 250. p. 27-57. 2011.

CAMPOS, Alexandra Resende. **Relações Raciais e Escolarização de Famílias Camponesas**. Curitiba: Editora Appris Ltda, 2018.

CAMPOS, Alexandra Resende. Problematizando a família sob novas lógicas de constituição e interação. **Revista Pedagógica - UNOCHAPECÓ**, Chapecó, ano 14, v. 1, n. 26, p. 59-85, 2011.

CARDOSO, Andréia R. **Avós no Século XXI - Mutações e Rearranjos na Família Contemporânea**. Curitiba: Ed. Juruá, 2011.

CARDOSO, Andreia Ribeiro; BRITO, Leila Maria Torraca. Ser avó na família contemporânea: que jeito é esse? **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 19, n. 3, p. 433-441, 2014.

CARMO, Gerson Tavares do; SILVA, Cristina Barcelos da. Da evasão/fracasso escolar como objeto “sociomediático” à permanência como objeto de pesquisa: o anúncio de uma construção coletiva. *In*: CARMO, G. T. (Org.). **Sentidos da permanência na educação: o anúncio de uma construção coletiva**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2016, p. 45-79.

CIRIACO, Gustavo Henrique. **A volta aos estudos: um olhar as formas de aprendizagem escolar do idoso**. Monografia. Departamento de Educação da Universidade Federal de Ouro Preto. 30f. Mariana. 2020.

COELHO, Maria Tereza Barros Falcão. Relação entre avós, netos e escola: uma abordagem bioecológica. Tese Doutorado - Universidade Católica de Pernambuco. Programa de Pós graduação em Psicologia Clínica, Doutorado em Psicologia Clínica, 2018.

COELHO, Maria Teresa Barros Falcão; DIAS, Cristina Maria de Souza Brito. Avós Guardiões: Uma Revisão Sistemática de Literatura do Período de 2004 a 2014. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Boa Vista, Recife, PE, v. 32 n. 4, pp. 1-7, 2015.

CORREIA, Maria da Conceição Batista. A observação participante enquanto técnica de investigação. **Pensar Enfermagem**, [s.l.], v. 13, n. 2, p. 30-36, 2009.

COURA, Isamara. **A terceira idade na educação de Jovens e Adultos: expectativas e**

motivações. 2007. 141f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

COUTRIM, Rosa M. E; BOROTO, Ivonieléia Gonçalves; VIEIRA, Livia Carolina; MAIA, Iara de Oliveira. O que os avós ensinam aos netos? A influência da relação intergeracional na educação formal e informal. GT12: Gerações – Entre Solidariedades e Conflitos. **XIII Congresso Brasileiro de Sociologia**, Recife, 29 maio a 1 junho de 2007. Disponível em: [//www.sbsociologia.com.br/congresso_v02/hot_papers.asp](http://www.sbsociologia.com.br/congresso_v02/hot_papers.asp). Acesso em 30 jun. 2021.

COUTRIM, Rosa M. E. Entre Gênero e Gerações: a fala de crianças educadas por avós e avôs. *In*: SOUZA, Marcio Ferreira de (Org.). **Desigualdade de Gêneros no Brasil: novas ideias e práticas antigas**. 1 ed. Belo Horizonte: Editora Argumentvm, v. 1, 2010, p. 287-299.

COUTRIM, Rosa Maria da Exaltação; FIGUEIREDO, Adriana Maria; OLIVEIRA JÚNIOR, José Antônio; RESENDE, Armanda O papel dos avós nos cuidados com a educação e a saúde das crianças. **Revista Estudos Aplicados em Educação – REAe**, Ouro Preto, v. 3, n.5, p. 101-110, 2018.

DOLL, Johannes. Educação e Envelhecimento: Desafios no mundo contemporâneo. *In*: ANICA, Aurízia; FRAGOSO, Antônio; RIBEIRO, Carlos, SOUZA, Carolina de (Orgs). **Envelhecimento Ativo e Educação**. Portugal: Universidade de Algarve: e-book, 2014, p. 205-249.

DUBAR, Claude. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador** – Volume 1: Uma História dos Costumes. Trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FÁVERO, O. Políticas públicas de educação de jovens e adultos no Brasil. *In*: SOUZA, J. dos S.; SALES, S. R. (orgs). Educação de Jovens e Adultos: políticas e práticas educativas. Rio de Janeiro: NAU Editora: EDUR, 2014. 240p., pp. 29-48.

FERRIGNO, José Carlos. A co-educação entre gerações. **Rev. bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v.20, p.67-69, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: Ed. Unesp, 2001.

FERRAÇO, Eduardo. Pesquisa com o cotidiano. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 28, n. 98, p. 73-95, jan./abr. 2007. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em jan de 2022.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Brasil em Síntese**. Rio de Janeiro: IBGE, 2015.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Retratos** – Novos arranjos familiares. Rio de Janeiro: IBGE, 2017.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira.** Rio de Janeiro: IBGE, 2016.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2019. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/> . Acesso em: jan de 2022.

JARDILINO, José Rubens Lima. ARAÚJO, Regina Magna Bonifácio de. **Educação de Jovens e Adultos: sujeitos saberes e práticas.** 1. ed. São Paulo: Cortez, 2014.

KACHAR, Vitória. **Terceira idade e informática: aprender revelando potencialidades.** São Paulo: Cortez, 2003.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável.** Tradução de Ramon Américo Vasques e Sonia Goldefer. São Paulo: Ática, 1997.

MACHADO, Selma Suley Lopes. **Gênero, geração e o legado das avós: estudo com famílias de camadas populares em Belém-Pa.** IV Jornada Internacional de Políticas Públicas. Anais [...] São Luís – MA, Agosto 2009, p. 131-137.

MAINETTI, Ana Carolina; WANDERBROOKE, Ana Cláudia Nunes de Souza Avós que assumem criação dos netos. **Pensando Famílias, cidade,** v. 17, n. 1, p. 87-98, 2013.

MARANGONI, Jacqueline F. C. **“Meu tempo, seu tempo”:** refletindo sobre as relações intergeracionais a partir de uma intervenção no contexto escolar. 2007. 132f. (Dissertação de Mestrado). Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia, Brasília, 2007.

MENDES, Denise Gonçalves. **A Perspectiva da Aprendizagem do Idoso na EJA: conquistas e desafios.** Trabalho de conclusão de curso de Pedagogia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Por Alegre. p. 1- 43. 2016.

MOREIRA, Larissa S.; SILVA, Fernanda Aparecida Oliveira Rodrigues; JORGE, Liliane dos Santos. **Alfabetização do adulto e escolarização de seus descendentes: estudos dos efeitos de irradiação.** Relatório final de pesquisa: PIBIC/CNPq, 2018.

MONTOYA, Adrian Oscar Dongo. **Piaget: imagem mental e construção do conhecimento.** São Paulo: Editora UNESP, 2005.

MINUZZI, I.H. Elos da memória: o discurso dos avós sobre a cultura. Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura Regional), 2007, 86f. Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2007.

NERI, Anita Liberalesso; DEBERT, Guita Grin (Org.). **Velhice e sociedade.** Campinas: Papirus, 1999.

NOGUEIRA, Maria Alice. A relação família-escola na contemporaneidade: fenômeno social/interrogações sociológicas. **Anál. Social,** [s.l.], n.176, p.563-578, 2005.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins. Escolha racional ou disposições incorporadas: diferentes referenciais teóricos na análise sociológica do processo de escolha dos estudos superiores. **Estudos de Sociologia,** Recife, v. 18, p. 10-40, 2012.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins; NOGUEIRA, Maria Alice. A Sociologia da Educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. **Educação e Sociedade**, Belo Horizonte, ano XXIII, n. 78, p. 15-36, 2002.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins; FORTES, Maria de Fátima Ansaloni. A importância dos estudos sobre trajetórias escolares na Sociologia da Educação contemporânea. *Revista Paideia*, Belo Horizonte, ano III, n. 2, p. 57-74, 2004.

BOURDIEU, Pierre. Escritos de educação. *In: Futuro de classe e causalidade do provável*. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 81-126.

OLIVEIRA, Carina Manuela da Rocha de. **A criança e a família no processo de socialização**. Publicado em 30 de May de 2016. Disponível em <https://www.webartigos.com/artigos/a-crianca-e-a-familia-no-processo-desocializacao/143039>. Acesso em 19 de mar. de 2021.

OLIVEIRA, Cristina Maria N. **Relações intergeracionais: um estudo na área de Lisboa**. 2011. 76f. Dissertação (Mestrado em Política Social). Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2011.

OLIVEIRA, Marta K. **Ciclos de vida: algumas questões sobre a psicologia do adulto**. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.30, n.2, p. 211-229, 2004.

OLIVEIRA, Marta K. Jovens e Adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem. *Anais da 22ª Reunião anual da ANPEd*, Caxambu, set. 1999, 24f.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. **Vidas Compartilhadas** - Cultura e co-educação de gerações na vida cotidiana. São Paulo: Hucitec: Fapesp: 1999.

PENA, Mariza Aparecida Costa. **Caminhos de estudantes participantes da Política de Ação Afirmativa: oportunidades e desafios no ensino superior**. 2017. 241 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2017.

PEREIRA, Jacqueline Mary Monteiro. A escola do riso e do esquecimento: Idosos na educação de jovens e adultos. *Educação em Foco*, Juiz de Fora, v. 16, n. 2, p. 11-38, set. 2011/fev. 2012.

PORTES, Écio. O trabalho escolar das famílias populares. *In: NOGUEIRA, Maria A.; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir. (Orgs.) Família & Escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. Petrópolis: Vozes, 2003.

PARREIRAS, Ninfa. **Família: minha pátria, minha língua: ensino fundamental**. Coleção Vivenciar. São Paulo: DCL, 2010.

RABINOVICH, Elaine Pedreira; MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos; FRANCO, Anamélia. Papéis, comportamentos, atividades e relações entre membros da família baiana. *Psicologia & Sociedade*; v.24, n 1, p.139-149, Universidade Católica do Salvador, Salvador. 2012.

RAMOS, Anne C. **Meus Avós e eu**: as relações intergeracionais entre avós e netos na perspectiva das crianças. 2011. 464 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

ROSA, Denise Costa. **Quando as Obrigações Escolares são Administradas pelos Avós**: um estudo sobre as práticas educativas dos avós cuidadores dos netos. 2018. 107f. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2018.

RIBEIRO, Vera. Alfabetismo funcional: Referências conceituais e metodológicas para a pesquisa. **Educação & Sociedade**, São Paulo, ano XVIII, n. 60, p. 144-158, 97.

SABOIA, Ana Lucia; COBO Bárbara; MATOS Gonçalves Gilson. **Desafios e possibilidades da investigação sobre os novos arranjos familiares e a metodologia para identificação de família no censo 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais, 2012.

SANTOS, Geovania L. dos. **Educação Superior ainda que tardia [manuscrito]**: sentidos de formação e significados do diploma entra adultos com antecedente escolar na EJA. 2019. 336f. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

SANTOS, Marcolino Sampaio; OLIVEIRA, Gilma Benjoino; BISPO, Luciana Santos; SANTOS, Jaciara de Oliveira Sant'Anna. **O papel da família na escolarização do indivíduo**. VI Congresso Nacional de Educação – Conedu – 2019. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO_EV127_MD1_SA17_ID10197_04092019104207.pdf. Acesso em: em 30 jun. 2021.

SALLES, Leila Maria Ferreira. **Infância e adolescência na sociedade contemporânea: alguns apontamentos**. *Estud. psicol.*, Campinas, v. 22, n.22, p. 33-41, 2005.

SARRETA, Eliana. **O idoso na sala de aula: um novo ator**. Simpósio Internacional de Ensino de Língua Portuguesa – SIELP, 1, p 315 – 326, 2011, Uberlândia. **Anais [...]** Uberlândia: EDUFU, 2011.

SARTI, Cynthia. A. Família e jovens: no horizonte das ações. *Revista Brasileira de Educação*, n. 11, Anped. 1999.

SCORALICK-LEMPKE, Natália Nunes; BARBOSA, Altemir José Gonçalves. Educação e envelhecimento: contribuições da perspectiva Life-Span. Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas, Departamento de Psicologia. *Campinas*. n. 29. p. 647 – 655, 2012.

SERRA, Deuzimar Costa. Gerontagogia dialógica intergeracional para autoestima e inserção social de idosos. Tese Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 269 f. 2012.

SEQUEIRA, Marlene Sousa. **Avós e Netos**: Uma Relação Intergeracional na Perspectiva dos Avós Uma realidade na Freguesia de Alpalhão. 2014. 48f. Dissertação (Mestrado em Gerontologia Social). Escola Superior de Educação de Portalegre, Portugal. 2014.

SILVA, Camille Auatt. **O idoso na EJA: percepções sobre o retorno e a permanência**

escolar. 122f. 2017. Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF, Programa de Pós-graduação em Cognição e Linguagem-PPGCL, Campos dos Goytacazes – RJ Abril – 2017.

SILVA, Elisabeth Ramos da; ABUD, Maria José Milharezi. Tia ou professora? O resgate do sentido e significado da palavra “tia” nas representações infantis. *Revista Caminhos em Linguística aplicada*. Taubaté. v. 10, n 1. p. 190 – 213. 2014.

SZYMANSKI, Heloisa; ALMEIDA, Laurinda R.; PRANDINI, Regina C. A. R. **A entrevista na Pesquisa em Educação: a prática reflexiva**. 4. ed. Brasília: Liber Livro, 2011.

THIN, Daniel. Para uma análise das relações entre famílias para uma análise das relações entre famílias populares e escola: confrontação entre lógicas socializadoras. **Revista Brasileira de Educação**, [s.l.], v. 11, n. 32, p. 211- 370, 2006.

TINTO, V. Dropout from higher education: a theoretical synthesis of recent research. **Review of Educational Research**, [s.l.], n. 45, p. 89-125, 1975.

TOMIZAKI, Kimi. Transmitir e Herdar: o estudo dos fenômenos educativos em uma perspectiva intergeracional. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 31, n. 111, p. 327-346, 2010.

TORRES, Karine de Andrade. **A relação entre avós idosos(as) e netos(as) por meio das tecnologias de informação e comunicação**. 2019. 133 f. Tese (Doutorado). Universidade Católica de Pernambuco, Pernambuco, 2019.

VITALE, Maria Amália Faller; ACOSTA, Ana Rojas. (orgs). Avós: velhas e novas figuras da família contemporânea. *In: Família: redes, laços e políticas Públicas*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005, p. 93-103.

VÓVIO, Cláudia Lemos. Construções identitárias: ser leitor e alfabetizador de jovens e adultos. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, São Paulo, v. 8, n. 3, p. 439-466, 2008.

ZAGO, Nadir. Processos de escolarização nos meios populares: As contradições da obrigatoriedade escolar. *In: NOGUEIRA, Maria Alice, ROMANELLI, Geraldo, ZAGO, Nadir (Orgs). Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

ZUCOLOTTO, Marcele Pereira da Rosa; RIBEIRO, Andrea Ribeiro. Avós cuidadoras e seus netos: uma reflexão sobre as configurações familiares. **Disciplinarum Scientia**, Santa Maria, v. 16, n. 1, p. 27-41, 2015.

APÊNDICE 1 - ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS AVÓS



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
Pesquisa: "Sério, tia, que você é a tia do meu avô?"
Relação avós e netos e processo de alfabetização nas camadas populares

Roteiro de entrevista para os avós participantes da Oficina de Alfabetização e Letramento - Recriavida

Dados pessoais

Nome:

Idade:

Cor/raça:

Estado civil:

O/a sr. Trabalha?

Qual é ou era sua profissão?

Antes de ingressar na Oficina de Alfabetização e Letramento, em qual série você parou os estudos?

Com quem o sr/a sra. mora?

Se é casado/a qual a profissão da esposa/marido?

Quais as pessoas que trabalham na sua casa?

Me diga mais ou menos qual é a renda mensal da família. o sr/a sra.

O sr/a sra. tem netos?

Qual a idade deles?

Eles estudam? Em que ano?

Algum deles mora na mesma casa que o sr/a sra. ou próximo à sua residência?

O sr/a sra. é responsável ou auxilia nos cuidados de algum desses netos?

Se sim, qual a idade dele ou dela?

Eixo 1: Processo de escolarização e importância da escola (para si e para os netos)

Me conte como foi a sua infância.

Quem vivia com o sr/a sra quando era criança?

Como foi sua vida escolar quando era criança e jovem?

Alguém na sua família ajudava nos deveres que a escola enviava e nos estudos? (quem e como era)?

O sr/a sra gostava de estudar?

O que era mais interessante para o sr/a sra na escola?

Por que parou os estudos?

O sr/a sra voltou a estudar outras vezes antes do Recriavida? Por que?

Qual a importância da escola na sua vida? (explorar bem essa questão)

O sr/a sra acha importante a escola na vida dos seus filhos e netos?

Seus filhos estudaram até que ano?

O sr/a sra gostaria que eles tivessem estudado mais?

Eixo 2: Práticas educativas na escolarização dos netos

Vamos falar agora sobre seu/sua neto/a que está mais próximo do sr/a sra.

Por que o Sr. (a) começou a cuidar do(a) neto(a)? (o que aconteceu para que ficasse sob sua responsabilidade).

Esse neto/essa neta mora com o sr/a sra?

Qual período seu/sua neto/a fica sob seus cuidados? (quantas horas por dia)

O pai e/ou a mãe da criança mora com o seu/sua neto/a?

O pai e/ou a mãe da criança mora com o sr/a sra ?

Quem é o principal responsável pelo seu/sua neto/a?

No dia a dia o sr/a sra. tem quais tarefas com seu/sua neto/a?

Tem alguém que te ajuda nessas tarefas ou em outras que precisa fazer?

Há quanto tempo o sr/a sra cuida do seu/sua neto/a?

Existe diferença nos cuidados com seu/sua neto/a hoje daqueles que o sr/a sra tinha com seus filhos(as)?

Seu/sua neto/a está estudando? Se sim, em qual serie/ano?

Qual a atividade que seu/sua neto/a mais faz no seu tempo livre?

Seu/sua neto/a participa de alguma atividade extraescolar? (dança capoeira, catecismo/evangelização, etc.).

Quem leva e busca nesta atividade?

O sr/a sra conhece a professora dos seu/sua neto/a?

Em que situação o sr/a sra comparece na escola de seu/sua neto/a?

Quem participa das reuniões de pais e responsáveis na escola dele/a?

Já aconteceu do sr/da sra procurar os professores ou a direção da escola de seu/sua neto/a por conta própria, independente de ser chamado(a) pela escola?

Quem leva e busca seu/sua neto/a na escola?

Pra quem a escola de seu/sua neto/a liga quando acontece alguma coisa com ele/a?

Seu/sua neto/a é bom/boa aluno (a)? (explorar se tem boas notas, se faz bagunça, se briga com os colegas, se se comunica bem com a professora, se faz os deveres).

O sr/a sra faz perguntas a seu/sua neto/a sobre como foi o seu dia na escola?

Seu/sua neto/a te conta coisas relacionadas à escola?

O sr/a sra tem interesse no que ele/ela está aprendendo?

O sr/a sra conversam sobre o que estão aprendendo na escola? Sobre o que?

Seu/sua neto/a tem horário estipulado para fazer as atividades escolares (dever de casa)?

Quem ajuda seu/sua neto/a no dever de casa ou em alguma dificuldade que ele/a possa ter em relação ao que ele está aprendendo na escola?

O sr/a sra olha os cadernos dele/a?

Tem alguém na família que olha os cadernos dele/a?

Quem acompanha o boletim dele/a?

Se as notas não são boas, quem chama a atenção dele/a?

Após o sr/a sra voltar a estudar, o sr/a sra já ensinou alguma tarefa de casa para seu/sua neto/neta?

O sr/a sra conversa muito com seu/sua neto/a, dá conselhos?

Que tipos de conselhos?

Ele/a dá ouvidos aos seus conselhos?

Qual de seus conselhos o sr/a sra, gostaria que seu/sua neto/a seguisse?

O sr/a sra espera/deseja para o futuro de seu/sua neto/a?

Como o sr/a sra o está ajudando para que ele alcance esse futuro almejado?

Quais são as vantagens de cuidar de neto/a?

Quais as desvantagens?

Eixo 3: Situações de apoio, cooperação e conflitos com os netos

O que seus netos acham sobre sua volta aos estudos?

Vocês conversam sobre as suas aulas?

O que chama mais a atenção dele/a nos seus estudos (interesse dos netos) (volta à escola, caderno, tarefas distintas, trabalhos, leituras, etc)?

O que significa para o sr/a sra estar estudando na mesma época que seu/sua neto/a?

Antes de voltar a estudar a sua relação com os estudos do seu neto era diferente? Como?

O sr/a sra acha que o fato de estar estudando também ajuda ou atrapalha os estudos de seu/sua neto/a?

O fato de cuidar do/da seu/sua neto/a incentivou o sr/a sra voltar a estudar?

APÊNDICE 2 - ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS NETOS



UFOP

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
Pesquisa: "Sério, tia, que você é a tia do meu avô?"
Relação avós e netos e processo de alfabetização nas camadas populares

Dados pessoais:

Nome:

Idade: _____ anos

Sexo: () Feminino () Masculino

Quem são as pessoas que moram na mesma casa que você?

Você estuda? Em qual série?

Seu/sua avô/avó pergunta como foi o seu dia na escola?

Eixo 1: Importância da escola (para si e para o avô)

Você gosta da sua escola?

Do que você gosta mais na escola?

Você acha importante estudar? Por que?

Você sabia que o seu avô/avó também estuda?

O que você pensa sobre isso?

Você conhece o Recriavida onde seu/sua avô/avó tem aulas?

Se sim, você gosta do lugar?

Você gostaria de ir para o Recriavida junto com seu/sua avô/avó? Por que?

Eixo 2: Situações de apoio, cooperação e conflitos com os avós

O que você acha de morar na mesma casa que seu/sua avô/avó?

Qual atividade você mais gosta de fazer com seu/sua avô/avó?

Se você já tiver ido com seu/sua avô/avó para o Recriavida, o que você fez durante as aulas do seu/sua avô/avó?

Você já viu o caderno do seu/sua avó/avô? O que você achou?

Qual o material escolar que seu avô/avó utiliza e você mais gosta? Você também usa esse material na escola?

Quando seu/sua avô/avó leva atividades (para casa) para fazer em casa, você ajuda?

Você já ajudou seu/sua avô/avó em alguma atividade escolar?

Você se lembra de alguma atividade que seu avô/avó levou para fazer em casa e você gostou muito?

Me conta como foi essa atividade?

E você, já levou já fez alguma atividade da escola que seu avô te ajudou? Me conta como foi.

O que você acha do seu/sua avô/avó estar estudando agora?

Você acha que ele/ela deve continuar estudando? Por que?